



País calmoso e hereditário

crônicas

carlos motta



Os textos que compõem este livro foram publicados originalmente no blog *Crônicas do Motta* (<http://cronicasdomotta.blogspot.com>), que lancei em 2007 e para o qual venho escrevendo desde então.

As 132 crônicas aqui reunidas foram selecionadas entre as cerca de 2.300 que publiquei no blog.

Abordam um pouco de tudo: política, economia, futebol, artes, comportamento...

Refletem, de certo modo, a minha visão do mundo, a minha formação intelectual e ideológica.

E como vejo o Brasil, esse “país calmoso e hereditário”, título de uma das crônicas, que remete ao lendário episódio da história de Guarapari, no Espírito Santo, que deu origem à peça – depois novela – “O Bem Amado”, de Dias Gomes.

Para mim o Brasil é mais ou menos isso: um país calmoso, no sentido de que sempre vivemos uma paz aparente, superficial, e hereditário porque as nossas mazelas se perpetuam e parecem não ter fim.

Manter o blog por tantos anos foi, ao mesmo tempo, uma tarefa difícil, por exigir uma disciplina que muitas vezes fui tentado a quebrar, e prazerosa, porque apenas por meio da escrita é possível ao cidadão comum – o meu caso – se vingar, seja pela ironia, seja pela contundência, dos hipócritas e cínicos que rebaixam a humanidade.

Embora tenha trabalhado em redações por mais de 40 anos, nunca pretendi exercer o jornalismo no blog – ele é apenas a expressão de um exercício de cidadania, misturado ao prazer que a escrita me proporciona.

Espero que estas crônicas desprezenciosas consigam transmitir esse sentimento a quem se atrever a lê-las.

Carlos Motta

01. IMPRENSA

Três linhas até nove toques.....	09
O melhor está no fim.....	12
Manchetes nada exemplares.....	13
Sutilezas.....	15
Gorbachev e o jornal errado.....	17
O idealismo custa pouco.....	19
Os olhos azuis do ditador.....	21
Portas abertas para o crime.....	23
A noite em que deixei de ser jornalista.....	24
As conjunções adversativas.....	26
Vozes juvenis.....	28
O novo velho Estadão.....	30
Os reis do riso.....	33
Papel em branco.....	35
Que país é este?.....	36
Direito de resposta.....	37
Imprensa livre e independente.....	38
O fantasma de Alfaiate.....	40
Aberração.....	42
O quarto poder.....	44
O mundo ideal dos patrões.....	46
Não ganhou por quê?.....	49
A ética do boimate.....	51
O fim do Jornal da Tarde.....	54
Surdo e mudo.....	56
“O.P.” e outras picaretagens.....	59
O mais completo besteirol.....	61

ÍNDICE

A ficção do jornalismo econômico.....	64
Acredite se quiser!.....	67
A mortal receita dos neoliberais	70
Como se faz um jornalão	72
Liberdade de imprensa?	76

02. INTERNACIONAL

O rato e o urso.....	79
O Coelho e o fim das coisas.....	81

03. FÚTEBOL

Copa de risco	84
De chorar de rir	86
Bola de ouro.....	88
O rei dos cartolas	89

04. RELAÇÕES EXTERNAS

It's amazing!.....	92
--------------------	----

05. CINEMA

Espelho do Brasil	93
No reino do absurdo.....	95
Gosto de veneno	97
Lições de humanidade.....	99
Política e humanismo.....	101
Uma metáfora da arte	104
Sherlocks.....	106

06. LITERATURA

O lado negro.....	109
De acordo em acordo	112
A fúria do João.....	115
A cruzada moderna.....	118
Muito mais que um poetinha.....	121
A importância dos inícios	124

07. MÚSICA

Tesouros (quase) perdidos.....	126
O dom do samba.....	129
A marvada pinga	131
A senhora da canção.....	135
Pobre João.....	138
Grande sambista, artista maior	140
O maestro do Brasil	142

08. ARTES VISUAIS

Pintura à têmpera.....	144
------------------------	-----

09. POLÍTICA

Opostos que se atrem.....	147
La Conga Sex	148
O capitão Accioly e o golpe de 64.....	149
Pesadelo interminável	152
A teoria da conspiração.....	155
Falso dilema	157

ÍNDICE

Os bons brasileiros.....	159
A armadilha do Ademir.....	161
A marca de Serra.....	162
Um Brasil que teme o Brasil.....	164
A turma do contra.....	168
Vida exemplar.....	172
De olho no gato.....	174
A hora da Ave Maria.....	177
País calmoso e hereditário.....	180
Cacareco, Tião, Tiririca.....	185
Com o Coelho era mais divertido.....	187
Trânsfugas.....	189
A Serra o que é de Serra.....	191
Esquerda, direita, uma e outra coisa.....	194
Maluf, Hélio Louco e a foto polêmica.....	196
A ética da idealista Erundina.....	199
Os idealistas trabalham de graça.....	202
Margem de erro.....	205
O imortal.....	207
Uma pesquisa científica.....	209
Pra frente, Brasil!.....	212

10. ECONOMIA

Pobre pensador.....	215
Lei de Gerson.....	217
Vitória.....	218
Do otimismo.....	219
Contos da carochinha.....	221

ÍNDICE

O jabá da Fiesp.....	222
A turma do impostômetro	224
No tempo da caderneta.....	226
O mito da eficiência empresarial	229
O bom é levar vantagem	232
O PIB e a felicidade.....	235
A vida no paraíso neoliberal	238
A dor ciática e o enfermeiro preocupado com a economia.....	241

11. CULTURA

O pior de todos.....	244
A morte do João Lemos	246
Marmelada no ringue Brasil	250
O certo é o errado	253

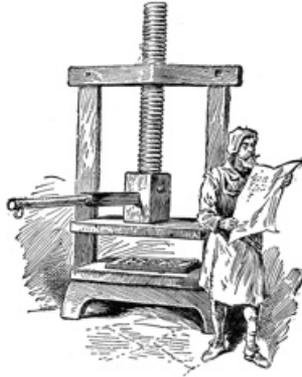
12. COMPORTAMENTO

Falso arco-íris.....	257
O feliz Natal do Eduzinho	258
Meu encontro com o Eduzinho	260
O ridículo.....	263
Corruptos e corruptores.....	265
Poluição mental.....	267
O Brasil sem o Nordeste.....	269
Amigos.....	271
A velha pergunta	273
Saudades da Guerra Fria.....	275
É o Fasano... ..	277

ÍNDICE

Profecias	279
Os orgulhosos velhinhos do Texas.....	283
A lição de vida do Ademir	286
Mercenários de branco.....	289
Historinha de vida.....	291
A síndrome da Fórmula 1.....	293
Velocidade mínima.....	295
A coceira, a tireoide e a consulta de 2 minutos.....	297
Madame não gosta do funk.....	300
A falta de argumentos.....	303
O país dos absurdos.....	305
O mundo é dos espertos	307
O brasileiro, esse hipócrita.....	310
O Brasil oficial, uma loucura	312
O prefeito esquizofrênico	314
A alcateia faminta e a paz de espírito.....	316
Escrever, para quê?	318

Três linhas até nove toques



Certa vez, quando trabalhava como redator da primeira página de um tradicional jornal paulistano conhecido por Estadão, tive uma missão impossível.

Naquele tempo, na era pré-computador, escrevia-se, para quem não sabe, em folhas de papel chamadas laudas. Os textos eram datilografados na largura de 70 toques ou caracteres da máquina de escrever. Os títulos tinham medidas diversas, de acordo com a largura em que seriam publicados e com o seu tamanho, “corpo”, no jargão profissional. Assim, quanto mais importante a chamada da primeira página, maior o corpo e a largura do título, medido em “colunas”. Os textos eram pequenos – só a manchete passava das dez linhas, ao que me lembre.

Pois bem, certo dia, o fechamento já correndo, tratei de fazer uma chamada que se referia ao então governador Orestes Quéricia. Estava em uma coluna, título em corpo 30. Fiz o texto – apaguei da memória sobre o que se tratava –

e olhei no diagrama (o desenho da página a ser impressa) para fazer o título. Eram três linhas em uma coluna, no corpo 30. O diagramador havia anotado assim: 3 até 9. Ou seja, 3 linhas até 9 toques. Comecei a tentar, mas havia algo que barrava todos os meus esforços para apresentar um trabalho nos padrões de qualidade do, então, austero e exigente, Estadão: a palavra governador não cabia em uma coluna, corpo 30.

Mas por que eu tinha de escrever “governador” e não “Orestes” ou “Quércia”, que se encaixavam perfeitamente no título, há de perguntar você que me lê? Simples, o Estadão não admitia que o nome do político saísse em suas páginas, uma prática que teve início, que eu saiba, com outro governador, Adhemar de Barros, que o jornal grafava “A. de Barros”. Outro banido da história – pelo menos da sua – pelo jornal foi Leonel Brizola, referido em textos e em títulos simplesmente como “caudilho”.

Bem, de volta a Quércia. Claro que passei o pepino ao meu chefe. E ele, homem prático, resolveu o problema da melhor maneira – dentro das circunstâncias. Mudou a diagramação e a chamada passou a ter título em duas colunas. Pelo menos assim a palavra “governador” cabia.

Eram assim as coisas no Estadão antigamente. Como não trabalho lá há algum tempo, não sei mais como são hoje. Já devem ter liberado o nome de Quércia – afinal, hoje ele tem pouquíssima importância no jogo do poder. Brizola está morto – e o antológico cavalheirismo da família Mesquita

certamente perdoa os mortos. Quanto a Adhemar de Barros, nem os livros de história se lembram mais dele.

Nesta era da informática, em que as informações correm muito mais rápidas que no tempo em que se ouvia o matraquear dos teletipos, esse tipo de atitude é coisa de museu. Hoje, as armas dos poderosos para combater os inimigos são outras e devastadoras.

Mas a receita é a mesma, permanece imutável. Começa com uma boa dose de preconceito, a seguir junta-se o ódio centenário das classes altas pelas baixas, acrescenta-se uma pitada de racismo, tempera-se com a ignorância, mistura-se bem com porções de calúnia, injúria e difamação.

Não tem erro. O sujeito está condenado a vagar no limbo como um pária aos olhos desses homens e mulheres de bem que determinam quem é digno e quem é indigno de viver em sua ilustre companhia.

Mudam os costumes, permanece o hábito.

(15/10/2008)

O melhor está no fim

Nada é mais divertido, já que o mundo está de ponta-cabeça, do que ler o que os especialistas acham de tudo isso. Há opiniões para quase todos os gostos.

Ficam faltando, porém, aquelas realmente originais, que poderiam levar as pessoas a acreditar que a evolução humana não é simples acaso.

A maioria dos palpiteiros exhibe seus conhecimentos com uma terminologia técnica pretensiosa, como se ela fosse suficiente para respaldar as obviedades do discurso. É o caso clássico do que popularmente se chama de “dourar a pílula”.

A técnica jornalística conhecida como pirâmide invertida, que aqui chegou importada dos Estados Unidos, manda o redator colocar no início da notícia tudo o que é realmente importante. Parte do pressuposto de que o leitor é preguiçoso, ou que o fato narrado não merece mesmo muita atenção, ou que o redator é mesmo ruim.

Outra técnica é desenvolver a história aos poucos. É mais difícil, pois exige um mínimo de talento de quem escreve.

Lembro de um veterano jornalista do Estadão que, por medo de ver suas matérias mutiladas pelos fechadores, implorava:

– Se for para cortar, que corte no começo. O melhor está no fim.

É isso o que está faltando para esses comentaristas desta crise: chegar ao fim da história.

(14/11/2008)

Manchetes nada exemplares

Os jornais usam as notícias com interesses próprios desde que existem. Alguns disfarçam, outros nem se dão a esse trabalho. Como, em 101% dos casos, as grandes empresas jornalísticas do país são de famílias que fazem parte da mais fina flor de nossa elite, nada mais natural que defendam, com tudo o que podem, a sua classe.

De tempos em tempos, chegam a extrapolar nesse zelo. Este período do governo Lula é um bom exemplo. Época de eleição é outra em que a artilharia fica mais pesada que o normal. E as manchetes se superam.

Em 1986, o milionário Antonio Ermírio de Moraes alugou o PTB e resolveu ser candidato ao governo do Estado de São Paulo. Os jornalões estenderam tapetes vermelhos. Ermírio foi se entusiasmando à medida em que as pesquisas eleitorais – sempre elas! – mostravam que ele, não só era um candidato viável, mas tinha chances reais de vitória.

Até que recebeu o apoio de alguns dissidentes do PMDB que não engoliam o candidato do partido, Orestes Quércia. O mais notório entre eles era Fernando Henrique Cardoso.

E, por incrível que pareça, a partir daí começou a virada. Quércia subia, Ermírio caía.

O Estadão, entusiasmado defensor do “capitão da indústria” que aparecia em público com um terno mal ajambrado e caspa nos ombros, um Jânio Quadros inarticulado, resolveu, como última e desesperada cartada, dar sua própria interpretação a uma das derradeiras pesquisas, que indicava vitória de lavada de Quércia.

Foi aí que a sua primeira página, sempre louvada como exemplar, abriu a manchete

“Indecisos podem dar vitória a Ermírio”

Para infelicidade de toda a sua diretoria, os indecisos não fizeram o que tinham de fazer e Quércia faturou a eleição. Ermírio voltou aos seus inúmeros negócios e até hoje lamenta a sova.

Três anos depois, o Brasil assistia à sua primeira eleição direta para a presidência. Os candidatos davam para formar um time inteiro de futebol – titulares e banco de reservas. Entre eles estava o pouco conhecido Guilherme Afif Domingos com seu eterno discurso sobre a necessidade de um Estado mínimo e redução de impostos (para os ricos, claro).

O Estadão embarcou na causa, talvez influenciado pelo bordão do candidato: “Juntos chegaremos lá!”

O problema é que a disputa foi se reduzindo aos nomes de Collor, Lula e Brizola. Afif não saía do pelotão dos naniocos. Até que uma pesquisa mostrou uma leve, pequena, quase imperceptível mexida nos números.

O jornal aproveitou e brindou os seus leitores com a manchete

“Afif cresce e chega a 9%”

Como se sabe, Afif cresceu tanto, mas tanto, que acabou em sexto lugar.

(13/11/2008)

Sutilezas

Os governadores tucanos José Serra e Aécio Neves, que travam uma renhida e surda batalha para ver quem ocupará o Palácio do Planalto depois que o ex-metalúrgico desocupar o prédio, divergem em muitas coisas, mas têm algo que os une: ambos praticam o cada vez mais difundido esporte da caça aos jornalistas.

São vários os relatos de telefonemas dados por Aécio e Serra aos patrões para, no mínimo, reclamar de algum texto ou foto que não apreciaram, ou, no extremo, simplesmente pedir a demissão do autor da ousadia.

Serra também não prima pela sutileza no trato com os profissionais da notícia.

Quando estava no auge da campanha pela presidência, em 2002, apareceu para almoçar no Estadão – aqueles almoços em que os pratos esfriam enquanto os ouvidos esquentam.

Depois do cafezinho, rumou para a imensa redação, cicroneado por vários chefes, assistentes e aspirantes a tanto. Não chegou a cumprimentar todos os que lá se encontravam, mas pelo relato de algumas testemunhas, seu estilo peculiar causou profunda impressão em alguns – e um choque em outros.

Entre eles, o editor de Economia.

– Gosto muito do seu caderno – disse Serra a ele, para em seguida completar:

– Depois da Gazeta Mercantil é o que mais leio.

Outra vítima de sua franqueza foi uma experiente repór-

ter de Política:

– Nossa, como você engordou! – constatou.

O auge daquela didática tarde foi quando viu uma velha conhecida, redatora de amenidades:

– Puxa, você está menos corcunda! – elogiou.

Foi um dia em que a auto-estima da redação chegou a níveis baixíssimos.

(12/11/2008)

Gorbachev e o jornal errado

Algum tempo depois de ter destruído a União Soviética, Mikhail Gorbachev passou a viver, entre outras coisas, de palestras, seguindo o exemplo de vários colegas ocidentais. Corria o mundo a divulgar seu feito, temperando a conversa com alguns conselhos e observações sobre política internacional, que os ouvintes fingiam acreditar ser sérios, para esquecer logo em seguida.

Tantas viagens acabaram trazendo-o ao Brasil, mais precisamente a São Paulo. Num intervalo do interminável oba-oba com que os nativos o presentearam, o líder aposentado foi parar no Estadão para ver como é que funcionava um dos principais baluartes da recém-florida democracia liberal que aqui se instalava.

Quando surgiu na redação, dezenas de curiosos, de contínuos a jornalistas de todos os calibres, o cercaram. Gorbachev parou diante de uma mesa, sorriu o sorriso dos predestinados, sentou-se na cadeira vaga e pegou um dos jornais que ali se achavam amontoados. Ao abrí-lo, o espoucar de flashes parecia fogos de artifício.

E não deu nem tempo de avisá-lo que havia escolhido o jornal errado: Gorbachev posava para a imortalidade do Estadão passando os olhos numa Folha!

A balbúrdia daquele momento foi tamanha que ninguém ligou para a gafe. O fato é que Gorbachev se despediu sob uma calorosa salva de palmas e um princípio de confusão, quando uma veterana integrante daquela equipe de bravos jornalistas agarrou a cadeira que o ex-líder havia usado e

determinou, entre categórica e histórica:

– É minha, é minha! Ninguém mais vai sentar nela!

Bem, Gorbachev pode ter dado no Estadão uma aula de como não se faz marketing, mas ultimamente o veterano servidor do capitalismo liberal tem usado todas as lições que aprendeu dessa matéria para voltar à berlinda.

Deve ter imaginado que a crise financeira global é tão séria que até mesmo ele surge como uma opção para os desesperados chefes de Estado que se surpreendem a cada dia com mais novidades sobre os estragos causados pela insensatez de uma doutrina levada aos seus extremos.

Ao comentar a vitória de Barack Obama a jornais de diferentes línguas, Gorbachev aconselhou-o a adotar nos Estados Unidos a sua “perestroika” (“reestruturação”), receita a seu ver infalível para reanimar Estados em grau adiantado de decomposição.

Obama, de sólida formação acadêmica, sabe os efeitos que a perestroika teve na União Soviética e deve dispensar a sugestão.

O novo presidente dos Estados Unidos ainda não leu o jornal errado.

(11/11/2008)

O idealismo custa pouco

Certa feita, quando eu era ainda um jovem que acreditava que o mundo tinha jeito, fiquei quase uma tarde inteira trancado na sala do dono do jornal em que trabalhava, na então pequena Jundiaí. Minha espinhosa tarefa era arrancar do sujeito um aumento para alguns colegas de redação.

Julgava, já que tinham me dado um cargo qualquer de chefia, que era meu dever incentivar a equipe que se formava – e não há, até hoje, estímulo melhor do que ser bem pago.

Gastei toda a saliva que pude, mas meu sucesso foi inversamente proporcional ao meu esforço. O homem era duro, duríssimo na queda, e não se comovia com nada. No máximo, prometeu alguns trocados a mais num futuro incerto.

Quando me levantei da cadeira, exausto pelo esforço despendido em argumentos que o indivíduo exterminava instantaneamente, com a crua e implacável lógica de que não tinha verba para bancar mais gastos com funcionários, e já incomodado pelo gosto amargo da derrota, ouvi uma frase que não esqueci até hoje, tal a dose de cinismo que carregava:

– É por isso que eu gosto da juventude – disse com a sua voz estridente o dono daquele jornal de Jundiaí. Os jovens são idealistas e os idealistas trabalham por amor, são baratos, custam pouco.

Com o tempo percebi que a raiva que senti naquele momento era injustificada. Afinal, eu tinha tido a rara oportunidade de presenciar não só a maneira como agem, mas tam-

IMPrensa

O idealismo custa pouco

bém como pensam esses homens que fazem parte daquilo que se convencionou chamar de a elite brasileira.

A sentença daquele tosco patrão foi definitiva para entender que, tão importante quanto escrever uma boa matéria, é saber que o trabalho do jornalista faz parte de uma engrenagem meramente empresarial.

Tudo, na imprensa nativa, do folheto de bairro à Folha ou ao Estadão, é apenas um negócio. Notícia é mercadoria como outra qualquer.

Por isso não me descabelo (como se pudesse fazê-lo...) quando leio os cotidianos disparates que se cometem em nossa mídia.

É que deixei de ser jovem faz tempo.

(8/11/2008)

Os olhos azuis do ditador

Muita gente pergunta como é que o governador José Serra conseguiu a enorme influência que tem sobre os barões da comunicação de São Paulo.

Como nós, os simples mortais, nunca iremos saber inteiramente o que se passa nas altas esferas de nosso mundo, resta apenas dar asas à imaginação.

De qualquer forma, Serra deve possuir, para quem o conhece mais intimamente, qualidades ignoradas pela massa. Pode ser, até mesmo, um bom sujeito. Ou então, que tais empresários vejam as coisas com outros olhos. Afinal, são herdeiros de homens que construíram impérios empresariais nada desprezíveis.

A divagação me lembra um episódio ocorrido, se não me engano, em 1987, no Estadão de tantas histórias, que mostra como esse pessoal tem mesmo o raro dom de ver mais que o normal.

O filho do patrão, naquele tempo, frequentava a redação, talvez para matar o tédio, talvez para pegar gosto pela profissão. Um belo dia, se aproximou de alguns empregados e puxou prosa. Contou que tinha ido, em viagem de negócios, ao Chile, e que ficara encantado com o país.

– Comi num restaurante com garfo e faca de prata – disse. Serviço sem igual.

As ruas eram limpíssimas, bem diferentes da imundície de São Paulo, relatou. As pessoas, ordeiras e educadas. Outro mundo.

Mas o que realmente o impressionara na viagem havia

acontecido durante a cerimônia principal do evento de que participara. Um senhor evento, que contara com a presença, vejam só, do general Pinochet, na época ainda o mandachuva do Chile.

– Nunca vi coisa igual. Que homem! Ficou sentado na mesa principal, mais de meia hora ouvindo um discurso, sem mover um músculo. E o seu olhar, então! Impressionante! Duro, fixo num ponto da sala, sem se desviar um instante!

E arrematou, pouco antes de um telefonema o chamar para a sua sala, longe do barulho da redação:

– Vocês sabiam que ele tem olhos azuis?

É isso. Quem possui a capacidade de notar que o ditador tem olhos azuis é mesmo especial.

(7/11/2008)

Portas abertas para o crime

Com a sua decisão de extinguir a Lei de Imprensa, o Supremo Tribunal Federal conseguiu a façanha de piorar o que já era ruim.

É que se antes as empresas jornalísticas pouco ligavam para o direito de resposta (Artigo 29 da falecida Lei 5.250: “Toda pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade pública, que fôr acusado ou ofendido em publicação feita em jornal ou periódico, ou em transmissão de radiodifusão, ou a cujo respeito os meios de informação e divulgação veicularem fato inverídico ou, errôneo, tem direito a resposta ou retificação.”), agora simplesmente devem ignorar o assunto.

Portanto, está aberta a porta para que caluniadores, injuriadores, difamadores e todos os que fazem parte dessa notável espécie de meliantes, se sintam inteiramente à vontade para fazer o que mais gostam.

Num país em que a Justiça tem um só um olho, gordo e bem nutrido, alguém duvida das consequências dessa decisão do STF?

(1/5/2009)

A noite em que deixei de ser jornalista

Minutos depois de a profissão de jornalista ter sido extinta, um editor, fechamento quase no fim, levanta-se para festejar o fato:

– Esperei 20 anos por isso. Finalmente saí da clandestinidade.

Foi ele mesmo quem tentou convencer um colega do acerto da decisão do Supremo Tribunal Federal de derrubar a exigência de diploma de curso superior específico para o exercício profissional do jornalismo – o que, na prática, desregulamenta a profissão:

– Veja, na Europa não se exige diploma. Basta o profissional ter feito outro curso superior e passado por um curso específico e ele está habilitado...

Ao que o colega retrucou:

– Então lá existe uma regulamentação. Aqui, agora, não há nenhuma. Até a coitada da faxineira que estava limpando os móveis aqui de manhã, que nem sabia que existiam outros jornais além deste, pode ser jornalista.

Uma experiente (ex) jornalista que estava próxima entrou na conversa:

– Então, como é que fica? Qualquer um pode ser contratado?

Um redator, sem levantar de sua mesa, informa que sim, que hoje, não há lei que especifique o grau de escolaridade que o “jornalista” deve ter e que uma nova regulamentação para a profissão está para ser discutida no Congresso e no próprio governo.

Com medo de participar da discussão, mas de ouvido bem atento, uma jovem repórter recém-formada cochicha para o colega ao lado:

– E eu que gastei dinheiro em faculdade...

Um editor levanta de sua mesa, chega perto da roda, e brinca com outra repórter, solteira, que mora sozinha, longe da família:

– Antes seus pais diziam para quem perguntava que você era jornalista em São Paulo. Agora eles podem dizer que você é cozinheira.

E ri alto.

Pegando o tema, outro redator, sujeito de pouca fala, arremata:

– Se o Gilmar Mendes nos comparou a cozinheiros, nós vamos compará-lo a quê, então?

Ninguém respondeu.

O assunto havia se esgotado.

No outro lado da redação, de frente a um aparelho de televisão, um grupo de uns cinco fazia barulho.

Eram os corintianos alegres com a desclassificação do Palmeiras na Copa Libertadores da América.

(18/6/2009)

As conjunções adversativas

As conjunções coordenativas adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste. São elas: mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.

Dois exemplos, da Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra:

Apetece cantar, mas ninguém canta.

(M. Torga, CH, 44)

Não havia muitas casas – nenhum edifício de apartamento, porém sobravam grandes, extensos terrenos baldios.

(A.F. Schimdt, AP, 20)

As conjunções adversativas têm aparecido, ultimamente, com muita frequência seja em títulos de notícias dos jornais, seja nas considerações dos inúmeros analistas que frequentam as páginas desses mesmos órgãos de imprensa.

Os editores que titulam as matérias e os próprios entrevistados preferem usar o mas. É simples e eficiente para o propósito de introduzir “um argumento que restringe o que foi dito” ou “um argumento que funciona como ressalva ao que foi dito”, conforme a definição da palavra pelo dicionário Aulete.

Assim, frases como “o crescimento da indústria foi recorde” ou “o Bolsa Família reduziu a desigualdade no país” ou “superpoços podem transformar o país em potência energética”, que poderiam soar extremamente positivas, acabam perdendo a força e virando orações banais com o uso do “mas”.

IMPRESA

As conjunções adversativas

Que ninguém culpe, porém, a conjunção adversativa por vulgarizar de tal modo a imprensa nativa. Afinal, ela cumpre apenas o seu papel. Assim como aqueles que a têm usado indiscriminadamente, por uma questão de estilo – antes de vida do que gramatical.

(7/2008)

Vozes juvenis

Se eu tinha alguma dúvida sobre a queda dos padrões de qualidade da imprensa nativa, elas foram inteiramente dissipadas nesses últimos dias. Não, não estou me referindo à cobertura política dos jornalões: a respeito disso, acho que a contaminação partidária do noticiário é irreversível, e são poucos os capazes de defender, sem nenhum traço de cinismo, essa fórmula, apresentada como se fosse a derradeira guardiã de nossa jovem democracia.

Estou falando mesmo é do despreparo dos jornais para exercer aquilo que um dia foi chamado no Brasil de jornalismo.

Poderia ficar aqui citando tantos exemplos dessa ruindade que não pouparia não só a minha, mas a paciência de todos que porventura ousem ler esta crônica.

Por isso, vou me ater a um só fato, verificado, com extremo pesar, no decorrer de toda a semana passada, em variados veículos de comunicação, cada um mais importante que o outro: a crítica do novo CD de uma moça chamada Mallu Magalhães, que, todos sabem melhor do que eu, ganhou a fama como cantora/compositora aos 16 anos, depois de que o YouTube espalhou alguns vídeos de suas interpretações pela rede.

Hoje, dizem os críticos de publicações como Folha e Estadão, entre outras, Mallu está mais “amadurecida”, compõe com mais liberdade (antes só o fazia com letras em inglês e usando melodias que eles classificam como “folk”, seja lá o que for isso), canta melhor e, por ter deixado de ser uma ar-

tista “independente”, seu trabalho está mais bem produzido. E haja louvação.

Talvez por ter crescido escutando compositores e cantores de verdade, ter acompanhado o trabalho de críticos de verdade, ter lido jornais e revistas de verdade, confesso que o pouco que me resta de cabelo se arrepiou quando fui constatar, por meio de uma improvisada audição, se o trabalho da garota merecia tantos rapapés.

O que ouvi...bem, vamos deixar para lá.

O fato é que, depois da sessão pseudomusical a que me submeti, baixou em mim uma melancolia que há muito não experimentava, um misto de desalento e rendição a esses novos tempos, que confundem arte com hobby, profissionalismo com pedantismo, trabalho com distração.

Desejo a melhor sorte do mundo a essa nova estrela da música popular brasileira. Que seja feliz, que continue a distrair os adolescentes com a sua inquietação juvenil.

Quanto aos críticos que manejam os adjetivos laudatórios com a facilidade e velocidade da internet, só dou um conselho, se é que este meio século e pouco de experiência vale alguma coisa: nunca é tarde para estudar, nunca é tarde demais para aprender.

Ah, e antes que me esqueça: sejam um pouco menos dependente dos releases.

(6/12/2009)

O novo velho Estadão

O Estadão estreou domingo mais uma reforma gráfica. Nos 18 anos em que trabalhei lá, acho que vi o jornal mudar de visual umas dez vezes, a maioria delas detalhes cosméticos, que nenhum leitor comum iria perceber se não fosse avisado. Na redação a gente até brincava com aquilo:

– Desta vez vão tirar ou colocar os fios? – perguntávamos.

Nas últimas vezes, as alterações foram mais profundas. A primeira para valer foi feita por um cubano radicado em Miami, que tinha como auxiliar um rapaz chamado Jeff, que ficava uns meses no jornal, depois sumia, depois voltava, depois sumia... Até que sumiu de vez.

Naquela ocasião, a reforma foi anunciada com toda pompa possível. O tal cubano deu uma palestra para toda a redação no auditório do jornal. Na primeira fileira estavam Júlio Neto e seu filho Julinho.

O especialista mostrou uma série de transparências com as capas dos jornais que havia recauchutado por este mundo afora. Na maioria, publicações do interior dos Estados Unidos. A diagramação era sempre a mesma: uma fotona no meio, as matérias em volta. Algo que era conhecido no Brasil pelo menos desde o fim da década de 50.

Mas o sujeito sabia fazer o seu marketing. Mostrou uma série de capas do Estadão, que entrara poucos anos antes na cor. E não é que o cubano desancou o jornal?

– Isso é uma verdadeira salada de frutas, um visual digno de Carmen Miranda – esculhambou, sob o olhar atento e sério da família Mesquita.

Claro que a sua revolução gráfica durou apenas o tempo suficiente para que algum outro diretor de redação aparecesse por lá e resolvesse que o visual do jornal era a causa principal da queda da tiragem, da publicidade em baixa e de todas as mazelas que têm acometido o diário paulistano nesses últimos tempos.

E mais uma reforma foi feita, e mais outra, e assim por diante. A justificativa era sempre a de que o provento matutino era considerado por seus leitores como “muito pesado”, ao passo que seu concorrente, a Folha, sempre levava a vantagem de ser “mais leve”, mais “fácil de ler”.

O que a gente não entendia era a lógica da coisa: por que o leitor do Estadão, acostumado a vida toda a enfrentar aquela leitura ciclópica iria gostar que a publicação fosse igual à Folha, com suas matérias curtinhas e sem conteúdo? Ora, se o leitor apreciava um jornal como a Folha, que comprasse a Folha e não o Estadão, pensávamos.

O fato é que as mudanças aconteciam e a gente apenas se acostumava a elas. No fundo sabíamos que eram todas rematadas bobagens: fotos maiores, gráficos mais coloridos, penduricalhos de todos os tipos, serviam apenas para jogar uma areia nos olhos do leitor. O conteúdo de um jornal é o que importa – e ele nunca foi alterado no Estadão.

Essa reforma revelada no domingo segue a lógica das outras. Nada mais é do que um jogo de cena, uma imposição de mercado, o faz-de-conta que tudo vai bem nesse setor empresarial de futuro incerto. A Folha fará o mesmo em breve,

IMPrensa

O novo velho Estadão

o Globo idem.

É a lógica do Príncipe de Salina, o protagonista do imortal romance de Tomaso di Lampedusa, “O Leopardo”: “As coisas precisam mudar para que continuem as mesmas.”

(15/3/2010)

Os reis do riso

No fim dos anos 80, os Mesquitas que mandavam no Estadão resolveram que era hora de oxigenar o jornal, mudar o comando da redação, de quebrar alguns tabus. Contrataram para a tarefa uma das estrelas do jornalismo de então.

O sujeito chegou cheio de moral e foi logo mexendo em tudo. Decretou que opinião era nas páginas 2 e 3, reservadas a artigos e ao editorial, e o restante, dali em diante, estava destinado ao jornalismo.

Até que veio a campanha presidencial de 89. E o Estadão, depois forçar a barra para ver se o pesadíssimo Afif Domingos decolava, se rendeu ao charme de Collor, a grande esperança branca daqueles tempos.

Numa reunião da primeira página, que reunia os editores para vender as matérias principais, o tal tipo, com seu estilo senatorial, de quem tem a última palavra sobre tudo e não aceita contestação, mandou ver:

– Nossa cobertura da campanha está parcial. Só fala bem do PT. Daqui em diante, acabou.

E se seguiu o silêncio.

Claro que o Estadão não havia publicado matéria nenhuma a favor do PT e de seu candidato. O recado era evidente. E a determinação foi seguida à risca.

Anos depois, já neste século, quando Lula já tinha sido eleito, essa figura não estava mais no Estadão. Os mandachuvas da redação eram outros. Nas reuniões da primeira página os pedidos para que as matérias “baixassem a bola” do PT deram lugar a outra prática: o costume era contar a

última piada sobre Lula, sua mulher Marisa ou sobre a ministra Benedita da Silva. Entre tantas, me lembro de uma, que dizia mais ou menos assim:

– Sabe qual foi a primeira coisa que dona Marisa disse quando chegou no Palácio do Planalto? “Nossa, quanta janela eu vou ter de lavar!”

E se seguiram risos.

(31/7/2010)

Papel em branco

Comecei na imprensa ainda no tempo do linotipo, aquele monstro que expelia fumaça e chumbo para a composição das matérias.

Passei pela revolução da impressão off-set, pela chegada do computador às redações, que acabou com a revisão e aposentou as máquinas de escrever e as laudas.

Hoje, a pergunta “quantas linhas escrevo?” não tem nenhum sentido.

Nenhum desses garotos espalhados por aí sabe o que é uma lauda.

Não, não sou saudosista.

Apenas constato que, infelizmente, a evolução da imprensa brasileira ficou restrita apenas às máquinas.

Se elas hoje são muito mais velozes e eficientes que as do passado, quem as opera, porém, sofre de um mal que parece irremediável: a falta de sentimentos.

Pois parece que toda essa tecnologia afetou o jornalista, que deixou de ser, fundamentalmente, um humanista, um tipo meio renascentista, para virar um desses “especialistas” que se encontram às pencas por aí.

Eles sabem de tudo, respondem às mais complicadas perguntas sobre a sua especialidade, mas não têm alma, não têm paixão.

Eles não sabem sequer o que é uma lauda, esse papel em branco que podia ser preenchido com todas as dores e alegrias do mundo.

(18/9/2010)

Que país é este?

Imagine um país onde:
todos os principais jornais,
todas as principais revistas,
todas as maiores redes de televisão e rádio têm uma única orientação político-ideológica;
fazem sistemática campanha de desmoralização das autoridades federais;
difamam, caluniam e injuriam essas autoridades;
acusam sem provas;
invertem o ônus da prova;
dão crédito à palavra de bandidos condenados;
recusam-se a ouvir os acusados;
fabricam manchetes com o único propósito de que sejam usadas eleitoralmente;
pautam as ações do grupo partidário que apoiam;
pregam o golpe contra as instituições;
e, apesar de tudo isso, dizem ter sua liberdade de expressão ameaçada.

Não imagine mais que país é esse.

Ele não é fruto da imaginação, ele existe, ele se chama Brasil.

(17/9/2010)

Direito de resposta

Escuto meu amigo, assessor de imprensa de uma secretaria estadual, reclamar dos jornais:

– Sai uma matéria cheia de erros, eu mando uma carta para retificá-los, e nas poucas vezes em que ela é publicada, ninguém nem sabe mais do que se tratava, tanto tempo que passou.

Conta ainda que em muitas ocasiões o repórter só ouve um dos lados, nem pede para entrevistar o seu chefe. Arremata dizendo que chegou a ouvir de um editor que seu jornal não iria publicar a resposta que havia enviado porque caberia ao leitor julgar se a notícia era ou não verdadeira:

– Como ele poderia julgar, se só um lado foi ouvido?, perguntou.

Ouçó as suas queixas e quando ele se acalma, digo que essa situação foi criada pelas empresas, que fizeram um lobby tremendo para derrubar a Lei de Imprensa como forma de fortalecê-las, e que o direito de resposta é uma das condições básicas para que o jornalismo não sofra as distorções que o afaste de sua real missão.

Tomo fôlego e vou em frente:

– Se você, que fala com os jornais em nome de um secretário poderoso, se diz prejudicado pela imprensa, imagine o que passa o cidadão comum.

E a partir daí, resolvemos comentar o resultado do futebol.

(4/11/2010)

Imprensa livre e independente

Li outro dia uma troca de tuítes interessante entre dois camaradas, um deles jornalista que trabalhou em jornal de renome, reacionário de pedra, e o outro blogueiro conhecido pelas críticas duras que faz à imprensa nativa. O fato que me chamou a atenção naquele diálogo exaltado e conflitante foi quando o jornalista praticamente encerrou a conversa dizendo que ele não iria mais discutir com quem chamava de PIG (Partido da Imprensa Golpista) a imprensa livre e independente.

Eu, que conheço um pouco o dito cujo, e sei que ele não é nenhum imbecil, fiquei pasmo. Afinal, pensei, como é que um sujeito que trabalhou quase a vida toda numa das mais conservadoras empresas jornalísticas do país, com interesses explícitos em defender a ideologia neoliberal, pode achar que ela – ou outra do mesmo naipe – representa o jornalismo em sua essência ?

Lembrei de algumas coisas que vi e vivi em quase duas décadas de trabalho diário num desses nossos jornalões para ter a certeza absoluta que o jornalismo ali praticado não era nem livre nem independente. Ao contrário: era apenas a expressão dos sentimentos de seus donos, que por sua vez representavam os da classe dominante – empresário, banqueiros, ruralistas.

Nada de liberdade de expressão, nada de independência.

Claro que o nosso jornalista em questão sabe disso. Se diz o contrário e defende com tenacidade esse modelo de imprensa que existe no país é porque está integrado há muito

no sistema, cresceu nele, nele prosperou e construiu a sua vida. Tem razão, portanto, para defendê-lo tanto.

Como ele existem muitos por aí. Gente que, anos atrás, pregava a revolução, implorava por um mundo mais justo, chorava pelos miseráveis e inflamava a audiência com seus discursos, hoje escreve as maiores barbaridades contra o governo, xinga de todos os nomes quem se diz de esquerda, despreza as mais elementares normas da educação e atropela todas as regras do jornalismo – tudo em nome da imprensa livre e independente.

Que fiquem lá com suas convicções. Eu, por mim, quero apenas distância desse tipo de liberdade e independência.

(7/5/2011)

O fantasma de Alfaiate

No mesmo dia em que, na bela Paraty, o venerável Antonio Cândido, no alto de seus 92 anos de sabedoria, proclamava o fim da crítica artística no país, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro um jornalista da Folha assistia à cerimônia do 22º Prêmio da Música Brasileira e depois anotava em sua a matéria que a “a elegante dupla de veteranos Walter Alfaiate e Tatinho da Mangueira teve problemas no microfone, mas conseguiu animar a plateia com duas das canções mais populares de Noel, Conversa de Botequim e Com que Roupa?”.

Os problemas, porém, foram além do microfone. Pelo menos no caso do crítico-repórter da Folha, que deve, além de ser mal informado, sofrer com problemas de visão e audição.

O caso é que Walter Alfaiate morreu há bem mais de um ano e meio, depois de uma vida plena de bons serviços prestados ao samba, ao lado de parceiros como Mauro Duarte, Délcio Carvalho, Wilson Moreira, Zorba Devagar e Martinho da Vila, entre outros.

Na Folha.Com, que registra o terrível engano, há ainda uma galeria de fotos da festa musical. E, numa delas estão, lado a lado, Tatinho da Mangueira e ... Wilson das Neves – outro sambista histórico, baterista de batida suave e marcação exata, preferido de inúmeros craques da MPB, além de fino compositor e intérprete. Outra linda, viva.

Erros são a coisa mais comum no jornalismo brasileiro. Para justificá-los existe sempre o álibi da pressa, eterna inimiga da perfeição.

Mas esse caso do fantasma de Alfaíate é exemplar. Escancara, de forma definitiva, a indignação da imprensa nativa. Tanto a generalista quanto a que se diz especializada.

A crítica de Antônio Cândido deveria reverberar fundo na consciência de quem dirige as redações. Infelizmente, pelo tom com que as matérias assinalaram sua participação na Flip, ele hoje é visto mais como um saudosista incorrigível do que como um sábio a quem as gerações mais jovens seriam obrigadas a ouvir.

(8/7/2011)

Aberração

Muitos jornalistas têm uma visão completamente diferente da minha a respeito da imprensa brasileira. Achem, por exemplo, que essa história de partidarismo é uma balela, que os jornais, quando denunciam os malfeitos do governo petista, estão apenas cumprindo a sua solene missão de informar o público. Dizem ainda que se não houvesse a maracutaia, ela não sairia nas manchetes.

Eles bem que poderiam ter razão se isso valesse para todos, ou seja, se os trambiques dos amigos dos donos dos jornalões também fossem elevados à condição de notícia e publicados com o mesmo espaço, com a mesma ênfase, com a mesma voracidade com que eles se dedicam às tramoias dos inimigos.

Quando isso não acontece, o jornalismo não existe. Ou, sendo ainda mais benevolente com esse pessoal, quando até o famoso “outro lado” da história é ignorado, o jornalismo é aviltado, é rebaixado à condição de um mero instrumento ao serviço da difamação, da calúnia, da injúria, do insulto e da agressão.

Faço questão de avisar a todos os frequentadores deste espaço que não acredito em jornalismo imparcial e muito menos que pretendo fazer deste um blog “jornalístico”.

Prezo muito o meu ofício para ter tal pretensão. Assim como, desde há muito tempo, compreendi que nada que é feito pelo homem pode ser desprovido de emoção ou de sentimento, e, portanto, sempre será algo parcial, pois carrega a visão pessoal de seu autor.

Por isso até entendo esse desvio de suas funções que a imprensa nativa vem aprofundando nessas últimas décadas, torcendo e distorcendo os fatos ao seu bel-prazer, arruinando reputações e vidas, acusando sem provas seus inimigos e poupando de qualquer crítica seus amigos, fazendo, enfim, as vezes de uma oposição política sem rumo, sem bandeira e sem votos.

E até por saber disso é que, a cada dia, mais fico convicto de que o Brasil não será uma verdadeira democracia enquanto seus governantes não resolverem enfrentar com coragem essa monstruosa e cada vez mais poderosa aberração que se tornou a imprensa, que, para funcionar como qualquer outro órgão civilizado, deve se submeter às leis e aos regulamentos que regem a sociedade.

(20/10/2011)

O quarto poder

Desde quando eu era criança – e isso foi há muito tempo – ouvia que a imprensa era o quarto poder. Milhares de artigos e livros foram escritos sobre esse tema, Hollywood se esbaldou com produções que mostraram como a imprensa pode modificar o comportamento da sociedade, mas nunca se viu, na prática, tantos e tão rápidos efeitos desse poder quanto agora no Brasil.

É impressionante como a imprensa manda e desmanda, faz o que bem entende, prende e arrebenta sem que ninguém consiga deter a sua fúria seletiva – pois é isso o que acontece, a nossa imprensa atua apenas em benefício próprio, ou da classe social que representa, em prol dos interesses de grupos econômicos, nunca pelo bem-estar da sociedade.

Um bom exemplo disso é essa onda moralista atual, que sufoca o governo federal e poupa os outros, dos amigos. É como se a corrupção, esse mal que está entranhado secularmente em todos os setores da administração pública e na chamada “iniciativa privada”, fosse localizada aqui e ali, e bastaria defenestrar alguns poucos maus elementos para que o país ficasse mais leve e digno.

Ao agir assim a imprensa deixa de ser imprensa, se transforma numa outra entidade, um poder auxiliar das forças que querem reconduzir a nação à idade das trevas, ao tempo da Casa Grande e Senzala – projeto interrompido pela ascensão do PT ao Executivo federal.

Não há como negar que essa guerra está sendo muito bem

conduzida pela oposição, não a parlamentar, que é constituída por meia dúzia de bufões sem importância, mas sim por competentes profissionais que confundem, mascaram, iludem e provocam reações apaixonadas na opinião pública.

O governo Lula não foi capaz de derrotar essas forças.

O governo Dilma incorre no mesmo erro de tratar de maneira republicana, com civilidade, quem despreza as noções mais elementares da vida social, quem faz e segue suas próprias leis, quem persegue, julga, condena e executa, sem piedade, seus desafetos ou qualquer um que esteja atrapalhando seus planos.

E eles têm como alvo, todos sabem, a própria presidenta Dilma.

Ela que se cuide. Depois de seus ministros, vai chegar a sua vez.

(5/12/2011)

O mundo ideal dos patrões

O novo passarálio no Estadão, dias depois das bicadas que destroçaram não se sabe quantos na Editora Globo, que, por sua vez, foram antecedidas pela passagem da Carniceira pela redação da Folha, mostra que os empresários do setor de comunicação não estão para brincadeira.

Em poucos meses, mais de cem jornalistas foram demitidos. Não sei quantos deles tinham diploma de curso superior específico da função. Sei apenas que a decisão do Supremo Tribunal Federal que, em 2009, na prática acabou com a profissão de jornalista contribuiu muito para essa carnificina.

A notícia de que o Senado aprovou, em primeira votação, a PEC que reinstalou a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício profissional provocou, mais uma vez, a formação de uma frente única do patronato para evitar que os jornalistas tenham um mínimo de organização, pois como se sabe, não faz nenhum sentido a existência de um sindicato se não existe uma categoria que ele possa representar.

A verdade é uma só: os patrões não querem que existam jornalistas porque o mundo que idealizam é aquele no qual eles podem contratar qualquer um pelo salário que quiserem, sem serem obrigados a, sequer, pagar um piso, e, do mesmo modo, fazer quantas demissões julgarem precisas para manter seus lucros sem dar satisfação a quem quer que seja.

Essa história de que eles estão lutando pela liberdade

de expressão é a maior mentira que existe. Até hoje, em nenhum momento os jornais deixaram de publicar o que bem quiseram. A tal liberdade de expressão que tanto dizem prezar nunca existiu para eles. No Brasil, o que há é um oligopólio no setor de comunicação: algumas poucas famílias, à frente de grupos empresariais, controlam as informações que são levadas ao público. A mais feroz censura é exercida por eles. Só publicam o que querem.

Além disso, para tais grupos, a única função das suas empresas é gerar lucro. Não existe nenhuma preocupação social, ou até mesmo com os mais elementares princípios do jornalismo.

A decisão do Supremo de acabar com a profissão de jornalista foi uma decorrência de anos e anos de uma intensa campanha dos patrões.

A lei que regulamentou a profissão, em plena ditadura militar, foi uma conquista histórica da categoria, que brigava por isso desde que o jornalismo passou a ter importância na sociedade brasileira.

Não dá para entender que, em pleno século XXI, depois de tantos avanços sociais à custa de muita luta e sofrimento, exista quem defenda, fora do campo patronal, a desregulamentação completa de um setor vital para o país como o da comunicação.

Equiparar, como fez o ministro do Supremo Gilmar Mendes, um jornalista a um cozinheiro, não é só sinal de um cinismo que retira do autor da frase toda a autoridade moral

IMPrensa

O mundo ideal dos patrões

para exercer a sua função na magistratura. É também sintoma da mais profunda ignorância sobre questões aparentemente complicadas, mas muito simples em sua essência.

(4/12/2011)

Não ganhou por quê?

Tempos atrás, quando o jornalismo ainda era uma profissão, os coleguinhas faziam um debate interessante: haveria lugar para o trabalho de ex-jogadores de futebol como comentaristas no rádio e na televisão?

As opiniões se dividiam. Alguns achavam que a árdua tarefa de levar aos ouvintes e telespectadores o retrato do jogo, com todas as suas nuances, deveria ser apenas de um jornalista especializado. Outros achavam isso uma rematada bobagem. Argumentavam que só quem esteve lá, no gramado, tinha condições de dizer que o time A estava melhor que o B porque, por exemplo, “dominava o meio de campo”.

Havia quem adotasse uma posição intermediária. Os ex-jogadores eram bem-vindos, mas apenas como convidados, em ocasiões especiais, grande jogos, decisões de campeonatos.

Hoje, quando o jornalismo não existe mais, graças à decisão do Supremo Tribunal Federal que acabou com a obrigatoriedade do diploma de curso superior específico para o sujeito trabalhar na imprensa, dando oportunidade para que até um completo analfabeto se intitule “jornalista”, essa discussão não faz mais sentido. Ainda mais porque as emissoras de rádio e TV que transmitem jogos de futebol estão entupidas de ex-jogadores em sua programação.

E os há de todos os tipos: os que foram craques e os apenas esforçados; os que estão sempre no muro e os que são enfáticos em suas opiniões; os que têm sotaque caipira e os de sotaque carioca. E por aí vai.

Em comum, têm apenas uma coisa: o absoluto desprezo

à língua portuguesa – e à lógica.

Parece que, quanto mais ofensas fazem ao idioma – e à lógica –, mais sucesso conquistam.

Há, porém, casos que desafiam toda a boa-vontade que possa existir num ser humano.

Como o ex-atacante Muller, figurinha fácil do SporTV. Chamado a opinar sobre os motivos que levaram o Vasco a não ganhar o jogo de ontem contra o Palmeiras, ele se saiu com essa:

– O Vasco fez um gol cedo demais. Faltou fazer outro gol.

Não contente com esse primor de raciocínio, que elimina qualquer dúvida sobre as razões de o time carioca não sair com a vitória, Muller completou:

– O Vasco subestimou a fragilidade do Palmeiras.

E ainda há quem queira obrigar os jornalistas a ir para a escola. Do jeito que está é muito mais divertido.

(17/11/2011)

A ética do boimate

Como não pôde descontar em quem queria, a revista Veja resolveu dar o troco atacando os baixinhos.

A capa de sua última edição por pouco não se ombréia (ops!) à sensacional matéria sobre o boimate, o cruzamento do boi com o tomate, furo mundial editado anos atrás, que tornou a publicação ainda mais famosa e respeitada pelo público em geral, reportagem que deve ter exigido um esforço considerável de seu autor, uma checagem e recheagem infundável de dados, e acima de tudo, muito respeito a seus leitores.

Se já tinha uma legião de gente que não pode nem ouvir o seu nome, a revista, com esse besteirol de agora certamente vai ganhar mais um tanto de desafetos, graças ao preconceito explícito contra sei lá quantos por cento da população brasileira que não atinge os padrões de altura que Veja julga ideais.

O assunto de capa é tão palpitante que deve ser devido a ele que o diretor de redação, Eurípedes Alcântara, abriu o editorial “Ética Jornalística: uma reflexão permanente”, publicado apenas no site da revista, dizendo que “VEJA nunca permitiu que suas páginas fossem usadas para outro fim que não a busca do interesse público”.

O problema é que, quem se dispõe a ler o restante do artigo, vai notar que o jornalista não estava se referindo aos baixinhos, o alvo da vez da fúria moralizadora da publicação.

O que ele tenta, na verdade, explicar é como a revista é

feita, que critérios jornalísticos utiliza e o modus operandi de seus valorosos e leais funcionários, talvez motivado pelo cipal de denúncias que enreda a publicação desde que o caso Demóstenes/Cachoeira veio à luz.

No mundo ideal, aquele em que a sujeira e a maldade, os crimes e o cinismo, a corrupção e a hipocrisia. não têm lugar, num mundo em que nada de ruim acontece, talvez toda a sua peroração sobre ética fosse entendida como um depoimento absolutamente crível.

Neste mundo, porém, em que as imperfeições do ser humano se revelam a cada instante como a essência de sua atividade, as palavras do sr. diretor de redação sobre princípios éticos e coisa e tal soam absolutamente vãs e sem sentido.

Afinal, para que esse blá-blá-blá se, como a própria capa de Veja mostra, a evolução “tecnofísica” explica “por que as pessoas mais altas são mais saudáveis e tendem a ser mais bem-sucedidas”, e essa revelação apaga toda as estrepulias do bando de Demóstenes/Cachoeira?

Não seria melhor para a revista, carro-chefe de uma megaempresa de comunicação, recorrer a essa tal de “tecnofísica” para pautar o seu comportamento daqui para adiante, sempre com o princípio de sua chamada de capa em mente?

“As pessoas altas tendem a ser mais bem-sucedidas”...

Pensando bem, esse seria um início bem melhor para o editorial do sr. diretor de redação do que palavras tão sem

IMPrensa

A ética do boimate

sentido como “VEJA nunca permitiu que suas páginas fossem usadas para outro fim que não a busca do interesse público”.

Ai que saudades do boimate...

(24/4/2012)

O fim do Jornal da Tarde

O Jornal da Tarde, do Grupo Estado, demitiu mais de 20 jornalistas nesta semana, vai acabar com a edição de domingo, promover mais uma reforma gráfica e trabalhar com apenas vinte e pouco jornalistas. O Estadão, carro-chefe do grupo, fez vários cortes de pessoal nesses últimos tempos. As coisas não andam boas pelos lados do bairro do Limão.

Dizem que o Grupo Estado não fecha o JT apenas para manter a sua marca. Faz sentido. A circulação média do jornal está na casa dos 30 mil exemplares, um número ridículo. E fazer um bom produto com duas dezenas de profissionais, convenhamos, é tarefa impossível.

O JT já foi um jornal importante. Foi criado na década de 60 por Mino Carta e inovou em vários sentidos: investiu nas reportagens, ousou no texto e no design gráfico.

A Edição de Esportes, publicada nas segundas-feiras, durante vários anos foi cobiçada pelos torcedores e ganhou vários prêmios Esso, no tempo em que ele valia alguma coisa.

Além dela, lançou o Jornal do Carro, a primeira publicação semanal especializada no assunto, que até hoje é referência no setor.

As dificuldades financeiras que o Grupo Estado começou a sentir na década de 90 foram minando o JT, que acabou perdendo seus principais profissionais.

A decadência se refletiu em inúmeras mudanças editoriais, algumas cosméticas, outras profundas, como a que transformou um jornal que se tornou famoso por suas reportagens num folheto popularesco, apelativo, como inú-

meros que existem por aí.

O JT também foi escola para muitos jornalistas. A Edição de Esportes trabalhava com grande número de “frilas”, muitos dos quais levados pelo saudoso Ademir Fernandes, caçador de talentos informal da editoria. Era o pessoal de Jundiáí, que ao lado dos mineiros e gaúchos, compunha boa parte da redação.

Outro fator que acelerou a decadência do JT foi seu desprezo pela internet. Estranho porque o jornal também foi pioneiro na cobertura da informática, quando quase ninguém se interessava pelo assunto.

Embora ainda deva ser publicado por mais algum tempo, o JT verdadeiro infelizmente acabou.

Sua história é um exemplo de como a falta de uma visão empresarial estratégica pode levar uma fórmula que começou bem-sucedida a um fracasso monumental.

Uma pena, mas o capitalismo, que o Grupo Estado defende com unhas e dentes há tantas décadas, é assim mesmo, impiedoso com quem não sabe jogar o seu jogo.

(6/7/2012)

Surdo e mudo

Fiquei sabendo outro dia que o Estadão demitiu todas as telefonistas e acabou com o serviço “ao vivo”. Quem não conhece as sutilezas do trabalho jornalístico pode não dar muito importância à medida, creditá-la ao “progresso” ou mesmo achar que ela beneficia a empresa, pois corta custos – e, como reza a cartilha dos entendidos em administração, reduzir despesas é sempre salutar.

Acontece, porém, que o jornalismo não é uma atividade como outra qualquer. Os jornalistas, por exemplo, são requisitados, quase sempre, a contatar a fauna mais variada que existe. Num plantão, um repórter que cobre, digamos, política, pode precisar conversar com uma autoridade da área médica, ou policial, ou repercutir uma notícia econômica. E mesmo com a facilidade que hoje as assessorias de imprensa proporcionam, às vezes a situação se complica. São poucos os profissionais que têm uma agenda telefônica eclética o suficiente para atender a todas as emergências.

No Estadão, quem resolvia essas paradas eram as telefonistas. Algumas estavam no jornal havia décadas, conheciam os repórteres como se fossem de sua família. Não só quebravam um galho, mas davam um suporte extraordinário ao trabalho cotidiano.

Mas isso foi no tempo em que o Estadão era um jornal, fosse qual fosse a sua linha editorial/ideológica. Hoje é apenas uma empresa controlada por banqueiros – e não se pode esperar dessa gente nada mais, nada menos, que decisões como essa de demitir telefonistas – dias antes, uma das

mais eficientes secretárias do jornal havia sido dispensada sob a alegação de que era “a mais antiga”...

Muitos anos atrás, uma outra demissão coletiva deixou os jornalistas do Estadão igualmente tristes – a dos ascensoristas, que faziam também as funções de um serviço de informação para os visitantes. Como desta vez, a empresa deve ter economizado alguns tostões.

Com a informatização da redação, no início da década de 90, mais de 100 revisores foram para a rua e um número igualmente enorme de gráficos – os pastups, que montavam as páginas que iam ser fotolitadas.

O fim da revisão aumentou o trabalho dos redatores – ou copidesques – e o número de erros no jornal. Os leitores perceberam que algo estava errado e não perdoavam – as queixas via telefone eram constantes, dava uma canseira enorme justificar as bobagens que passavam nos textos.

Agora, sem as telefonistas, vai ser mais difícil para o público conversar com os jornalistas. A internet talvez supra essa lacuna, mas nunca vai ser a mesma coisa. Um e-mail pode ser apagado, pode ficar sem resposta, mas nunca vi um colega desligar o telefone na cara de um leitor, por mais chato que ele fosse.

A impressão que fica para quem está fora da empresa é que medidas como essa, junto com os tantos “passaralhos” que têm sido feitos na redação, indicam que o centenário jornal enfrenta dificuldades financeiras mais sérias que se possa imaginar.

Ou então que seus atuais controladores preparam a empresa para uma negociação – os boatos sobre isso são recorrentes.

Seja lá o que aconteça, porém, é muito estranho que uma empresa de comunicação tome uma atitude para dificultar a comunicação com o seu público.

São essas coisas que mostram o nível da imprensa brasileira, se não a mais atrasada do mundo, certamente uma das mais antidemocráticas, reacionárias e amadoras que existem.

(12/6/2012)

“O.P.” e outras picaretagens

Lá pelos anos de mil novecentos e nada, quando começava no jornalismo, Jundiaí tinha dois diários, um da situação e o outro de oposição ao prefeito. E isso ocorria não por algum motivo ideológico, mas simplesmente porque um dos jornais era quem publicava os atos oficiais da prefeitura. Não existia imprensa oficial naquele tempo e, assim, os jornais disputavam quem ficava com a verba da prefeitura. Ganhar a publicidade oficial era como acertar na loteria: o vencedor vivia dias de bonança, o perdedor sofria as dores do parto.

Claro que havia uma contrapartida para quem enchia as páginas com os anúncios da prefeitura: o jornal não podia escrever uma linha que fosse falando mal do prefeito, ele era o melhor administrador do mundo, tudo o que fazia – ou deixava de fazer – merecia ser publicado com destaque.

A situação vivida em Jundiaí antes da criação da Imprensa Oficial do município, que melhorou as coisas por lá, mas não impediu que a prática desse jornalismo chapa branca persistisse, existe em todo lugar, não só mesmo no interior, nesses jornais que lutam para sobreviver, mas também na chamada grande imprensa.

Não tem jornalista que não tenha sido obrigado a escrever uma matéria para falar bem de alguma empresa, ou de algum amigo do dono do jornal, ou em defesa de algum assunto que interessa ao jornal. E não adianta reclamar, que o chefe resume a história com uma frase:

– É uma “O.P.” – o que quer dizer uma “ordem do patrão”, e estamos conversados.

A picaretagem no jornalismo sempre existiu e sempre vai existir. Não existe esse negócio de imprensa “sem rabo preso”, como diz a Folha. Os jornalões não passam de anúncios cercados por algumas matérias. A finalidade dessas empresas é ter lucro – e para isso, vale qualquer coisa.

A capa da última Vejinha em defesa do Kassab nada mais é que uma “O.P.”, mal disfarçada, por sinal. A Abril, dona da revista, não tem o menor interesse em mudar a administração da cidade. Joga todas as suas fichas na eleição de Serra, como fazem todos os empresários de comunicação paulistas – a exceção óbvia é a Igreja Universal, dona da Record.

E nesse capítulo sobre picaretagem, vale um destaque para a rádio Jovem Pan, que começou uma “enquete” sobre as eleições, como fazia há mil anos, quando as pesquisas nem existiam por estas terras. Peguei o locutor no meio da informação, mas deu para escutar que Russomanno tinha um voto, Haddad também um voto, e Serra, incríveis 31 votos!

Ah, o sujeito explicou que a tal enquete obedecia não sei qual artigo da lei eleitoral e não tinha base científica. Aí eu me perguntei: se não vale nada, por que estava sendo feita?

(1/10/2012)

O mais completo besteiro

Não é novidade para ninguém que as emissoras de rádio e televisão, que são concessões públicas, funcionam, tais quais os jornalões, como partidos políticos. Nos programas que deveriam ser jornalísticos, as notícias ou são distorcidas ou editorializadas e até mesmo a programação de entretenimento está inteiramente contaminada pela ideologia reacionária, essa que pretende restaurar no país o regime da Casa Grande e Senzala.

Hoje de manhã, por exemplo, em apenas uns dez minutos, os participantes de um programa da Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo, falaram tanta bobagem que fica difícil acreditar que o besteiro seja apenas fruto da mais completa ignorância sobre os assuntos abordados.

Em determinado momento, o pessoal que estava no estúdio em São Paulo conversava com a enviada a São Petersburgo para cobrir a reunião do G-20, o grupo que reúne os países mais ricos do planeta.

O diálogo foi mais ou menos esse:

- E a comitiva da presidente, é grande?
- Bem, vieram com ela cinco ministros.
- Cinco? Para que tanto?

(A informação foi corrigida depois: Dilma levou com ela dois ministros e o assessor para assuntos internacionais)

A moça que está na Rússia responde uma banalidade qualquer. Outro participante do programa faz um comentário sensacional:

- Hoje, nem os xeiques do Oriente levam comitivas tão

grandes em suas viagens.

Papo vai, papo vem, o sujeito daqui pergunta sobre São Petersburgo. Depois de ouvir que a cidade é bonita e coisa e tal, ele não se contém e faz uma pergunta que revela que sua cabeça está ainda nos tempos em que a União Soviética era uma ameaça ao “mundo livre”:

– A presidente deve estar se sentindo muito à vontade aí na Rússia, não é?

A enviada dá uma risadinha.

Noutro momento do tal programa, a conversa é sobre a notícia de que o governo brasileiro vai exigir dos americanos desculpas formais por terem espionado a presidente Dilma Rousseff como condição para que ela mantenha a viagem a Washington em outubro.

O veterano radialista aproveita a deixa para expressar todo o seu complexo de vira-lata:

– Mas como podemos exigir alguma coisa dos Estados Unidos? E se eles não se desculparem, vamos fazer o quê, invadir o país?

E por aí vai o festival de besteiras.

Por essas e outras é mais que evidente que os meios de comunicação do Brasil precisam urgentemente de um novo marco regulatório.

A informação é uma das mais poderosas armas existentes para o controle social.

O Estado não pode, simplesmente, deixar que ela seja manipulada da forma como é hoje, caindo nesse conto do

vigário de que a “liberdade de expressão” é cláusula pétrea da Constituição.

O problema é que não existe no Brasil a liberdade de expressão que fortalece a democracia – ao contrário, no país quem trabalha nas empresas de comunicação só tem a liberdade de falar ou escrever o que patrão quer que ele fale ou escreva.

Não existe liberdade nenhuma, nem para o profissional, nem para o cidadão comum.

Há, sim, a ditadura do pensamento único, reacionário, conservador, hipócrita,

preconceituoso e racista, ideologicamente comprometido com o mais radical

neoliberalismo, essa desgraça que tem feito o mundo ser a porcaria que é.

Tudo o mais que se diga é conversa fiada, papo furado, mentira deslavada.

(6/9/2013)

A ficção do jornalismo econômico

Os cerca de 30 anos passados no trabalho de edição do noticiário econômico me ajudaram a ver como funcionam as coisas no jornalismo nativo, principalmente nessa área aparentemente tão complicada que é a economia.

Muito pouco, num jornal, funciona ao acaso.

Há pauteiros, chefes de reportagem, editores, que escolhem os temas que serão abordados, aqueles que são prioridade, “quentes”, e os que podem ficar na “gaveta”.

Só isso já mostra como o noticiário pode ser dirigido para um lado ou para outro.

E há as fontes.

Aí reside o perigo.

Antigamente, lá pelos anos 80 e 90, as fontes dos jornalistas econômicos eram, na maioria, da indústria.

Havia, no Estadão, um setorista na Fiesp, a federação das indústrias do Estado de São Paulo.

Toda segunda-feira os diretores da Fiesp se reuniam para análise de conjuntura.

O setorista estava lá, conversava com eles e levava a notícia para a redação.

Muitas vezes essa notícia gerava uma pauta mais extensa.

Além dessas reuniões periódicas, a Fiesp se encarregava de preparar vários indicadores – faz isso até hoje –, que também viravam notícia.

Eleição na Fiesp, naquele tempo, rendia várias reportagens.

Havia poucas empresas de consultoria econômica.

O setor financeiro ficava na sua, só ganhando dinheiro.

Os anos foram se passando e a situação mudou completamente.

Hoje, as editorias são pautadas pelo setor financeiro – bancos e corretoras –, que montaram sofisticados e caros departamentos de “análise” econômica, e pelas consultorias, muitas delas formadas por economistas egressos da máquina pública, como o ex-ministro da Fazenda Máílson da Nóbrega.

Os repórteres recebem não apenas sugestões de pauta, mas “papers” recheados de gráficos sustentando as mais variadas teses – não por coincidência as mesmas defendidas pelo setor financeiro.

Na correria do dia a dia, ficou muito mais fácil para o repórter simplesmente aceitar essa papelada que lhe é entregue embrulhado com uma embalagem científica, do que correr atrás de uma notícia de verdade.

Com essa investida do setor financeiro, o industrial ficou relegado a um segundo plano.

A Fiesp hoje, tem um poder de lobby muito menor que qualquer banco ou corretora.

A Academia, então, inexistente para o jornalismo econômico.

Só de vez em quando alguém se lembra de entrevistar algum economista, algum professor, de uma universidade.

O noticiário econômico tornou-se um texto de uma palavra só: ortodoxia.

Qualquer um que pense diferente é visto como um aliení-

gena, que merece, quando muito, um sorriso de desprezo.

O massacre midiático contra a política econômica do governo trabalhista é, em grande parte, fruto desse imenso lobby do setor financeiro a favor de seus interesses, do ódio patológico dos empresários de comunicação pelo PT, e da acomodação de muitos jornalistas, que se entregaram à conveniente leitura das “análises” produzidas por profissionais pagos por bancos e corretoras.

Na situação financeira ruim em que se encontram muitas empresas jornalísticas, poucos profissionais se arriscam a manter uma linha de independência.

Afinal, o preço para se rebelar contra o status quo é o olho da rua.

(11/9/2014)

Acredite se quiser!

Comecei a trabalhar em jornal aos 16 anos de idade, quando ainda cursava o antigo Colegial do Instituto de Educação Experimental Jundiáí. Meu primeiro emprego foi no Jornal da Cidade. Produzia uma página de variedades nas férias do titular, o saudoso e incomparável Ademir Fernandes. Acumulei com a revisão noturna. Era uma rotina estafante: saía do Instituto por volta das 11 da noite, ia ao jornal, ficava lá até pelas 5 da madrugada, dormia até a hora do almoço, corria para o jornal, voltava para casa no fim da tarde e, por fim, retornava para as aulas no Instituto.

Essa correria durou apenas três meses: saí do jornal quando o pedido de equiparação salarial com o revisor do dia foi recusado.

Logo em seguida fui chamado para trabalhar no Diário de Jundiáí, o irmão mais pobre do Jornal de Jundiáí, que ficava com as suas sobras: fotografias não usadas, clichês (a chapa de zinco com a imagem fotográfica invertida com a qual se imprimiam as imagens) velhos, notícias igualmente velhas...

Minha passagem no Diário de Jundiáí também foi curta – percebi que o jornal não duraria muito mais tempo e tratei de ir trabalhar como redator do diretor de publicidade do Jornal da Cidade, até ser convidado para ser repórter do Jornal de Jundiáí, o JJ.

E foi no JJ, onde fiquei vários anos, que descobri algumas das verdades da profissão, que guardo até hoje, já aposentado: não existe jornalismo imparcial, não existe verdade

factual, não existe liberdade de imprensa – jornais são tão inverossímeis quanto Papai Noel, anjos, duendes, fadas ou deuses.

As ordens do dono do JJ para não dar essa ou aquela notícia que pudesse comprometer a imagem de anunciantes foram as mesmas que ouvi ao longo do tempo, no Jornal de Domingo, de Campinas, no Estadão, no Jornal da Tarde ou, mais recentemente, no Valor Econômico, publicações em que também trabalhei.

Em todas as redações, à exceção do Jundiaí Hoje, uma aventura que durou três anos e foi a mais excitante experiência que tive em jornalismo, as mesmas pressões, as mesmas “O.P.” – ordens do patrão...

E também a repetição das pautas encomendadas pela diretoria, das matérias que caíam misteriosamente, da mudança de enfoque.

O mesmo clima de insegurança e medo.

A auto-censura, muito pior que a censura.

Os chefetes sem caráter.

Os puxa-sacos.

Foram mais de 40 anos em redações.

Alguma coisa aprendi.

Hoje, por exemplo, não leio mais jornal.

Passo os olhos pelas notícias nos portais da internet.

Vou para os meus blogs favoritos.

E constato que mais pessoas fazem como eu.

Mas sei que quem ainda lê jornais e revistas, miseravel-

IMPrensa

Acredite se quiser!

mente acredita naquilo que está ali impresso.

Tenho pena desse sujeito.

Porque ele não sabe que aquilo que foi publicado é apenas a visão distorcida do que seria a seleção dos fatos mais relevantes do dia anterior.

E além de tudo, muito mal escrita.

(6/11/2014)

A mortal receita dos neoliberais

O Diário do Comércio, da Associação Comercial de São Paulo, fechou. Terá agora, como tantos outros, só uma versão na internet.

Segundo consta, contribuiu muito para a decisão de acabar com o jornal a demissão de metade dos jornalistas contratados pela CLT e metade como pessoas jurídicas no ano passado: o passivo trabalhista comprometeu irremediavelmente o frágil equilíbrio financeiro da publicação.

Em outras palavras, o Diário do Comércio morreu vítima da receita neoliberal que sempre pregou em suas páginas.

Lamento pelos profissionais que lá estavam, muitos dos quais colegas nas redações da vida, muitos deles veteranos como eu, que encontrarão sérias dificuldades para seguir em frente na profissão.

Nos últimos anos, vários jornais, no Brasil e no mundo, acabaram, seja pelo avanço inexorável da internet, seja pela incompetência de seus donos.

No Brasil, o cenário é desolador.

A soma da tiragem dos três jornais mais tradicionais – O Globo, Estadão e Folha – é de cerca de 1 milhão de exemplares – para uma população de mais de 200 milhões de pessoas.

Os jornais populares apenas sobrevivem, assim como os que buscaram um nicho de mercado, seja o esporte, no caso o Lance, ou a economia, no caso do Valor Econômico, que pertence aos grupos Folha e Globo.

Mas não só a internet e a péssima gestão administrativa

explicam a falência dos jornais impressos.

Talvez o maior problema seja mesmo o fato de que eles abandonaram, de alguns anos para cá, a sua função principal, que é imprimir notícia, fazer jornalismo, para se tornar meros panfletos partidários, instrumentos da luta da oligarquia nacional contra o governo trabalhista.

Com isso se distanciam da realidade brasileira e acabam agradando apenas os convertidos à sua causa.

Falam apenas para quem apoia as suas ideias.

Ao negar o pluralismo e desprezar o contraditório, escolheram fechar-se num clubinho de amigos.

Apesar de contar com a generosa ajuda do governo federal, que gasta centenas de milhões de reais em publicidade, numa atitude incompreensível, o futuro dessas publicações é ficar cada vez mais fracas.

O grau de incompetência de seus executivos é tão grande que até hoje eles discutem formas de conseguir receita na internet...

O mundo digital já é uma realidade faz tempo.

Os jornalões se fossilizaram.

Neste universo povoado de smartphones, tablets e notebooks, que a cada minuto se aperfeiçoam, eles são peças de museu apreciadas apenas por um público cada vez mais reduzido e envelhecido.

(4/11/2014)

Como se faz um jornalão

Alguns poucos exemplos de como funcionam as coisas num jornalão. Juro que não foram inventados, porque fui testemunha de cada um deles.

1) Em plena campanha eleitoral, em 1989, o diretor de redação do Estadão dá uma tremenda bronca no editor de política, na frente de todos os que participam da reunião das 17 horas, na qual eram “vendidas” as matérias que poderiam dar chamada de primeira página: “Estamos fazendo uma cobertura muito favorável ao Lula. Vamos acabar com isso.” É preciso dizer que o pessoal da política nunca havia ousado fazer nenhuma matéria favorável a Lula, mas sim que procurava realizar uma cobertura a mais imparcial possível. O recado do então diretor de redação, hoje difamador de Lula, Dilma e petistas em geral, a soldo da editora Abril, e apresentador de um um desanimado programa de entrevistas da ex-TV Cultura, atual TV Tucana, foi claríssimo: meu candidato é Collor – e ponto final, pois aqui quem manda sou eu.

2) A preferência por Collor se deu apenas no segundo turno. No primeiro, o Estadão torcia declaradamente pelo atual ministro da Secretaria da Micro e Pequena Empresa, Guilherme Afif Domingos. Uma das manchetes do jornal naquele período mostra bem como ele era querido pela casa: “Afif cresce e chega aos 9%.” Não passou disso.

3) Na campanha eleitoral para o governo de São Paulo, em 1986, o empresário Antonio Ermírio de Moraes resolveu se candidatar e recebeu apoio praticamente unânime

de seus colegas e da tradicional família paulista. O Estadão odiava os outros candidatos com chances de vitória, Maluf e Quércia. Antonio Ermírio, que a princípio parecia o favorito, foi mingando nas pesquisas de intenção de voto e poucos dias antes da eleição Quércia já estava bem à sua frente. Foi nesse momento que o Estadão saiu com uma manchete primorosa: “Indecisos podem dar vitória a Ermírio”. Não deram, nem poderiam dar, já que para que isso ocorresse, todos eles teriam de votar no empresário.

4) O velho Estadão tinha lá suas idiossincrasias. Uma delas era não publicar o nome de seus inimigos. Adhemar de Barros era “A. de Barros”. Brizola era “o caudilho”. E Quércia, apenas “governador”. Certo dia, em plena labuta na redação da primeira página, fui sorteado para fazer uma chamada de uma matéria sobre Quércia. Até aí, tudo bem. O problema foi o título da dita cuja, que teria de ser em 3 linhas até 9 toques, em uma coluna, se me lembro. Como o nome de Quércia era vetado e as palavras governador ou governo não cabiam de jeito nenhum, joguei o pepino para o chefe, que resolveu facilmente a questão: mandou mudar a diagramação.

5) Certo dia, na ausência do editor do caderno de economia, atendi a um telefonema da secretária do dr. Julio Neto, que me pediu que fosse à sua sala. Fui. Lá, muito educadamente, ele, que nunca havia me visto antes, meio sem jeito solicitou que dessemos uma nota sobre um amigo seu, o ex-deputado federal Roberto Cardoso Alves. “Peça para alguém

ligar para ele. Não precisa dar destaque.” Claro que ligamos. E demos destaque.

6) O dr. Julio Neto, como o seu jornal, também tinha as suas idiossincrasias. No primeiro sábado que trabalhei como redator da primeira página, meu chefe me avisou: “O dr. Julio telefona todo fim de tarde para perguntar sobre o que vai sair na capa da edição de domingo. Mas isso é só um pretexto para ver como está o tempo na capital – é que ele vai para a sua fazenda em Louveira e quer saber, quando volta para São Paulo, se está chovendo ou não.” Dito e feito. Num sábado, por volta das 5 da tarde, ele ligou. Atendi. Informei que o meu chefe não estava. Ele perguntou quem eu era. Respondi. Ele quis saber do “cardápio” da primeira página. Fui explicando, uma por uma, as notícias. Quando acabei, ele fez a pergunta de praxe: “E o tempo aí, como está?” Ele ouviu a minha resposta com muito mais atenção do que até aquele momento.

7) O programa editorial que usávamos tinha um corretor ortográfico. Mas ele mais atrapalhava do que ajudava. O pessoal do fechamento pouco o usava. Numa segunda-feira, logo que cheguei à redação vieram me perguntar se fora eu que tinha editado uma determinada matéria. “Foi”, disse. “Por quê?”, perguntei. “É que ela saiu inteiramente sem sentido. Até o nome do entrevistado mudou completamente e querem saber o que aconteceu.” Esse “querem saber” significava que a alta chefia recebera altas reclamações. O mistério não demorou para ser resolvido: o repórter que fez a

matéria resolveu dar uma última olhada no texto depois de ele ter sido editado, na madrugada de sábado – não o enviamos à gráfica imediatamente porque ele sairia na edição de domingo. Chamávamos esse duplo fechamento de “pescoção”, pois engatávamos, num só estirão, o jornal de sábado e quase todo o de domingo. O repórter, que não conhecia o maldito corretor, ao apertar por engano uma tecla fez com que ele substituísse todas as palavras desconhecidas pelo software por outras semelhantes. Assim, “Malcon”, o nome do entrevistado, virou “Mala” – ou algo parecido. Lição aprendida, o corretor foi devidamente aposentado, sem nenhuma honra.

(8/1/2015)

Liberdade de imprensa?

Trabalhei mais de 40 anos em redações, desde as minúsculas, em jornais de Jundiá e Campinas, até as paquidérmicas, como a do Estadão das décadas de 80 e 90 do século passado. Em todos esses anos não constatei a publicação de nenhuma notícia ou reportagem que contrariasse a linha editorial do jornal, ou seja, os interesses do patrão.

Argumentar que, por exemplo, a Folha ou o Estadão mantêm articulistas de “esquerda” ou “progressistas” e por isso devem ser considerados veículos de opinião plural é abusar do cinismo. Todos sabem que tais artigos são uma gota num oceano de reacionarismo e devem ser vistos muito mais como peças de marketing do que qualquer outra coisa.

Quando falo sobre a ditadura do pensamento único nas redações me refiro ao fato de que nenhum repórter, por mais gabaritado que seja, é capaz de publicar uma matéria que, de alguma forma, atinja, mesmo que minimamente, amigos do patrão, grandes anunciantes, ou mesmo que divirja da ideologia política do dono do jornal.

Acho que não existe na Terra lugar menos democrático que uma redação de jornal.

O diálogo entre chefes e subordinados é tabu nesse ambiente.

O máximo que um repórter pode fazer é sugerir uma pauta, que só vai “tocar” se tiver a concordância da chefia.

Reportagem investigativa virou uma lenda – esses escândalos todos, essas denúncias todas que alimentam o noticiário negativo contra o governo trabalhista, por exemplo,

caem no colo dos editores, repórteres ou chefes de reportagem. Muitas vezes vêm praticamente prontas, com documentos e tudo o mais. Muitas vezes o repórter nem checa as informações, acredita piamente na “fonte”.

O fato é que não existe, no Brasil, pelo menos, a tão proclamada “liberdade de imprensa”.

O controle da informação que chega ao público é férreo – só é publicado o que interessa ao dono do jornal.

Quando acabou com a Lei de Imprensa, o STF deu um tiro mortal na única garantia que o cidadão comum tinha de se defender do extraordinário poder da imprensa para assassinar reputações, por meio de matérias caluniosas – ou simplesmente mentirosas.

Hoje, qualquer um que seja vítima de um canhão disparado por um órgão de imprensa tem de se ver às voltas com um sistema judiciário lento, custoso e quase sempre bondoso com os poderosos, o que desestimula a maioria dos demandantes que gostariam de ver a sua honra restituída.

Não existe uma pessoa sequer no Brasil que seja favorável à volta da censura na imprensa.

Isso não significa, porém, que as empresas de comunicação tenham carta branca para publicar mentiras, calúnias ou boatos – obras de ficção, não notícias.

Elas têm um papel social que não permite esse comportamento.

Da mesma forma, é inadmissível que ainda hoje no Brasil emissoras de televisão e de rádio sejam propriedade de par-

lamentares, que as usam livremente para se eleger ou manter seus currais eleitorais, ou que formem cartéis.

Regular a mídia é um imperativo de qualquer democracia moderna.

A regulamentação é necessária para coibir abusos econômicos e para garantir que a informação seja um instrumento para o desenvolvimento do país e não para mantê-lo mergulhado no atraso e na ignorância.

(6/1/2015)

O rato e o urso



Em “O Rato que Ruge”, o ducado de Grand Fenwick vai à guerra contra os Estados Unidos para se salvar da bancarrota. Na comédia de 1959 dirigida por Jack Arnold e brilhantemente interpretada por Peter Sellers, o minúsculo país acaba derrotando a superpotência – e aí as coisas se complicam.

O filme marcou época por brincar com temas sérios em plena Guerra Fria. Quando foi lançado, o mundo era outro, talvez tão sombrio quanto o atual, mas definitivamente diferente: os mitos podiam se tornar reais e a prova disso é que o pequeno Davi vietcong pôs o Golias americano de joelhos apenas duas décadas depois da estréia da película.

O presidente da insignificante Geórgia, Mikhail Saakashvili, pode ter um nome quase impronunciável pelos ocidentais, mas é para eles que se volta desde há muito tempo. Estudou nas melhores universidades americanas, absorveu o mais profundo do american way of life e todos os seus conceitos de democracia.

E, tão logo assumiu o poder, mostrou ser um leal e devoto seguidor dos ideais do grande líder dos povos George W. Bush.

Uma de suas mais sinceras provas de amizade foi enviar 2 mil de seus melhores soldados para lutar ao lado das forças da civilização no bom combate contra o império do mal iraquiano.

Saakashvili gosta tanto da América que foi capaz de cometer por ela um ato de genuína insensatez. O desafio que lançou à Rússia não pode ser entendido de outra forma. Na sua concepção fenwickiana de estratégia, deve ter achado que este era o momento adequado para dar uma dolorida ferroadada no urso russo, esperando, como compensação por tanta audácia, uma ajuda providencial de seus amigos de ocasião.

Ele acredita que as milhares de mortes de seus concidadãos e os bilhões de dólares de prejuízos em infraestrutura são um preço baixo que seu país vai pagar pelo glorioso futuro que as forças democráticas do Ocidente proporcionarão à valente Geórgia.

Sua versão real da comédia sobre o ducado de Grand Fenwick é falha, porém, em um ponto: os russos estão, desde a ascensão do czar Putin, se preparando para mostrar que podem voltar a ser protagonistas no jogo global do poder.

E, como se sabe, a patada de um urso furioso pode não ser precisa, mas é, geralmente, mortal.

(10/8/2008)

O Coelho e o fim das coisas

A revista Reader's Digest traz até hoje uma seção chamada Meu Tipo Inesquecível. O título é autoexplicativo: as pessoas lembram de outras que as marcaram pelo resto da vida.

Não sei se todos tiveram o privilégio de encontrar um tipo inesquecível. Afortunado, posso dizer que lá pelos anos 70, na então pacata Jundiaí, topei com uma dessas pessoas que não se esquecem facilmente, pela simples razão de que são, de alguma maneira, diferentes das outras.

Quem conheceu o sociólogo Antonio Geraldo de Campos Coelho certamente sabe que ele era uma desses tipos. Maluco, diziam alguns; apenas excêntrico, diziam outros. Certo é que ninguém que conversasse com ele, por poucos minutos que fosse, sairia indiferente da prosa.

O Coelho tinha uma erudição total para temas que o fascinavam, como a sociologia política, e era absolutamente analfabeto para outros, mais triviais, como o futebol – ou o ludopédio, como se referia ao esporte preferido dos brasileiros.

Era cheio de manias. Não admitia, por exemplo, que o chamassem de professor – embora, em certa época da vida tivesse dado aulas. Para ele, o “epíteto” soava degradante, pois o igualava ao instrutor de capoeira, que, para o senso comum, também era professor.

Também apelidava amigos e inimigos. Entre nós havia o Chocolate, o Estilingue, o Peixe-Galo, o Menino Lobo, o Homem de Palha. Eu era o Nero, não sei bem por quê.

Mas o que distinguia mesmo o Coelho dos outros mor-

tais era o fato de que ele se dedicava, com uma paixão cega, a combater o marxismo. E, como em várias outras coisas, fazia isso de um modo peculiar: procurava vencer o inimigo por meio de argumentos, numa época em que as armas usadas em tal batalha eram outras, mais dolorosas e letais.

O Coelho escrevia, sempre contra o marxismo, para os jornais da cidade. Seus artigos eram longos, tediosos e incompreensíveis para as pessoas comuns, ou seja, quase todos os leitores. Fenomenologia era a palavra mais simples que usava.

Na verdade, não eram bem artigos: eram esboços de teses, dissertações abastecidas de notas de rodapés e citações de filósofos e pensadores de antanho, com argumentos que julgava sólidos para demolir a notável arquitetura do pensamento marxista. Como ninguém o contestava, é impossível saber se ele estava ou não com a razão.

O tempo passou, o muro de Berlim caiu, o socialismo real da União Soviética se desmanchou, e o Coelho e seu anti-marxismo radical passaram apenas a fazer parte de minhas lembranças quase esquecidas dessa época de sonhos.

As poucas notícias que tive dele depois do colapso soviético eram de que ele havia abandonado seus artigos político-sociológicos e passado a falar sobre o amor platônico. Achei a opção natural. Ele apenas trocava o alvo de suas preocupações. Se não havia mais o perigo de o comunismo triunfar, que o amor fosse então vitorioso.

Há poucos anos, fiquei sabendo que o Coelho havia mor-

rido. Antes disso, porém, talvez vendo que já estava perto da viagem final, combinou com os poderes constituídos trocar a sua biblioteca por um túmulo no cemitério que mais apreciava, por ter sido feito num morro e ser bastante amplo.

E lá ele descansa. E estaria ainda num lado de minha memória não fossem essas últimas notícias, vindas de todas as partes, dando conta de que também o capitalismo – ou pelo menos seu lado mais radical – não deu certo e a nação mais poderosa do mundo, ícone supremo da livre iniciativa, elegeu seu primeiro presidente negro para consertar a lambança feita pelo antecessor branco, de extrema-direita, cristão fundamentalista, um verdadeiro horror.

Gostaria que o Coelho estivesse por aqui para me explicar algumas coisas que eu não consigo entender muito bem.

(5/11/2008)

Copa de risco



Aberta a polêmica sobre a Copa do Mundo no Brasil em 2014, radialistas e jornalistas, em sua maioria, torcem o nariz, indignados, à pretensão. Como um país pobre, cheio de problemas, terceiro mundo à beira do quarto, pode querer hospedar tal evento magnífico? Não temos estradas, aeroportos, estádios, nada, nadinha, que possa dar a mínima segurança ao empreendimento. E que falar então da roubalheira inevitável que se perpetrará pelos nossos cartolas e políticos, inefáveis organizadores de bem azeitadas quadrilhas?

São, enfim, vozes tronitoantes a clamar pela ética, tendo como pano de fundo nossa total incapacidade gerencial e administrativa. O Brasil não é a Alemanha, nem o Japão, muito menos a Coreia do Sul ou os Estados Unidos, lembram. Precisamos, isto sim, de escolas, hospitais, estradas, aeroportos em boas condições. E a segurança, o que dizer dela?

Certo, eles têm razão. Nossos cartolas e políticos são lamentáveis e muitas vezes predispostos a atos condenáveis.

Precisamos de mais escolas, hospitais, estradas e aeroportos em melhores condições – sem falar em milhões de empregos, que possam aliviar a terrível tensão social que paira sobre nós continuamente e termina sempre numa explosão de violência.

Mas esses são problemas que nada têm a ver com a Copa do Mundo de 2014. Para resolvê-los, bem ou mal, existem nossos governantes, que preparam orçamentos específicos a serem cumpridos da melhor maneira possível. São problemas tão grandes que precisariam, para enfrentá-los, do engajamento de toda a nação.

A realização de uma Copa do Mundo é algo bem menor. Exige apenas um bom trabalho administrativo e muito dinheiro – que resultará, num segundo momento, em um bom lucro para quem investí-lo. Não tem nada a ver com governos, cartolas, políticos, corrupção, falta ou não de escolas ou hospitais. É preciso não confundir as coisas.

Realizar uma Copa do Mundo no Brasil é uma tarefa da CBF, com o aval e o suporte da Fifa. Cabe a quem se dispõe a organizá-la arrecadar os fundos necessários para reformar ou construir estádios adequados. Ao Estado cabe dar as condições para que as delegações e público disponham de segurança e meios de transporte eficientes.

Os nossos capitalistas precisam começar a agir como tal e não apenas quando lhes convém.

(18/2/2007)

De chorar de rir

De todas as pessoas das quais ouvi comentários sobre a volta de Ronaldo aos campos, a mais condescendente delas disse apenas que a atuação do jogador foi “patética”. A maioria preferiu mesmo achincalhar, com adjetivos amplamente pejorativos, a tentativa do atleta matar uma bola, driblar, pular para um cabeceio, correr – enfim, dar alguma mostra de que, um dia no passado, foi o melhor do mundo.

Mas por que então, no momento da transmissão em que, resfolegando, suando, com uma expressão de dor, Ronaldo exibia sua impotência diante de adversários no mínimo medíocres, os narradores das TVs Globo e Bandeirantes se referiam a ele como se fosse ainda o Fenômeno?

Por que todos os analistas de jornais populares, de jornais especializados em futebol, de jornais ditos “sérios”, de rádio, de televisão, no dia seguinte a essa pantomina, cismaram de exaltar uma genialidade que ninguém viu?

Ficaram todos malucos?

Bem, a discussão rende muito mais que algumas linhas de uma crônica.

Mas antes de mais nada, é preciso informar que o clássico do futebol mundial entre Corinthians e Itumbiara foi a transmissão esportiva mais vista deste ano. Considerando a crise econômica mundial e a retração natural do mercado publicitário, não é pouca coisa.

Ronaldo, com a perna dura, a barriga saliente, com aquele jeito de andar que lembra o personagem Seu Boneco, da saudosa Escolinha do Professor Raimundo, ainda é uma atração.

FÔTEBOL

De chorar de rir

Para o bem ou para o mal.

Para ser levado a sério, como quer a mídia, que precisa de ídolos para não entrar no vermelho, ou para ser mesmo esculachado pelo povo – o componente intrínseco do Brasil real, que ri das tragédias e chora das comédias escritas, dirigidas e encenadas pelo Brasil oficial.

(6/3/2009)

Bola de ouro

Garrincha morreu há 25 anos, dia 20 de janeiro de 1983. Hoje está esquecido por grande parte da chamada “crônica esportiva” e até pelo clube no qual exibiu seu repertório de dribles humilhantes, o Botafogo.

Garrincha foi um gênio do futebol. Poucos estiveram à sua altura. Foi também vítima inocente de um sistema cruel, incapaz de um gesto de solidariedade ao necessitado.

Enquanto suas pernas aguentaram, Garrincha encantou uma plateia exigente e infensa a tragédias íntimas.

Senhor do espetáculo, sua vida foi comédia e drama.

Mulato de pernas tortas, estrábico, fala e atitudes ingênuas, era como se fosse o próprio Brasil correndo pela lateral, enganando o implacável marcador com uma ginga desconcertante e fazendo o gol mais improvável do jogo.

É, Garrincha foi o erro que deu certo.

(20/01/2008)

O rei dos cartolas

Tempo de Copa do Mundo, tempo de lembrar as glórias passadas do Brasil no viril esporte bretão. Tempo também de lembrar das figuras que tornaram o futebol a verdadeira paixão nacional – incluídos nesse panteão os tão criticados, desprezados e humilhados cartolas, hoje chamados de “dirigentes esportivos” por uma geração que não conheceu os tipos que realmente levaram o esporte da bola como se deve – a sério, mas nem tanto.

E, assim, nada mais justo que recordar o mais folclórico e rico – no sentido cultural – de todos, o inimitável e imorredouro Vicente Matheus, corintianíssimo, mas amado pelos torcedores de todos os times rivais.

Sujeito inteligente como poucos, Matheus era desconcertante. Comandou o Corinthians com mão de ferro e se transformou no estereótipo do cartola nacional: um tipo que dedica a vida ao clube de seu coração e é capaz de fazer tudo por ele, aí incluído um repertório de boas e de más ações.

Mas, além de sua corintianice hiperbólica, Matheus passou à história também como um notável fazedor de frases, muitas delas ainda repetidas em qualquer roda de amigos que discutem o futebol. Ele dizia que a gorda coleção de frases era um exagero dos jornalistas. Pouco importa, o que vale mesmo é curtir o non sense do matheusês, a língua que melhor expressa as raízes, o jeito e a magia do futebol brasileiro.

Aí vai, então, um pequeno exemplo do imenso legado de

Vicente Matheus:

“Quem está na chuva é para se queimar.”

“Haja o que hajar, o Corinthians será campeão.”

“Esse é um resultado que agradou gregos e napolitanos.”

“Gostaria de agradecer à Antartica pelas Brahmas que nos mandaram.”

“O Sócrates é invendável e imprestável.”

“Depois da tempestade vem a ambulância.”

“Comigo ou sem migo o Corinthians será campeão.”

“Quero mesblar (referência à antiga loja Mesbla) jovens e velhos da diretoria.”

“Tive uma infantilidade muito triste.”

“O difícil não é fácil.”

“De gole em gole, a galinha enche o papo.”

“Peço aos corinthianos que compareçam às urnas para naufragar nossa chapa.”

“Não veio o Falcão, mas comprei o Lero-Lero.” (referindo-se ao jogador Biro-Biro)

“Isso é uma faca de dois legumes.”

“Vou realizar uma anestesia geral para quem tiver a mentalidade atrasada.”

“Jogador tem de ser completo como o pato, que é um animal aquático e gramático.”

E essa eu sei que é verdadeira, pois ouvi numa transmissão da antiga rádio Tupi, depois de um jogo em que enfurecidos torcedores corintianos tentaram agredir alguns cartolas. O repórter foi ouvir a opinião de Matheus sobre o

FUTEBOL

O rei dos cartolas

episódio. Ele não deu muita importância ao incidente:

– Isso aí foi coisa de meia dúzia de gatos pintados.

(16/6/2010)

It's amazing!



O diplomata Roberto Abdenur, depois que perdeu o posto de embaixador do Brasil nos Estados Unidos, anda a desancar a política externa brasileira e o Itamaraty. Vê inspiração ideológica em todas as ações da diplomacia e laivos esquerdistas em suas orientações. E, pecado dos pecados, jura que o antiamericanismo é quem dita as ações do Itamaraty. Brada isso dias antes de o presidente George W. Bush aportar por aqui para trocar umas ideias com o colega Lula.

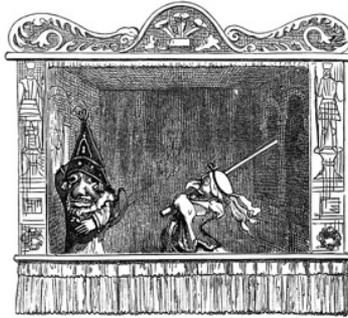
Os lamentos de Abdenur certamente não chegaram aos ouvidos de Bush filho. Mas se tivessem chegado, seria muito difícil que ele acreditasse que o país que está visitando carrega esse forte sentimento antiamericano apregoado pelo diplomata. Na verdade, Bush filho estará em casa.

Terá voado num Boeing, andarás talvez num Ford ou Chevrolet, se hospedarás quem sabe num Hilton, comerás provavelmente um steak, beberás uma Coca Cola, tratarás a indigestão com um alka seltzer, curado sonharás com um Burger King, mas terá de se contentar em comer um McDonald's, delivered by a moto-boy.

Oh, what a wonderful world!

(1/3/2007)

Espelho do Brasil



O Canal Brasil exibiu, dias desses, o filme *O Corinthiano*, de 1967, dirigido por Milton Amaral e estrelado por Mazzaropi. Conta a história de um barbeiro que vive na periferia de São Paulo, com a mulher e os dois filhos. Sua paixão é o futebol, ou melhor, o Corinthians. Por causa disso, vive às turras com o vizinho palestrino e com sua própria família. Seu maior desgosto, quando o Corinthians não perde, é saber que o filho não quer ser jogador de futebol e sim médico, e a filha, bailarina, e não costureira.

O barbeiro Manuel não acredita em mobilidade social. Seu mundo é feito de códigos rijos. Só perdoa a filha quando um militar de alta patente lhe diz que o sonho das melhores famílias é ver suas filhas integrarem um corpo de baile. “Sempre me falaram que esse negócio de dançar não é pra moça direita” – assim ele justifica seu veto à escolha da filha. É preciso lembrar que o país já vivia sob a ditadura militar em 1967. Mazzaropi batia continência à autoridade. No fim, ele se convence também que a escolha do filho não foi

tão ruim – afinal, existia a possibilidade de ele trabalhar no Corinthians.

Além das imagens históricas do clássico Palmeiras e Corinthians, num Pacaembu cheio e ainda com a Concha Acústica – e do desfile de craques do naipe de Ademir da Guia e Dino Sani –, o filme exhibe momentos da genialidade do artista Mazzaropi. Talvez ele não tenha sido o único a captar as sutilezas do homem comum brasileiro, mas certamente foi quem encarnou de maneira mais completa suas fraquezas. Seja no papel do caipira, do Jeca, ou em tipos urbanos, como esse barbeiro Manuel, Mazzaropi, com aquele andar trôpego, balançado, com seu jeito desamparado e sua voz única, é como um espelho do Brasil. O barbeiro que não vê perspectiva para o futuro de seus filhos, a não ser como jogador de futebol ou costureira, não é uma metáfora – é, ainda, a triste realidade.

(7/4/2007)

No reino do absurdo

Pancho Villa, o herói da revolução mexicana, fala quechua. A selva peruana está cercada de areia movediça, com insaciáveis formigas que devoram humanos, e enormes cataratas. A pirâmide de Chichen Itzá estranhamente aparece no meio da Amazônia peruana. Ah, e a música, que deveria ser peruana, já que as aventuras do herói se passam no Peru, são... mexicanas.

Não é à toa que os espectadores peruanos estão saindo dos cinemas indignados com a superprodução Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal.

Afinal, até mesmo uma obra de ficção – e haja ficção nela! – tem de ter alguns elementos verdadeiros que sustentem a sua história – por mais inverossímil, absurda e infantil ela seja.

Como dinheiro não falta aos produtores hollywoodianos, fica a impressão de que tais disparates são cometidos por total ignorância e descaso com a cultura alheia. O que realça o velho estereótipo que mostra o americano como um sujeito entre o boçal e o cretino, cuja única preocupação é mastigar apressado um hambúrguer mal passado, entremeado com goles da insuportável Budweiser – sorvida pelo gargalo da garrafa.

Mas se os realizadores desse novo Indiana Jones – praticamente a mesma turma dos outros – capricharam nos detalhes no começo e meio do filme, é no fim que ele mostra que é mesmo do outro mundo, quando um disco voador emerge das profundezas de um palácio de ouro.

CINEMA

No reino do absurdo

Afinal, uma obra desse nível não iria se contentar em ser apenas deste planeta.

(29/5/2008)

Gosto de veneno

O DVD nos dá o que a TV nos esconde. Com um pouco de paciência é possível descobrir obras fantásticas, verdadeiros tesouros perdidos. Ou gratas surpresas: Frank Capra, o cineasta do idealizado sonho americano, quem diria, era também um feroz crítico deste nosso modo ocidental de ver as coisas apenas pelos nossos olhos.

“O Último Chá do General Yen” (“The Bitter Tea of General Yen”) é um de seus filmes menos conhecidos. Produzido em 1933, tem Barbara Stanwyck e Nils Asther como protagonistas. Ela, uma americana que acaba de chegar a uma China convulsionada pela guerra civil para se casar com um missionário; ele um dos inúmeros “senhores da guerra” que dividiam – e disputavam o poder. Ela acaba “hóspede” do general, em seu palácio. Ele se apaixona por ela. O choque cultural é inevitável. Ela não compreende seu modo de agir – o refinado general a choca com sua lógica implacável, suas maneiras refinadas e o pragmatismo de suas ações de despota. E trava uma luta íntima para não se render à sua paixão por esse “bárbaro”.

E o que era para ser um melodrama, acaba se transformando numa sutil peça sociológica: até que ponto o ser humano é capaz de se livrar de suas crenças e aceitar as do próximo, ou, em outras palavras, quem de nós pode se apregoar o direito de dizer que está completamente com a razão?

Hoje, 76 anos depois de “O Último Chá do General Yen” ser exibido pela primeira vez nos cinemas, o grande dilema do homem continua sendo a sua incapacidade de acei-

tar o diferente. Israelenses bombardeiam palestinos, americanos matam iraquianos e afegãos, muçulmanos e cristãos se odeiam, brancos se julgam superiores a negros. Todas as formas de opressão e preconceito apenas aumentam sem parar.

O veneno com que o general Yen adoçou o seu último chá parece ter contaminado a Terra.

(11/01/2009)

Lições de humanidade

A rede francesa internacional de televisão TV5 exibiu outro dia o filme “Le Vieil Homme et L’Éfant” (“O Velho e a Criança”), dirigido por Claude Berri, com o magnífico Michel Simon e o garoto Alain Cohen nos papéis principais. A produção é de 1968, em branco e preto, com roteiro do próprio Berri e Gérard Brach. Conta a história de Claude, de 9 anos, que é levado pelos pais para viver numa fazenda com um casal de idosos. A ação se passa na França ocupada pelos nazistas em 1944. A família do menino vivia sob constante perigo de ser identificada: são judeus, algo que a criança não compreende muito bem.

Na fazenda, o garoto começa a desbrochar para a vida, e o velho, Pepe, graças à sua companhia, volta a se sentir vivo. A relação dos dois é transbordante de afeição – e de lições de racismo. Acontece que Pepe é daqueles antissemitas que odeiam os judeus por razões atávicas. Ele explica a Claude que a raiz de todos os problemas da França (detalhe: Pepe admira o marechal Pétain na mesma proporção que odeia os “bolchevistas”) tem como origem esses seres conhecidos por seus narizes curvos como ganchos, por cheirarem mal e por seus pés chatos. “Reconheço um judeu de longe”, diz Pepe a um Claude fascinado pela sua conversa.

O filme mostra o relacionamento entre as pessoas com tanta sutileza que deixa no ar inúmeros pontos de reflexão. O principal, porém, é mesmo a desimportância do conceito de raça.

Os seres humanos, diz Berri em sua obra, são um só e po-

dem se entender apesar das diferenças religiosas (Claude, para não mostrar que é judeu aprende a rezar o “Pai Nosso”), culturais (para agradar ao velho, vegetariano, ele recusa o pato temperado com mostarda servido no almoço), de idade, sexo, cor (“ontem foram os alemães, hoje são os negros americanos que estão na França”, diz o velho, ao ver seu vilarejo festejar a liberação).

Não estou certo, mas parece que o filme é autobiográfico. Se não, pelo menos foi inspirado por um fato real. E isso o torna mais ainda mais importante, porque nos faz ter a esperança de que aquilo que ocorre hoje na inóspita e miserável Faixa de Gaza, envolvendo judeus e palestinos, seja apenas um ato de loucura, conduzido por lideranças desvairadas.

(7/1/2009)

Política e humanismo

Duas obras-primas do cinema da década de 50, os filmes dirigidos por Julien Duvivier com base nos contos de Giovanni Guareschi, “Don Camillo” e “O Retorno de Don Camillo”, foram lançadas recentemente no mercado brasileiro em DVD.

Além das magníficas interpretações de Fernandel e Gino Cervi, como Don Camillo e sua contraparte, o prefeito comunista Peppone, os filmes sintetizam de modo admirável a obra de Guareschi, sincera, divertida, transbordante de humanismo – e de certa maneira, totalmente política.

O mundo de Don Camillo, cheio de nuances, de meios tons, onde nenhum personagem é inteiramente bom ou mau, inclusive o próprio padre que procura ocultar os seus pecadilhos do Jesus crucificado de sua igreja (para quem não sabe, Don Camillo conversa frequentemente com a estátua – ou seria a sua consciência?), na verdade não se circunscreve à região da aldeia de Reggio, na Emilia Romagna. Sintetiza todas as pequenas e grandes aldeias da Terra, onde os homens, basicamente, procuram viver da melhor maneira que podem.

No constante embate que travam, Don Camillo e Peppone alternam derrotas e vitórias. Defendem de todas as maneiras os seus ideais – o padre, os valores religiosos, a ordem conservadora, a estabilidade; o prefeito comunista, a transformação social, a “revolução”, como diz, o trabalho coletivo, a disciplina partidária. Nem por isso se odeiam, pois

veem na amizade que têm há longo tempo algo mais poderoso que as desavenças políticas. E, acima de tudo, pensam, cada qual a seu modo, no bem-estar da comunidade.

Don Camillo e Peppone, aparentemente contrários em tudo, brigam pelas mesmas coisas, são como irmãos siameses que dependem um do outro para sobreviver.

Claro que seria pedir demais a certas figuras públicas do Brasil a compreensão da luta política que Don Camillo e Peppone travam.

Primeiro, porque ambos são frutos da imaginação exuberante de Guareschi, um católico que compreendeu que nem tudo do Partido Comunista Italiano do pós-guerra estava errado e nem tudo da Democracia Cristã estava certo. Um país estilhaçado pela derrota na guerra não poderia se dar ao luxo de não absorver a riqueza de todas as experiências sociais dos seus homens da direita e da esquerda. Nem fazer pouco caso de sua longa e profícua tradição humanista.

Outro fator que limita esses tais homens públicos nativos que desdenham dos principais fundamentos da política é justamente o fato de que, ao contrário de Don Camillo e Peppone, eles absolutamente não se sentem ligados à sua terra ou ao seu povo. E assim, agem em interesse próprio, descompromissados de tudo o que não renda algum benefício – a si mesmos e aos de sua classe.

E.T.: FHC, aquele ex-presidente que não aceita a aposentadoria e tampouco o êxito de seu sucessor, escreveu um ar-

tigo que foi publicado neste domingo nos principais jornais da direita brasileira. Nele, fica claro que o autor, um esnobe e pretensioso “intelectual”, nunca foi leitor de Guareschi. E, se foi, não deu a ele a menor importância. Afinal, seu mundo é outro.

(1/11/2009)

Uma metáfora da arte

Nestes tempos pós-Oscar, em que filas bem-comportadas aguardam pacientemente a hora de conferir a justiça das premiações, é no mínimo estranho que um filme como “Jards Macalé: Um Morcego na Porta Principal”, de Marco Abujamra e João Pimentel, esteja em cartaz em São Paulo. Estranho, mas simbólico: se por um lado o protagonista, pela qualidade de sua produção musical, realmente merece um prêmio como o Oscar, por outro, sempre fez de tudo para ser rejeitado pelas academias da vida, devido às suas brigas constantes com o establishment, com a indústria fonográfica, com os colegas de profissão – e até mesmo com o público.

Alguém pode dizer que artista é assim mesmo, temperamental, cheio de idiossincrasias, revoltado. Mas nem todos agem dessa maneira. Na verdade, são bem poucos os que optam por viver sem concessões, na completa solidão, ouvindo “o silêncio do seu próprio corpo”, como a certa altura do “documentário”, Macalé afirma.

O filme, uma metáfora sobre a dificuldade da criação artística no Brasil, mostra como é difícil para um ser humano passar pela vida sendo completamente fiel ao menos àquilo de que gosta, que sabe fazer, aos seus valores, aos seus ideais. Num dos pontos altos do filme, um Gilberto Gil engravado explica que o próprio ato de viver é uma concessão – e que ele já fez inúmeras.

É algo para se pensar.

Infelizmente não é possível saber se o cantor, composi-

tor e violonista Jards Macalé concorda com Gilberto Gil. Pela história que o filme conta, provavelmente não. Afinal, como um sujeito que levou tantas porradas em sua carreira pode ter ultrapassado o limite de suas crenças?

“Maldito é a mãe”, protesta Macalé à abordagem do inevitável epíteto que o persegue. “Um Morcego na Porta Principal” deixa claro que, se Macalé teve de nadar contra a corrente e desafinar o coro dos contentes, não foi porque ele nasceu um anjo torto. Foi simplesmente porque reagiu, como artista sensível, à violência de uma época em que só era permitido sonhar em branco e preto – um reflexo daquele Brasil cinza construído por golpes de baionetas e cacetadas.

Hoje, depois da longa travessia, ele parece ter transformado a rebeldia explícita num cinismo sereno, uma quase aceitação das mudanças pelas quais o país passou. A paisagem definitivamente mudou: em vez daquele abismo na porta principal, ele já pode contemplar plácidas e verdes montanhas em sua casa no campo.

(9/3/2010)

Sherlocks

O mais famoso personagem da literatura policial, Sherlock Holmes, notável criação do escocês Arthur Conan Doyle, já apareceu sei lá quantas vezes em filmes para o cinema ou televisão. De certa forma, Sherlock não foi apenas ele, mas muitos outros, de personalidades as mais variadas, nessas versões de seus contos e romances.

Depois de certo tempo longe do grande público ele voltou à telona interpretado por Robert Downey Jr., com direção de Guy Ritchie, o ex-marido de Madonna, trazendo muitos efeitos especiais, lutas, explosões e sequências em câmera lenta.

O primeiro Sherlock repaginado fez tanto sucesso que os seus produtores resolveram repetir a fórmula e tudo indica que este “Sherlock Holmes 2 – O Jogo de Sombras” que está nos cinemas terá outra continuação – porque assim manda a indústria do cinema controlada pelos USA.

Para quem gosta desse estilo blockbuster, de ação contínua, cortes rápidos, cenários hiperrealistas e fotografia saturada, esse novo filme deve ser um prato cheio. Vi o primeiro na televisão e até que achei divertido, mas não mais que isso. Pouco restou do personagem original, aquele sujeito fleugmático, inteiramente cerebral, que evitava qualquer atividade física desnecessária – e sempre derrotava os mais pérfidos vilões.

Mas os fãs verdadeiros do maior detetive de todos os tempos, que até podem aceitar esse Sherlock chegado numa

pancadaria, certamente vão preferir a versão que a BBC produziu recentemente, criada por Steven Moffat e Mark Gattis, também lançada em DVD no Brasil. Até o momento foram levados ao ar três episódios, primorosos, com uma particularidade que torna a série ainda mais atrativa: este Sherlock cínico e misógino vive na Londres contemporânea, usa celular e computador, anda em carros modernos, e seu amigo, o dr. Watson, é um veterano da guerra do Afeganistão.

O herói é interpretado por Benedict Cumberbatch e o seu companheiro de aventuras por Martin Freeman. Os dois atores esbanjam talento e dão aos seus personagens as nuances expressivas que diferenciam as produções medíocres das superlativas. As histórias, como as do Sherlock de Conan Doyle, prendem a atenção do espectador desde o início, são inteligentes e bem narradas e enfatizam o método dedutivo de investigação do detetive, capaz de, a partir de um simples detalhe que observa, construir uma teoria, que, quase sempre, se comprova verdadeira.

Claro que a produção da BBC é bem mais modesta em recursos que as dirigidas por Guy Ritchie. E até por isso seus méritos ficam mais evidentes – que diferença que faz assistir a um filme com bons atores e bons diálogos! Que falta fazem ao cinema intérpretes com o carisma de um Gassman, de um Mastroianni, Sordi, Tognazzi, de um Noiret, Fernandel, Piccoli, Serrault, do extraordinário Michel Simon...

Felizmente ainda existem hoje alguns atores que honram esses antecessores notáveis, como, por exemplo, o francês

Gérard Depardieu, uma força da natureza, que se move em frente da câmera como se estivesse tomando um cafezinho ou simplesmente respirando.

Fiquei convencido de seu extraordinário talento desde que vi o “Cyrano” de Jean-Paul Rappeneau, há uns 20 anos. Ontem, ao assistir ao sensível, inspirado e belo “Minhas Tardes com Margueritte”, de Jean Becker, onde ele contracena com a quase centenária Gisèle Casadesus, não tive mais dúvidas de que o cinema é mesmo uma grande arte, desde que feito com emoção, a mesma emoção que move os seres humanos em seus atos, sejam eles heroicos ou insensatos, trágicos ou cômicos, grandes ou pequenos. O resto são meros detalhes.

(22/1/2012)

O lado negro



Autobiografias geralmente são mentirosas. Ou parciais. Poucos querem se mostrar por inteiro, com qualidades e defeitos. O guitarrista, compositor e cantor Eric Clapton teve coragem suficiente para abrir as portas do inferno que foi sua vida até 20 anos atrás. “Eric Clapton: a Autobiografia”, recém-lançada pela Editora Planeta, se por um lado preenche a necessidade que o público tem de se inteirar das fofocas sobre seu astro favorito, por outro desglamouraliza o meio artístico, revelando seu lado negro: rios de álcool inundando praias de cocaína e heroína, perdas entre espessas nuvens de maconha. Em meio a todo esse delírio, talentos despedaçados e vidas destruídas. É impressionante, quase inacreditável, que alguns desses personagens tenham sobrevivido a tais excessos.

Como o próprio Eric Clapton. Quem acompanhou sua carreira certamente notou que desde o estrondoso sucesso da banda The Cream até o mergulho radical nas raízes do blues, Clapton tem sido um dos mais importantes artistas

do cenário pop nas últimas quatro décadas. Seja porque é um virtuose aclamado, seja pela seriedade com que abraçou projetos e sua própria música, dando suporte a dezenas de outros artistas e consolidando seu próprio estilo de cantar, tocar e compor. Muitos julgam mesmo que foi esse inglês apaixonado pelo blues quem acabou colocando em evidência o gênero para os americanos, expandindo sua audiência e resgatando importantes nomes que estavam esquecidos. Robert Johnson, por exemplo.

Porém, essa trajetória artística de mais altos que baixos escondeu um homem que, como confessa na autobiografia, somente amadureceu quando tinha mais de 50 anos. Até então, suas ações profissionais eram controladas por outras pessoas e suas emoções viviam presas ora à cocaína, ora à heroína ou, por último, ao álcool. Foi uma caminhada dura, que mostra a capacidade do ser humano de superar limites.

Claro que Clapton não é um herói. Como ele próprio explica, se está há 20 anos “sóbrio” é porque a outra opção era simplesmente morrer. Mas depois que chegou à conclusão de que ainda restava uma esperança, fez a lição certinho e entrou nos eixos. Sabe, porém, que muitos não tiveram a sua sorte e acabaram se destruindo: ele, enfatiza, nos piores momentos, quando tudo parecia perdido, pelo menos teve a música para se agarrar.

Hoje, Clapton segue trabalhando, vive com sua família, mantém o centro de reabilitação Crossroads e acha que o pior já passou. Ou pelo menos assim espera, como escreve

num parágrafo do epílogo:

“ Minha família continua a me trazer alegria e felicidade no cotidiano, e, se eu fosse qualquer coisa que não um alcoólatra, alegremente diria que ela é a prioridade número 1 de minha vida. Mas não pode ser assim, pois sei que perderia tudo se não colocasse minha sobriedade no topo da lista. Continuo a participar dos encontros dos 12 passos e mantenho contato com o máximo possível de pessoas em recuperação. Permanecer sóbrio e ajudar outros a alcançar a sobriedade será sempre a proposta mais importante de minha vida.”

Para o bem da música em geral, tomara que tudo dê certo.

(27/10/2007)

De acordo em acordo

Acho que todos já devem (ou deveriam) ter ouvido falar de Monteiro Lobato. O gênio literário, autor da obra infantil mais completa da língua portuguesa e excepcional contista, era também um homem irrequieto, idealista, e, como todo sonhador, muito além de seu tempo.

Mais: Lobato era um revolucionário que atuou em várias frentes, desde a edição de livros até a pregação radical em prol da industrialização do país.

Um exemplo desse espírito libertário foi a singular gramática que adotou lá pelos anos 20 do século passado. Isso antes que os acadêmicos resolvessem “atualizar” o português – daquela vez, como agora, mexeram nos acentos, e resolveram também eliminar algumas letras dobradas, absolutamente desnecessárias às palavras. Lobato simplesmente mandou as regras oficiais às favas e passou a escrever seus deliciosos textos à sua moda.

Hoje, quando se discute inutilmente sobre mais um acordo ortográfico, que pretende unificar a língua portuguesa falada e escrita em diferentes partes do mundo, a “Ligeira nota sobre a ortografia de Monteiro Lobato (Entrevista com os Editores)”, que precede vários de seus livros (Urupês, Negrinha e Cidades Mortas, para citar alguns), é de uma atualidade impressionante.

Vale a pena reproduzir alguns trechos dessa obra-prima de lucidez:

“Monteiro Lobato pensa em tudo por si próprio. Muito

antes de oficializada a atual ortografia, já ele tinha reagido contra a etimologia – e agora reage contra os acentos. Em tudo quanto escreve, e nas traduções, não usa acentos, afóra os antigos. Qual a razão dessa ojeriza? Interpelamo-lo e a sua resposta merece menção.

– Não é ojeriza. É o horror que eu tenho à imbecilidade humana sob qualquer forma que se apresente. Há uma lei natural que orienta a evolução de todas as línguas: a lei do menor esforço. Se eu posso dizer isto com o esforço de um quilogrâmetro, por que dizê-lo com o esforço de dois? Essa lei norteia a evolução da língua e foi o que fez com que caíssem as letras dobradas, os hh mudos etc. A reforma ortográfica veio apenas apressar um processo em curso (...) Essa grande lei do menor esforço conduz à simplificação da ortografia e jamais à complicação – e os tais acentos a torto e a direito que os reformadores oficiais impuseram à nova ortografia vêm complicar, vêm contrariar a lei da evolução! São, pois, uma coisa incientífica, tola, imbecil, cretinizante e que deve ser violentamente repelida por todas as pessoas decentes (...) Que é a língua dum país? É a mais bela obra coletiva desse país (...)

– Nega então a utilidade do acento?

– Está claro, homem! Pois não vê que a maior das línguas modernas, a mais rica em número de palavras, a mais falada de todas, a de mais opulenta literatura – a língua inglesa – não tem um só acento? E isto teve a sua parte na vitória dos povos de língua inglesa no mundo, do mesmo modo que

a excessiva acentuação da língua francesa foi parte de vulto na decadência e queda final da França. O tempo que os franceses gastaram em acentuar palavras foi tempo perdido – que o inglês aproveitou para empolgar o mundo.”

Como se observa, a acentuação desta “crônica” não é a de Lobato nem a do novo acordo ortográfico, uma vez que o cronista ainda não se despojou de antigos hábitos. Afinal, toda mudança é traumática, principalmente aquelas que são feitas contra a nossa vontade.

(3/1/2009)

A fúria do João

Acabo de ler a biografia de um grande brasileiro, “João Saldanha – Uma Vida em Jogo”, de André Iki Siqueira (Companhia Editora Nacional, 551 páginas), que ganhei de amigos. Saldanha, para os mais novos que talvez não o conheçam, foi jornalista esportivo, treinador do Botafogo e da seleção brasileira, e um tenaz e obediente militante comunista – essa talvez seja a sua faceta menos conhecida.

Era, segundo o relato de seus inúmeros amigos, um contador de casos extraordinário. Muitas vezes acrescentava detalhes que só havia vivido em sua imaginação.

Era, também, um comunicador, seja no rádio ou televisão, brilhante, parecia que tinha nascido para aquilo. Seus comentários de futebol – lembro de alguns na transmissão por TV da Copa de 70 – iam direto ao ponto, tinham a concisão e a objetividade pouco vistas nos profissionais de hoje.

Saldanha discutia o jogo com a maior naturalidade possível. Podia fazer isso, pois entendia do negócio. A seleção tricampeã de 70, dirigida pelo amigo Zagallo, foi montada quase toda por ele, que a levou a uma classificação memorável, depois do fracasso nos campos da Inglaterra, em 66. Eram as “feras” do Saldanha, um contraponto aos “canarinhos” de até então.

Polemista por natureza, acho que Saldanha teria se dado muito bem se estivesse vivo nestes tempos de internet. Bateria com folga esses sujeitos que acham que debater é xingar o oponente, que trocam a defesa de pontos de vista por

acusações vagas, que, sem argumentos, sabem apenas caluniar e injuriar o adversário.

Comunista de carteirinha, Saldanha teve em Nelson Rodrigues, seu oposto ideológico, um de seus maiores amigos, quase um irmão.

É comovente a crônica “João Sem Medo”, que Rodrigues escreveu no “Globo” para saudar a boa campanha que o amigo fazia no comando da seleção:

“Amigos, não acreditem, pelo amor de Deus, que as qualidades influem no amor. Influem pouquíssimo ou nada.

Por exemplo: o meu caro João Saldanha. Tenho-lhe um afeto de irmão..Quebrei minhas lanças para que a CBD o escolhesse. João Havelange e Antônio do Passo tiveram um momento de lucidez ou mesmo de gênio, e o chamaram. Ao ler a notícia, berrei: ‘É o técnico ideal!’ Um amigo meu, bem-pensante insuportável, veio-me perguntar: ‘Você acha que o João tem as qualidades necessárias?’ Respondi: ‘Não sei se tem as qualidades. Mas afirmo que tem os defeitos necessários.’ E, realmente, o querido Saldanha possui defeitos luminosíssimos.”

Pois é, Nelson Rodrigues, outro brasileiro genial, enxergava os “defeitos” de Saldanha como virtudes. “É um furioso”, escreveu nessa sua crônica famosa.

Nada mais certo que ver na fúria com que Saldanha investia contra a corrupção, contra as injustiças, contra as safadezas das autoridades, contra as mazelas do capitalismo, algo bom, depurador, libertador.

O episódio em que mandou um recado ao ditador da época se tornou inesquecível. Médici queria que Dario, o Dadá Maravilha, fosse convocado para a seleção. Médici podia tudo, menos dobrar o João Sem Medo: “O senhor organiza o seu ministério, e eu organizo o meu time”, foi a sua resposta ao mais sinistro chefe de Estado que o Brasil já teve.

Hoje, com tais “defeitos”, Saldanha seria imbatível nas duas áreas em que atuou.

Como jornalista, mostraria que a profissão é muito mais do que a transcrição de falas de autoridades ou a defesa incondicional da oligarquia.

Como militante político, estou certo que traria lucidez a um embate que, muitas vezes, se esquece de incluir o ser humano como elemento primordial de qualquer ação.

O João Sem Medo que sai da biografia escrita por André Iki Siqueira é mais que um mito, é um homem de carne e osso, um cidadão, acima de tudo. E é isso que o faz grande.

(19/2/2012)

A cruzada moderna

Terminei outro dia, pelo menos dois meses depois de iniciada, a leitura do extraordinário livro do jornalista inglês Robert Fisk “A Grande Guerra pela Civilização – a Conquista do Oriente Médio”. Costumo ler livros bem mais rapidamente, mas esse em particular demorou tanto por uma razão simples: a obra tem cerca de 1.500 páginas. Assim dito, parece uma travessia impossível, mas qualquer um que deseje entender o que se passou da segunda metade do século 20 até agora no mundo – ou pelo menos naquela parte onde o islamismo é a religião principal – vai ficar fascinado pela leitura.

Fisk é um dos sujeitos que mais conhecem a história dos países do Oriente Médio e imediações. Pudera, atua como jornalista naquela região há décadas, mora em Beirute há mais de 30 anos, entrevistou todo tipo de personagem e participou dos acontecimentos que fizeram o que é hoje Israel, a Jordânia, o Líbano, a Síria, o Iraque, o Irã, a Argélia, o Afeganistão, a Turquia. Esteve lá, viu tudo, conversou com gente de todo tipo, reis, xeques, príncipes, generais, soldados, sobreviventes de massacres, fanáticos religiosos. A lista é enorme. Entrevistou Osama Bin Laden duas vezes, uma delas em seu esconderijo nas montanhas afegãs. Viu os mujahedins derrotarem o exército russo – estava num comboio que foi emboscado pelos guerrilheiros, ocasião em que, pela única vez em sua longa carreira, ficou com uma arma na mão, um fuzil de assalto Kalashnikov dado a ele por um te-

nente no caminhão em que viajava.

Em outra ocasião se viu cara a cara com nada menos que o lendário criador da arma mais popular de todos os tempos, Mikhail Kalashnikov, e não perdeu a oportunidade para lhe perguntar o que sentia ao saber que seu fuzil já havia matado tantas pessoas, muitas delas inocentes, velhos, mulheres e crianças. “Criei essa arma para defender a minha pátria”, foi a resposta que ouviu.

O livro explica tudo o que vem acontecendo naquela parte do mundo. Mostra que as guerras fazem muito mais vítimas civis que militares. Revela que a ambição do Ocidente, em conjunto com a ânsia de poder de ditadores cruéis, é a causa de quase todos os horrores que se abatem sobre aqueles países, a maioria deles nascida de forma artificial, fruto de planos elaborados para atender os interesses imperialistas das potências ocidentais.

Fisk não poupa ninguém nos longos capítulos de seu livro. Procura, com a imensa carga de humanidade que sua escrita fluida carrega, ser, essencialmente, justo com os protagonistas das histórias de barbárie – todas em nome da civilização – que conta. Está tudo ali, as promessas dos americanos, dos ingleses, dos franceses, de “nós”, como ele coloca, para levar àqueles povos a democracia capaz de melhorar as suas condições de vida, e todas as traições posteriores, que desencadearam episódios que envergonham a humanidade.

O relato de Fisk, muitas vezes chocante nos detalhes que apresenta, é definitivo para quem procura compreender o

jogo da geopolítica mundial.

Ao mesmo tempo revela os milhões de anos-luz que separam o jornalismo que algumas pessoas ainda insistem em fazer, que busca, antes de tudo, a verdade factual, ainda que ela esteja oculta pelas sombras, daquele que somos obrigados a digerir no dia a dia tupiniquim, que se move em direção a interesses empresariais e partidários – quando não meramente criminosos.

Fisk trabalha no jornal britânico *The Independent* e seu livro ainda pode ser encontrado nas livrarias brasileiras, mas o preço é salgado, cerca de R\$ 150. O meu exemplar foi comprado numa livraria em Serra Negra por, se me lembro bem, menos de R\$ 20. Quando pagava, a moça do caixa comentou: “Acho que o sr. agora vai ter o que ler neste fim de semana.”

Ah, se ela soubesse...

(7/6/2012)

Muito mais que um poetinha

As homenagens pelo centenário de nascimento de Vinícius de Moraes foram muitas e merecidas.

Mas insistiram no Vinícius poeta do amor, cantor da beleza feminina, maravilhoso letrista da MPB.

No Vinícius poetinha.

Ele, porém, foi bem mais que isso.

Está entre os maiores poetas brasileiros.

Um “lírico”, na opinião de outro grande, João Cabral de Mello Neto.

Um humanista, na minha modestíssima opinião.

Um homem inconformado com um mundo desvairado, à beira da loucura:

*“Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da roda
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa*

*Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.”
(Rosa de Hiroxima)*

Um homem preocupado com o destino de seus irmãos:
*“Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia as casas
que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.”
(Início de O Operário em Construção)*

Um homem que cresceu na amizade e no respeito aos seus pares:
“Feito só, sua máscara paterna

*Sua máscara tôca de acre-doce
Feição, sua máscara austerizou-se
Numa preclara decisão eterna.
Feito só, feito pó, desencantou-se
Nele o íntimo arcanjo, a chama interna
Da paixão em que sempre se queimou
Seu duro corpo que ora longe inverna.
Feito pó, feito porem, feito fibra
Feito pedra, feito o que é morto e vibra
Sua máscara enxuta de homem forte.
Isto revela em seu silêncio á escuta:
Numa severa afirmação da luta
Uma impassível negação da morte.”
(Máscara mortuária de Graciliano Ramos)*

Um homem feito de sentimento e razão:
“A morte chegou pelo interurbano em longas espirais me-
tálicas.
Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.
De repente não tinha pai.”
(Início de Elegia na Morte de Clodoaldo Pereira da Silva
Moraes, Poeta e Cidadão)

Um homem cujos versos vão além da poesia, são puro en-
canto, pura maravilha.

(20/10/2013)

A importância dos inícios

Gabriel Garcia Márquez dizia que uma das chaves de um bom romance é o seu começo, o parágrafo inicial.

É ele que cativa o leitor para o que vem a seguir.

Garcia Márquez caprichava em seus inícios.

Se bem que o esmero de sua escrita fluía magistralmente por todos os cantos de seus livros.

“Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano

Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo.”

Esse é o início de sua obra-prima, “Cem Anos de Solidão”.

O que se segue ficou conhecido como “realismo mágico” – os homens têm essa mania de classificar tudo.

Garcia Márquez, porém, via o mundo assim, como uma grande Macondo.

O realismo e a mágica, para ele, se confundiam.

Os seus inícios, além de hipnotizar o leitor, eram a porta de entrada para um universo único de emoções, sentimentos, códigos e valores que fazem do homem um incansável arquiteto da natureza.

“No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem. Lembrei de Rosa Cabarcas, a dona de uma casa clandestina que costumava avisar aos seus bons clientes quando tinha alguma novidade disponível. Nunca sucumbi a essa nem a nenhuma de suas muitas tentações obscenas, mas ela não acreditava na pureza de meus princípios. Também a moral é uma questão de tempo, dizia com um sorriso maligno, você vai ver.”

Esse é o início de seu último romance, “Memória de Minhas Putas Tristes”.

Com ele se encerrou um ciclo da mais elevada expressão artística que o ser humano é capaz de produzir.

A morte é o fim?

Não se ela for consequência de tantos e tão belos e tão inesquecíveis inícios.

(18/4/2014)

Tesouros (quase) perdidos



Assisti neste fim de semana ao documentário “O Mistério do Samba”, dirigido por Carolina Jabor e Lula Buarque de Hollanda. Achei que, com tantos personagens de extrema riqueza humana, com tanta música boa sobrando, o filme poderia ser melhor. Falta a ele, a meu ver, um roteiro que torne mais compreensível o que os autores quiseram mostrar – a Velha Guarda da Portela, a própria Portela, seus sambistas?

De qualquer modo, o longa-metragem é muito importante como registro desses artistas maravilhosos que fazem a autêntica música popular brasileira. Vê-lo no dia em que fiquei preso no trânsito, a poucos metros de onde moro, por causa do show do grupo americano de heavy metal Metallica, foi ainda mais enriquecedor – solidifica a crença que sempre tive de que a arte mais universal e profunda é aquela feita com o propósito de satisfazer não o grande público, mas a grande alma.

Por coincidência, acabei achando, também neste fim de semana, um CD com a “sinfonia” popular que Billy Blanco lançou, em 1974, em homenagem a São Paulo, da qual até

hoje se ouvem excertos no rádio, principalmente na Jovem Pan, que transformou uma de suas músicas, “O Tempo e a Hora”, numa espécie de marca registrada da emissora:

*“Vombora, vombora
olha a hora, vombora
vombora, vombora
olha a hora, vombora
vombora!
que o tempo não espera
a vida é derradeira
quem é, vai ser, já era
de qualquer maneira
o mundo é do que eu quero
– o quem me dera é triste –
tristeza basta a guerra
e o adeus no amor”.*

A obra é uma beleza, atual mesmo depois de quase 40 anos. E está aí, perdida no meio de tanta porcaria que vem de fora, em meio a milhares de toneladas de lixo. Mas o próprio Billy Blanco tem uma explicação para que tais coisas ocorram. Os versos são da música “O Dinheiro”, faixa 6 da sua “Paulistana – Retrato de uma Cidade”:

*“Dinheiro, mola do mundo
que põe a gente na tona*

MÚSICA

Tesouros (quase) perdidos

que leva a gente ao fundo

....

*Dinheiro, jura e juro
que ergue todos os muros
pra ele próprio depois
derrubar, derrubar, derrubar
é a voz que fala mais forte
razão da vida e da morte
também só compra o que
pode comprar”*

(31/1/2010)

O dom do samba

No Brasil tem feriado para tudo. Dias festivos, então, nem se fala – tem dia do pai, da mãe, do namorado, dia de tudo quanto é santo, da árvore, da bandeira...

O calendário está lotado, daqui a pouco será preciso comemorar alguma coisa de manhã, outra de tarde e a última de noite. Hoje, por exemplo, é o dia do samba, o ritmo musical mais brasileiro que existe, porque, quase sempre, é composto, tocado e cantado por gente com a cara do povo.

O samba está em todas as regiões do país. Há sambistas desde o Rio Grande do Sul até lá em cima, no Amapá ou Roraima. Quando não é o ritmo mais tocado no local, é o segundo na preferência.

Qualquer instrumento de percussão, até mesmo uma caixinha de fósforos, serve para acompanhar um samba. Se juntarmos um violão ou um cavaquinho, a festa está completa. A roda de samba se instala no botequim da esquina, no quintal da casa, à beira da piscina, em todo lugar.

É difícil alguém não saber cantarolar ao menos um samba, seja ele um samba-canção, um partido-alto, um samba de carnaval, um samba de quadra, um samba-enredo, ou até mesmo uma bossa nova – que nada é além de um samba metido a besta.

O samba, sem querer entrar numa discussão sociológica, define o Brasil.

Pode ser simples ou complexo, popular ou erudito, áspero ou lírico, mas a base é sempre a mesma: um ritmo hipnó-

MÚSICA

O dom do samba

tico que vem lá de muito longe, de muito tempo atrás, e que simplesmente é capaz de mudar o estado emocional das pessoas, fazê-las ou mais felizes, ou mais melancólicas.

O dia do samba não deveria ser hoje. Deveria ser sempre.

(2/12/2010)

A marvada pinga

A grande Inezita Barroso contou diversas vezes que um de seus maiores sucessos de sua longa e belíssima carreira, “Marvada Pinga”, também conhecida por “Moda da Pinga”, não tem um autor definido. Ela mesma foi recolhendo e incorporando, em suas andanças pelo interior, versos à música, gravada inicialmente por Raul Torres, em 1937, e por Laureano e Mariano, em 1939. A música é atribuída a Ochelsis Laureano e Raul Torres. Mas os méritos de espalhar para o Brasil inteiro os efeitos de uma boa carraspana são mesmo de Inezita, que soube, com sua sensibilidade e inteligência, tornar inteligível a linguagem mais que tortuosa do bebum.

Inezita gravou “Marvada Pinga” num compacto-simples (alguém ainda sabe o que é isso?) em 1954. A história é velha, mas merece ser repetida: iniciante que era na vida artística, ela havia se esquecido que, naquele tempo, um disco tinha dois lados. No estúdio, alguém quis saber dela o que iria no lado B. Pega assim de supetão, acabou escolhendo um samba-canção do amigo Paulo Vanzolini – nada menos que Ronda, ícone da canção paulistana. Como resultado, emplacou dois sucessos de uma só vez.

Inezita e a “Marvada Pinga” entraram nesta história, confesso, meio de contrabando. É que, devido ao fato noticiado à exaustão do drible que o senador Aécio Neves deu no bafômetro, acredito, a nossa excelsa cachaça, orgulho de todos os nacionalistas e mesmo dos apreciadores de um bom des-

tilado, vai agora passar a ter o respeito que merece.

Pois não é sempre que a bebida mais consumida no país, verdadeiro elo cultural entre tantas diferenças regionais, serve a um propósito tão nobre quanto este de desmascarar a hipocrisia que grassa no Brasil oficial, tão bem representado nesse episódio pelo senador mineiro (ou seria carioca?).

É que, dias antes de ser pego pela blitz antialcoólica, nosso herói bradava no plenário do Senado lições de ética e moral e receitas definitivas para salvar o país do descabro de governantes sem nenhuma das suas “modestas” qualidades de homem público descendente de nobre linhagem.

O Brasil real, porém, esse que felizmente ignora tais exibições de pedantismo acaciano, como demonstram cabal e alegremente os versos da “Marvada Pinga”, há muito tempo sabe reconhecer quem está no seu juízo. E quem é simplesmente um mamulengo que diz as coisas sopradas pela conveniência. Ou pelos eflúvios da libação.

A essas pessoas, portanto, aí vai a justa homenagem prestada pelos nossos poetas populares, que construíram esta saborosa e picante “Moda da Pinga”:

*Co'a marvada pinga é que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dou um taio
Pego no copo e dali num saio
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio
Só pra carregá é que eu do trabaio, oi lai*

*Venho da cidade, já venho cantando
Trago um garrafão que venho chupando
Venho pros caminho, venho trupicano
Chifrano os barranco, venho cambeteano
No lugá que eu caio, já fico roncando, oi lai*

*O marido me disse, ele me falô
Largue de bebê, peço por favô
Prosa de home, nunca dei valô
Bebo com sór quente pra esfriá o calô
E bebo de noite pra fazê suadô, oi lai*

*Pego o garrafão e já balanceio
Que é pra mór de vê se tá memo cheio
Não bebo de veiz porque acho feio
No primeiro górpe chego inté no meio
No segundo trago é que eu desvazeio, oi lai*

*Cada vez que eu caio, caio deferente
Miaço pra traz e caio pra frente
Caio devagá, caio derrepente
Vô de corrupio, vô deretamente
Mas sendo de pinga eu caio contente, oi lai*

*Eu fui numa festa no rio tietê
Eu la fui chegando no amanhecê*

MÚSICA

A marvada pinga

*Já me dero pinga pra mim bebê
Tava sem fervê
Eu bebi demais e fiquei mamada
Eu cai no chão e fiquei deitada
Aí eu fui pra casa de braço dado
Oi de braço dado com dois sordado
(ai, muito obrigado).*

(19/4/2011)

A senhora da canção

Dona Ivone Lara, a maior figura viva da cultura brasileira, completou quarta-feira 90 anos de vida. A data foi notícia de algumas publicações, que louvaram a história de superação da grande cantora e compositora, ainda em plena atividade, apesar das limitações físicas.

Foi pouco, porém. Dona Ivone Lara, pela sua obra extraordinária, pela sua contribuição ímpar para a música popular brasileira, pelo seu exemplo pessoal e artístico, merecia muito, mas muito mais.

Se a cultura fosse encarada neste país pelo que realmente é – a expressão dos valores populares – e não pelo que alguns poucos “iluminados” pretendem, dona Ivone Lara estaria neste momento recebendo as honrarias oficiais que são distribuídas a tantos outros que não fizeram nem uma ínfima parte do que ela fez pelo Brasil.

Mas, pera lá! Talvez seja exatamente por isso que essa excepcional figura da arte popular tenha sido ignorada pelo Brasil oficial – feito de ignorância e burrice, ele desdenha tudo que não tenha o falso brilho da pompa oca e dos rapsódicos esdrúxulos aos modismos alienígenas.

Chega, portanto, de falar das homenagens que não foram feitas. Vamos, nesta modesta crônica, dar a palavra a quem, de fato, sabe quem é e o que representa dona Ivone Lara.

Claudio Jorge e Nei Lopes, outros dois valentes guerreiros da cultura popular, souberam explicar muito bem, em verso e música, porque ela é a primeira-dama do samba. A música se chama “A Senhora da Canção”:

*Lá vou eu que bom subindo outra vez
O domingo está tinindo e assim eu sei
Que os canários, tangarás e rouxinóis
Já afinaram os gogóis
Só falta minha voz somando
Lá vou eu pra onde o samba manda ver
Sem confeito, bem do jeito que Deus fez
Ouvir reais melodias, imperiais harmonias
Dissonâncias não tem vez
Beber de um gole a poesia
Me embriagar de alegria
Na mais pura lucidez
Ivone La...rararararararara
Pérola Rara no compor e no cantar
Senhora da canção, dos instrumentos
Pastora da emoção, do sentimento
Ivone La...rararararararara
Tudo se aclara sobre a luz do teu luar
Lavando a nossa alma
Com a mais fina inspiração
Meu samba te pega na palma
E beija tua mão*

E para aqueles que louvam, nas páginas “culturais” dos jornalões, todo esse lixo que a indústria de entretenimento nos impõe, aí vai outra singela homenagem, ainda de Nei Lopes, em parceria com Everson Pessoa. O “Dicionário” que

eles adotam é bem diferente do usado pelos sacerdotes das Ilustradas e Cadernos 2 da vida...

*No meu dicionário roqueiro é aquilo
Que fica lá em cima da rocha
E fanqueiro é o cara
Que vende tecido
De linho e algodão
Pra mim sertanejo
É antes de tudo um forte
E axé é força e boa sorte
No meu dicionário
Galera é apenas uma embarcação
Pois é
É preciso cuidado com que a gente fala
A boca mais sábia é aquela que cala
E que pensa bastante antes da canção
Porque um poder bem mais alto sempre baixa a crista
Do crente que abafa, pensando que artista
É só quem se avista na televisão
Artista foi quem decorou a Capela Sistina
Quem edificou a Muralha da China
Quem moldou os bronzes de Benin, ilê ifé
Artista, em meu ponto de vista, é quem cria e conquista
E que sabe que, mesmo em capa de revista
Artista é artista e mané é mané*

(14/4/2011)

Pobre João

João Gilberto ficou tristíssimo quando soube que nem todos os ingressos para os shows da turnê comemorativa de seus 80 anos foram vendidos. Além disso, pegou uma forte gripe que prejudicou muito a sua voz. O resultado dessa mistura indigesta foi o adiamento de seus espetáculos, informam os jornalões, naquele tom de fofoca que sempre usam ao tratar de determinadas personalidades.

João é empresariado por uma de suas ex-mulheres. Ela queixou-se de que não conseguiu arranjar patrocínio decente para a turnê, que o dinheiro que levantou nem dá para que o artista viaje num jatinho privativo.

Uma pena tudo isso.

Antes de entrar no jogo do mercado, porém, a empresária deveria saber que ele sempre se move pelo dinheiro, pela usura, pela exploração da mais-valia.

Quase nunca o mercado quer saber do valor artístico daquele que se arrisca a viver de acordo com a sua lei.

O mercado não distingue um João Gilberto de uma, por exemplo, Mallu Magalhães. Ou melhor, ele adora ver as casas lotadas por um público guiado exclusivamente pelas páginas de entretenimento de uma imprensa despreparada e irresponsável.

Assim, centenas de Mallus poderão virar lucrativas atrações, seja pela franja do cabelo, seja pela estridência vocal, seja pelas pernas bonitas, seja lá por que for – menos pelo talento.

That's entertainment!

O pobre João, com sua voz e violão inconfundíveis, com seus 80 anos de vida dedicados a um trabalho artesanal, paciente, perfeccionista, merecedor de milhares de considerações críticas, estudos, ensaios, artigos, crônicas, entrevistas, vai ter de se recolher a um humilhante retiro até que os ingressos de seus shows sejam vendidos.

Afinal, ele é só o “papa”, o “inventor” da Bossa Nova.

Num país que consome milhões de toneladas do mais repugnante lixo produzido pela indústria cultural internacional isso soa como uma ofensa, um ultraje, uma terrível afronta.

(8/11/2011)

Grande sambista, artista maior

Ederaldo Gentil morreu aos 68 anos. A notícia de sua morte mereceu algumas poucas linhas na imprensa. Chamaram-no de “sambista baiano”. De fato, ele era baiano e compunha sambas – compôs muitos sambas, muitos e lindos sambas, muitos e maravilhosos sambas, de todos os tipos, mas principalmente extraordinários sambas em tom menor, com letras espantosamente poéticas e criativas.

Ederaldo estava afastado havia muitos anos da vida social e artística. Dizem que sofria de uma depressão profunda. Vivia na casa de sua irmã, num bairro da periferia de Salvador.

Estranho como, às vezes, a vida pode ser tão cruel com os gênios.

Sua biografia diz que trabalhou com um seleto grupo de compositores baianos, a nata do samba da terra onde o samba nasceu: Batatinha, Riachão, Edil Pacheco, Nelson Rufino – só bambas.

Ederaldo, porém, se destacou entre todos.

Quem escreve versos como os de “O Ouro e a Madeira” (Não queria ser o mar/ Me bastava a fonte/ Muito menos ser a rosa/ Simplesmente o espinho/ Não queria ser caminho/ Porém o atalho/ Muito menos ser a chuva/ Apenas o orvalho/ Não queria ser o dia/ Só a alvorada/ Muito menos ser o campo/ Me bastava o grão/ Não queria ser a vida/ Porém o momento/ Muito menos ser concerto/ Apenas a canção/ O Ouro afunda no mar/ Madeira fica por cima/ Ostra nasce do lodo/ Gerando pérolas finas) ou como os da me-

MÚSICA

Grande sambista, artista maior

nos conhecida “De Menor” (Sou o menor dos pequeninos/ O mais pobre dos plebeus/ O alheio inquilino/ O mais baixo pigmeu/ O comum do singular/ O último dos derradeiros/ Viandante e peregrino/ O mais manso dos cordeiros/ Eu sou maior/ Em lampejos de brandura/ De angélica candura/ Dos mistérios do amor/ Sou bem maior/ Que os pinheirais da humildade/ Pelos campos da bondade/ Eu sou a felicidade) tem de ser lembrado por todo o sempre pelo que foi: não apenas um sambista dos bons, mas um grande artista, acima de rótulos que só servem para diminuir o talento.

Ederaldo foi o mais puro ouro e a mais dura madeira desta riquíssima música que brota incessante do povo deste grande e lindo país.

(1/4/2012)

O maestro do Brasil

Mais preocupada em promover o linchamento de algumas figuras políticas do PT e aliados no caso que impropriamente denominou de “mensalão”, a imprensa nativa tem cometido imperdoáveis equívocos nesses últimos dias – um pouco além da conta habitual.

Um deles foi praticamente omitir a morte de um dos gigantes da música popular brasileira, o maestro, compositor e clarinetista Severino Araújo, fundador e líder da Orquestra Tabajara, um monumento artístico como poucos que já surgiram por estas terras.

Severino se foi, aos 95 anos de vida, incomparável em talento e dedicação à arte musical.

A Tabajara permanece, firme e forte, sob a batuta do irmão Jaime, que há cinco anos já assumira a regência da usina mágica de sons que vem encantando gerações de brasileiros desde a longínqua década de 30.

Claro que existem pessoas muito mais qualificadas para falar da importância de Severino Araújo e da Tabajara para a música brasileira do que este humilde cronista.

Não poderia, porém, deixar de registrar o acontecimento, por mais triste que ele seja, como sinal de respeito e agradecimento por tantos momentos únicos que seus arranjos e composições me proporcionaram, por todo o deleite causado pela explosão de ritmo e melodias dos metais dos músicos que conduzia.

Severino, genial, provou como nenhum outro que é possível elevar a arte feita no Brasil à condição de universal.

MÚSICA

O maestro do Brasil

Sob a sua regência, os choros, frevos e sambas assumiram dimensão única e linguagem capaz de empolgar qualquer habitante da Terra, desde um esquimó a um beduíno.

Música para dançar, para cantar, para o cérebro e o corpo.

Jamelão e Elizeth, Zé Bodega e K-Ximbinho, Espinha de Bacalhau e Rhapsody in Blue, trompetes, saxofones, trombones e percussão.

À frente, o corpo todo se balançando e dançando como uma batuta viva, o clarinete como uma voz poderosa, um instrumento feito para surpreender, enternecer, tocar os céus, Severino, o maestro do Brasil.

(5/8/2012)

Pintura à têmpera



Conheci o Issis quando o vi trabalhando na Casa do Sal, uma construção quase caindo aos pedaços que ficava no centro de Jundiaí – e que não existe mais, é claro.

Chamou a minha atenção o fato de a casa estar aberta e um pintor ocupá-la. A curiosidade natural do jovem repórter me fez entrar e conversar com aquela figura que parecia o caipira picando fumo retratado por Almeida Junior. O bate-papo valeu uma boa história – e uma amizade que durou anos.

O Issis depois mudou seu ateliê para o brechó de móveis usados que o seu irmão tinha em frente do escritório do dr. Jacyro Martinasso – um dos mais fiéis compradores de seus quadros.

Não estranhava que ele pintasse nos fundos da loja, escondido entre guarda-roupas, armários e camas, com suas tintas e pincéis convivendo pacificamente com serras, martelos e outros objetos meramente utilitários. Além de tudo, aquele lugar era escuro.

Mas isso não tinha importância. As paisagens que o Issis pintava estavam na sua cabeça, assim como aquelas mulhe-

res magérrimas que compunham seu universo de fantasia e sonhos – um mundo irreal que se chocava com os pesados anos da década de 70.

A arte do Issis se compunha de uma devoção e uma sinceridade absolutas. Mas o que mais me impressionava naquele autodidata intuitivo era que ele fugia dos maneirismos do primitivista. Seus quadros não tinham as cores exuberantes dos naifs tropicais. Alguns eram até mesmo sombrios.

Era comovente vê-lo preparando a própria tinta, na tradição dos pintores medievais. Pintava, como se dizia, à têmpera. Não se rendia à facilidade do acrílico e não podia, por causa do fígado em mau estado, usar o óleo.

Além disso, seus quadros tinham relevo, uma textura única – e aí estava o seu grande orgulho, o seu grande segredo. Quando eu perguntava como ele conseguia aquele efeito, ele desconversava. “É uma técnica que inventei”, dizia.

Mas o fato é que o Issis demorava para terminar um quadro. Ficava dias escondido no fundo do brechó, pacientemente produzindo as suas belezas, sem pressa, num ritmo que alternava silêncios, conversas, pitadas de um cigarro forte sem filtro, e um cafezinho no bar da esquina da praça.

E assim, devagarinho, com extremo cuidado, com o zelo de um profissional que sabia exatamente o que queria, ele foi doando ao mundo a sua obra – simples, mas original, criativa e autêntica.

Bem, o Issis, ao que saiba, não virou nome de rua, nem de praça, nem de avenida ou escola em Jundiaí ou em qualquer

outro lugar. É uma pena.

Isso porque num tempo em que bandidos viram heróis e em que valores são espezinhadados, ver o nome Issis Martins Roda numa placa seria um motivo a mais para acreditar que o ser humano um dia ainda vai dar certo.

(6/12/2008)

P.S. A multiartista Regina Kalman, posteriormente à publicação desta crônica, esclareceu que existe, sim, uma rua em Jundiaí em homenagem ao Issis. E deu informações preciosas sobre ele: "Issis Martins Roda foi um dos fundadores da Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí, em 14/10/1974. Foi responsável pela criação do curso Desenho e Pintura e muitos de seus alunos tornaram-se artistas plásticos conhecidos nacionalmente. Issis nasceu em Muzambinho (MG) em 1929 e expôs em Jundiaí pela primeira vez em 1969. Era um pintor e escultor modernista. Começou influenciado pela pintura bizantina. Em suas obras havia muitas figuras, principalmente de mulheres. Uma das técnicas que usava era a encáustica. Morreu em junho de 2003 e foi mestre de dezenas de artistas de Jundiaí. Recebeu o título de Cidadão Jundiaense pela Câmara Municipal de Jundiaí. É o patrono da Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí."

Opostos que se atraem



Geraldo está cada vez mais alckmista. A palestra que fez em São Paulo para mulheres “líderes empresariais” destacou a importância da luz solar na vida do homem. Segundo ele, é bom acordar com o sol, porque o astro traz energias positivas à pessoa, ajuda na sua homeostase, que, explicou o guru emplumado, significa a capacidade do corpo para manter um equilíbrio estável.

Dada a lição de como viver bem e sem estresse, Geraldo jurou que pratica tudo o que prega, mesmo quando tem de se defrontar com o governador José Serra.

Nessas ocasiões, os dois, para uma convivência saudável, exercitam plenamente suas capacidades: Geraldo busca inspiração na luz do sol; Serra, na luz da lua.

Os contrários acabam se unindo.

(30/3/2007)

La Conga Sex

Gretchen, auto-intitulada pioneira da música “retro-rebolativa”, eterna rainha do bumbum, depois de estender sua vocação artística para a sétima arte, onde estrelou o filme *La Conga Sex*, um pornô explícito inspirado no seu maior sucesso, resolveu emprestar seu talento para a política.

Escolheu, para isso, o PPS, partido que sucedeu o vetusto Partidão e que tem como figuras exponenciais o ex-senador Roberto Freire e o deputado Raul Jungmann, ex-ministro de FHC.

Para justificar a sua escolha, Gretchen disse que o PPS valoriza a mulher. Jungmann, que avalizou a filiação, afirmou que o partido é light, aberto, fundamentado no mundo da cultura e do trabalho, daí ter acatado sem problemas o ingresso da cantora.

O PPS tem feito oposição ferrenha ao governo Lula, cercando fileiras ao lado de tucanos e pefelistas, agora denominados democratas.

Os saracoteios de Gretchen certamente servirão para elevar o espírito e o ânimo desses combatentes da tirania.

(28/4/2007)

O capitão Accioly e o golpe de 64

Em 1964 eu tinha dez anos e morava em Jundiaí. Minha lembrança do golpe militar é apenas de alguma movimentação inusitada na cidade. Ou talvez eu tenha sonhado com isso. Não importa. Ainda sinto os danos causados pela ditadura. Não, não sofri nenhum tipo de violência física, não participei de nenhum movimento contra o regime. O mal foi de outra ordem.

Meu pai era militar. Na época, com cerca de 50 anos, estava na reserva, ou reformado, não me lembro. O capitão Accioly havia escolhido Jundiaí para viver com sua família – minha mãe, eu e minha irmã. Autodidata, lia muito, gostava imensamente de política, e como o partido de seu coração estava na clandestinidade, militava no PSB. Foi até secretário do diretório municipal.

Mas seu ídolo era outro militar de rígidas convicções ideológicas, que depois de percorrer o país com seus companheiros numa empreitada épica, foi chamado de Cavaleiro da Esperança.

Não sei exatamente o que levou o capitão Accioly a ser comunista, mas acho que foi o fato de ele não suportar injustiças, de procurar fazer sempre as coisas certas, de não transigir no que achava correto.

Sua escolha ideológica foi natural. Naqueles tempos de guerra fria muitas pessoas acreditaram sinceramente que o marxismo-leninismo poderia redimir a humanidade. O capitão Accioly era calmo, metódico, disciplinado e caseiro. Pelo menos aparentava ser. Mas interiormente creio que

carregava a inquietação daqueles tempos de forma silenciosa, mas intensa. Procurava acompanhar tudo o que ocorria no mundo. Comprava o Estadão pelo volume do noticiário, mas ignorava seus editoriais. Votou no marechal Lott contra Jânio, era admirador de Jango e Brizola, detestava Lacerda e a UDN.

O golpe militar foi uma surpresa para ele. Mas não me recordo de vê-lo nem agitado nem preocupado. Mantinha, pelo menos para a sua família, a calma dos que nada devem. Não foi incomodado por ninguém. Naquela Jundiaí, os comunistas eram notórios e inofensivos aos olhos das autoridades de plantão.

O capitão Accioly aparentemente seguiu sua vida de maneira normal. Porém, com o fortalecimento da ditadura, algo foi mudando nele. Passou a se interessar menos por política, a discutir menos intensamente com os amigos, a mostrar um amargor que não exibia antes. Era como se, lenta e inexoravelmente, a chama que fazia brilhar os olhos daquele homem quieto fosse se apagando.

Poucos anos antes de sua morte, o capitão Accioly já não mais existia.

Pelo menos a pessoa com a qual vivi minha juventude e com quem aprendi os valores que mais prezo e que me transformaram em quem sou.

Hoje, muito depois do fim da ditadura, ainda penso nos anos em que vi o capitão Accioly definhar física e intelectualmente. Não consigo separar essas coisas. Para mim, sempre,

aquele será um tempo que aniquilou a esperança de um país, os sonhos de gerações e a grandeza de muitos homens.

Não sei o que o Brasil poderia ter sido se não tivesse passado pela ditadura.

Sei apenas que o capitão Accioly teria vivido mais e melhor. E isso já é motivo suficiente para que eu despreze imensamente todos os responsáveis por essa tragédia que mancha a história brasileira.

(31/3/2008)

Pesadelo interminável

O deputado federal Paulo Maluf (PP-SP) planeja candidatar-se novamente à prefeitura paulistana, que já comandou por duas vezes. Entre os nomes citados é o mais rejeitado nas pesquisas de opinião pública. Mesmo assim, tem cerca de 10% das intenções de voto.

Há cerca de uma década, os eleitores fiéis de Maluf eram bem mais. Fosse qual fosse a eleição majoritária, ele começava com um terço do eleitorado, que naquele tempo era chamado de “malufista”.

Sim, haviam os malufistas, como outrora a política brasileira teve os janistas, os ademaristas, os lacerdistas...

Maluf significava, antes de mais nada, um estilo político. Autoritário, populista, com fama de empreendedor, fazia os conservadores delirar. De certo modo, foi o herdeiro de Adhemar de Barros: “Rouba, mas faz”, diziam de ambos.

Filho do golpe militar de 64, Maluf deitou e rolou enquanto os generais estiveram no poder. Abandonou os negócios privados e se dedicou à coisa pública. Gostou tanto da mudança e se dedicou com tal zelo à nova profissão que, com a redemocratização do país, viu abater sobre si uma chuva de denúncias de crimes variados, constantes do repertório de certa espécie de políticos.

Com o passar dos anos viu-se que as obras de que tanto gabava não eram assim tão importantes e acabaram beneficiando mais os grandes empreiteiros do que a população. A sucessão interminável de pendengas na Justiça teve como ápice uma embaraçosa e constrangedora temporada na pri-

são. E o jeito de xerife que o marcava à frente do Executivo acabou ficando fora de moda com a ascensão do modo tucano de governar, aquela esperteza que encanta a classe média paulista pelo seu discurso ambíguo e melífluo.

Apesar de tudo, com o resquício de prestígio que ainda possuía, conseguiu voltar para a Câmara dos Deputados, onde cumpre um apagado mandato.

Na onda da internet, chegou a lançar um blog. A última atualização data do dia 13 de março e traz um breve discurso sobre os juros da economia brasileira. Ele, como outros 180 milhões de pessoas, acha que as taxas são altas.

O blog tem ainda uma pesquisa: “O que você acha da lei do Agnaldo Timóteo de monitorar as cozinhas dos restaurantes?” Confrontado com as opções, um solitário leitor confessou ter dúvidas sobre a palpitante questão.

Mesmo assim, esquecido do noticiário, justamente ele que produziu tantas e tão marcantes manchetes da imprensa nativa, Maluf não desiste. E tenta a volta por cima, esolhando o trânsito, a maior dor de cabeça do paulistano do momento, como mote para sua campanha.

“Vou construir uma laje sobre os rios Tietê e Pinheiros, com oito pistas para o trânsito. Entrego a obra em quatro anos”, prometeu Maluf aos jornalistas. “Em três anos”, corrigiu posteriormente.

A proposta, absurda sob todos os aspectos, não é chocante por si só. É preciso lembrar que, entre outras aberrações, Maluf construiu o Minhocão, aquela avenida sus-

POLÍTICA

Pesadelo interminável

pensa que, de tão feia e sinistra que é, ofende a própria dignidade do ser humano. A ideia de tapar os rios, vinda de quem vem, é para se levar a sério. Por isso, mais do que chocar, ela assusta.

Ao que tudo indica, o pesadelo malufista ainda não acabou.

(1/6/2008)

A teoria da conspiração

A teoria da conspiração dá bons enredos para livros e filmes. Histórias emocionantes. O herói, geralmente, junta os pedaços desconexos de um gigantesco quebra-cabeças, que, ao ser montado, faz o leitor/telespectador pensar: “Puxa, era tão evidente, por que ninguém viu isso antes?”

Ocorre que, na ficção, a teoria da conspiração nos leva a crer em coisas absurdas, tipo “a seleção brasileira entregou o jogo contra a França na final de 1998 em troca de poder sediar a Copa do Mundo de 2014”. Algo sem pé nem cabeça.

Por isso, quando alguém vem com uma história dessas, a primeira reação das pessoas é de descrédito. Afinal, o mundo está mesmo cheio de malucos de toda a espécie.

O caso da tal Operação Satiagraha e todas as suas consequências, porém, leva qualquer um de inteligência média a suspeitar de que nem tudo o que se lê, se vê, ou se ouve é, como gostam de dizer, a verdade.

A sequência dos fatos, o encadeamento quase perfeito das peças numa só direção, deixam no ar suspeitas óbvias de que, por trás das pesadas cortinas do palco do poder, se escondem mais que as costumeiras intrigas e fofocas de um meio no qual todos não são o que aparentam ser.

A teoria da conspiração, nesse caso, parece se sustentar em personagens e situações perfeitamente reais. Não há nem necessidade de procurar protagonistas misteriosos, que vivem e prosperam nas sombras.

A simples leitura dos jornais escancara todos os atores de um drama que, de tão profundo, provoca uma hemorra-

gia ininterrupta dos valores, das riquezas e da alma de uma promissora nação.

E aí não há mais teoria e sim, simplesmente, uma conspiração.

(10/9/2008)

Falso dilema

Dia desses, o escritor Luís Fernando Veríssimo disse, em um programa de televisão, que, petista histórico, estava decepcionado com o governo Lula. Apesar disso, afirmou, procurava diferenciar suas críticas daquelas feitas pela oposição em geral e que, para ele, esse era o seu grande desafio nessa questão: como criticar Lula sem cair na vala comum dos ataques hidrófobos da direita raivosa.

O dilema de Veríssimo parece ser o de grande parte da chamada intelectualidade de esquerda. Desde o primeiro governo, foram muitos os que abandonaram o barco do petismo sob a alegação de que Lula e seus companheiros haviam traído os ideais do partido.

O assunto dá uma tese. Esta é apenas uma pequena crônica que toca nele de modo superficial. Mesmo assim, é possível levantar algumas reflexões que podem ajudar a ir mais fundo na discussão. Na sequência, vão dez pequenos tópicos:

1) O PT nunca definiu o tipo de socialismo que pretendia adotar quando chegasse ao poder. O projeto era vago e sempre foi alvo de acalorados debates entre as várias tendências políticas que se abrigaram no partido.

2) Lula também nunca se colocou como socialista – no máximo como um líder do campo da esquerda. Sua contribuição teórica ao partido é praticamente inexistente. Sempre foi um adepto da praxis, um intuitivo que soube amalgamar em sua atuação política os elementos contraditórios que se chocavam ao seu redor.

3) Os intelectuais têm o péssimo hábito de se julgarem

donos da verdade – claro, a sua.

4) A Carta ao Povo Brasileiro, divulgada antes da posse no primeiro mandato, mostrava amplamente os limites em que o novo governo iria atuar.

5) Nenhum presidente pode governar sem estabelecer alianças com o Legislativo – a não ser que tenha ampla maioria na Câmara e no Senado.

6) O papel da mídia na estabilidade institucional é muito grande e ela, na quase totalidade, está nas mãos de algumas poucas famílias que não têm o menor interesse em mudar o status quo.

7) A democracia brasileira ainda é um organismo frágil, imperfeito, em formação e traumatizado por experiências recentes desastrosas.

8) Apesar de sua fragilidade em vários aspectos, é inegável que, sob o governo Lula, o Brasil evoluiu em termos econômicos e sociais.

9) A popularidade recorde alcançada pelo próprio presidente é prova da aceitação de seu governo pela esmagadora maioria da população.

10) Por último, mas não menos importante: dá para imaginar como seria hoje o Brasil se Lula tivesse perdido a eleição para José Serra?

(12/9/2008)

Os bons brasileiros

Um dos meus primeiros chefes era uma pessoa calma, de ar circunspecto, afável. Escrevia uma coluna diária, sob pseudônimo, sobre a política e o dia a dia da Jundiaí dos anos 70.

Anos depois de conhecê-lo, fiquei sabendo que esse respeitável cidadão já havia sido processado por estelionato.

Na mesma Jundiaí, tive um vizinho, excelente sujeito, muito educado e prestativo, que estivera preso vários anos por chefiar uma quadrilha. Num dos assaltos um comerciante foi morto. Essa pessoa, antes de ser condenada, era, como meu antigo chefe, um proeminente membro da comunidade – havia até mesmo sido indicado por um vereador para receber o título de Cidadão Jundiaense.

Histórias como essas são bem comuns, tanto na arte como na vida real. Nem por isso deixam de ser interessantes, exemplares até.

Mostram que, neste mundo, nem tudo é o que aparenta ser.

Dias desses, por exemplo, dois senadores da República denunciaram um fato que, em outras circunstâncias, seria extremamente grave.

Disseram, no tom solene e peremptório que essas ocasiões exige, que a Petrobras, maior empresa do país, uma das maiores do mundo, orgulho da nação, estava quebrando.

Claro que, no dia seguinte, só se falou disso nas altas rodas políticas e econômicas. Gastou-se muita tinta, muita saliva, muita energia, na repercussão da grave notícia.

Convoque-se fulano, intime-se sicrano, ordene a beltrano que venha nos explicar o que ocorre com a joia da coroa, bradaram os insígnies senadores do alto da tribuna.

E poucos perceberam que essas eloquentes palavras na verdade queriam dizer apenas “ótimo, arranjam os mais uma confusão para o governo”.

Porque este é o plano da oposição para vencer em 2010: sustentar uma crise interminável.

É uma guerra em que vale tudo.

E na qual os soldados mais perigosos são esses que lutam camuflados de bons brasileiros.

(29/11/2008)

A armadilha do Ademir

Lá pelas tantas, em algum ano da década de 80 do século passado, no falecido jornal Jundiaí Hoje, começaram a ocorrer algumas coisas estranhas. As notícias mais interessantes de esportes estavam saindo também num dos concorrentes. Não podia ser coincidência, atestava o saudoso Ademir Fernandes, mestre em jornalismo e em bom humor, que tocava, praticamente sozinho, a editoria.

Ademir desconfiava que o jornal estava sendo vítima de um “vazamento” – claro que a palavra, naquela época não estava tão em voga quanto hoje. A suspeita era sobre uma digitadora de texto cujo marido era repórter esportivo do concorrente.

Assim, armou a armadilha: escreveu uma matéria com alguns detalhes que inventou – nada que comprometesse a veracidade da história.

Não deu outra: no dia seguinte, lá estava a notícia no concorrente, igualzinha. A tal digitadora acabou confessando seu “crime”. Levou uma bronca daquelas e a vida continuou.

O estratagema inventado pelo Ademir foi simples e eficaz. Desmascarou a impostura de maneira incontestável.

Hoje, quando as notícias sobre vazamentos se sucedem numa velocidade incontrollável, está faltando alguém que, como o Ademir, pare e pense um pouco sobre as causas e as consequências desses fatos.

E que também, como fez ele, dê um basta a isso.

(21/11/2008)

A marca de Serra

Os jornais noticiam que o governador José Serra está exportando para outros Estados seus principais projetos de governo. Pretende que São Paulo se torne, aos olhos dos colegas e correligionários, um modelo de gestão.

Mas qual tem sido mesmo a marca administrativa de Serra?

Será, por exemplo,

- 1) a crise permanente na educação;
- 2) a crise permanente na segurança pública;
- 3) o buraco do Metrô;
- 4) a batalha campal entre Polícia Civil e Militar na porta do Palácio dos Bandeirantes;
- 5) a quebra de contratos;
- 6) a propaganda da Sabesp;
- 7) o caos no trânsito da capital;
- 8) as tarifas de pedágio nas rodovias;
- 9) a privatização do Rodoanel;
- 10) o incêndio no Hospital das Clínicas;
- 11) a venda da Nossa Caixa ao Banco do Brasil;
- 12) a determinação de lutar contra a crise econômica global;
- 13) sua política social;
- 14) seu discurso a favor dos pobres e desprotegidos;
- 15) sua simpatia;
- 16) seu carisma;
- 17) tudo isso e mais um pouco, pois afinal ele é o candidato à presidência da República favorito de 10 entre 10 eleitores das laboriosas classes A, A/B e B de São Paulo (por

enquanto, até que a missão apostólica tucana paulista quatrocentona espalhe a sua verdade para todo este imenso país).

Serra, para eles, é “o cara”.

(6/4/2009)

Um Brasil que teme o Brasil

No seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1989, Ariano Suassuna fez um observação que se presta muito aos dias de hoje:

“Um dia, lendo Alfredo Bosi, encontrei uma distinção feita por Machado de Assis e que é indispensável para se entender o processo histórico brasileiro. Ele critica atos do nosso mau governo e coisas da nossa má política. Mostra-se ácido e amargo com uns e outras depois explica: não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo meu país. O ‘país real’, esse é bom, revela os melhores instintos. Mas o ‘país oficial’, esse é caricato e burlesco.”

O autor da consagrada “Auto da Compadecida”, a peça teatral mais encenada nos palcos brasileiros, e do grandioso “Romance d’A Pedra do Reino”, prosseguiu, na ocasião:

“Quando eu quis que o uniforme que uso agora fosse feito por uma costureira e uma bordadeira do Recife, Edite Minervina e Cicy Ferreira, estava levando em conta a distinção estabelecida por Machado de Assis e uma frase de Ghandi que li aí por 1980, e que me impressionou profundamente. Dizia ele que um indiano verdadeiro e sincero, mas pertencente a uma das duas classes mais poderosas de seu país, não deveria nunca vestir uma roupa feita pelos ingleses. Primeiro, porque estaria se acumpliciando com os invasores. Depois, porque estaria, com isso, tirando das mulheres pobres da Índia um dos poucos mercados de trabalho que ainda lhes restavam.

“A partir daí, passei a usar somente roupas feitas por uma

costureira popular e que correspondessem a uma espécie de média do uniforme de trabalho do brasileiro comum. Não digo que fiz um voto, que é coisa mais séria e mais alta colocada nas dimensões de um profeta, como Gandhi, ou de um monge, como Dom Marcos Barbosa. Não fiz um voto; digamos que passei a manter um propósito. Não pretendo passar pelo que não sou. Egresso do patriarcado rural derrotado pela burguesia urbana de 1889, 1930 e 1964, ingressei no patriciado das cidades como o escritor e professor que sempre fui. Continuo, portanto, a integrar uma daquelas classes poderosas, às quais fazia Gandhi a sua recomendação. Sei, perfeitamente, que não é o fato de me vestir de certa maneira, e não de outra, que vai fazer de mim um camponês pobre. Mas acredito na importância das roupagens para a liturgia, como creio no sentido dos rituais. E queria que minha maneira de vestir indicasse que, como escritor pertencente a um país pobre e a uma sociedade injusta, estou convocado, 'a serviço'. Pode até ser que o país objete que não me convocou. Não importa: a roupa e as alpercatas que uso em meu dia a dia são apenas uma indicação do meu desejo de identificar meu trabalho de escritor com aquilo que Machado de Assis chamava o Brasil real e que, para mim, é aquele que habita as favelas urbanas e os arraiais do campo. Voltarei depois a este assunto, de tal modo é ele importante na minha visão do mundo e, em particular na do nosso país, a esta altura submetido a um processo de falsificação, de entrega e vulgarização que, a meu ver, é a impostura mais tris-

te, a traição mais feia que já se tramou contra ele.”

Em inúmeras oportunidades, Suassuna voltou a esse tema. Os trechos das duas entrevistas abaixo são um ótimo exemplo de como ele dá importância para a concepção machadiana:

– *Qual é a pior doença e qual é a melhor cura para o Brasil de hoje, às vésperas do ano 2000 ?*

– *Ariano Suassuna: Machado de Assis fez uma distinção definitiva entre o Brasil oficial e o Brasil real que, a meu ver, é o do povo, o do “Quarto Estado”. As maiores doenças nossas têm origem no Brasil oficial e a cura só lhe pode vir do Brasil real. As pessoas que sustentam ideias diferentes das nossas parecem pensar: “O Brasil oficial é o problema; na Europa e nos Estados Unidos está a solução”. Eu acho que o Brasil oficial é o problema, no Brasil real está a solução. Ou, um pouco à moda de Unamuno (Miguel, poeta e filósofo espanhol): “O Brasil é o problema, o Brasil é a solução”.*

....

– *O senhor recorre a um artigo escrito por Machado de Assis em 1870 para falar de um Brasil real e de um Brasil oficial. Essas definições ainda valem hoje em dia?*

Ariano Suassuna: Machado de Assis diz que o país real é bom, revela os melhores instintos, mas o oficial é caricato e burlesco. Não sei se fazendo violência ao pensamento de Machado de Assis, identifico o Brasil oficial com as classes privilegiadas e o Brasil real com o Brasil do povo, dessa imensa maioria de despossuídos que, a meu ver, é a fonte

da grande esperança que eu tenho no meu povo. Se Machado de Assis fosse vivo, constataria que o país real continua bom, revelando os melhores instintos, e o país oficial ficou ainda mais caricato e burlesco.

Como se vê, pouca coisa mudou no Brasil desde Machado de Assis – e desde que Ariano Suassuna fez uso pela primeira vez do resumo que o notável escritor e cronista apresentou deste país.

O que se vê hoje é o Brasil oficial reagindo desesperado à ameaça de perder alguns míseros privilégios em favor do Brasil real.

Machado de Assis quando fez essa distinção entre os dois Brasis, certamente não havia lido Karl Marx.

Suassuna, quando descobriu Machado de Assis, certamente já conhecia a obra do filósofo alemão.

Nacionalista extremado como é, ele prefere usar o grande escritor brasileiro para se referir a um dos conceitos básicos do marxismo.

Pode parecer incrível para alguns, mas a velha luta de classes continua mais viva do que nunca.

(22/8/2009)

A turma do contra

Os últimos dias foram demais para a turma do contra, esse pessoal que acha que o Brasil nunca esteve tão mal em toda a sua história.

Como a turma do contra não tem endereço único, nem gosta de ser encontrada, reuni algumas características que podem identificar seus integrantes.

Se acaso você, caro internauta, topar com alguém da turma do contra, por favor, sorria, faça algum gesto de comiseiração, mínimo que seja.

É que tal pessoa está na lista dos espécimes ameaçados de extinção.

Feita a introdução, vamos a um breve resumo das peculiaridades do típico membro da turma do contra:

Diz que paga imposto demais.

Lê (e acredita no que lê) Veja, Estadão, Globo e Folha.

Não perde o Jornal Nacional.

Louva a liberdade de imprensa.

Considera a Globo padrão de televisão – e seus atores, soberbos.

Jura que não tem preconceito, mas “não fala com pobre, não dá mão para preto, não carrega embrulho*”.

Também odeia nordestino.

Rejeita as cotas raciais na universidade.

Adora um jabá.

Elogia Marina Silva por ter saído do PT.

Diagnostica que o problema do Lula é o PT.

Vota no Suplicy (para não dizer que abomina o PT).

Acusa a Dilma de mentirosa.

Julga o FHC um estadista – e o Lula uma vergonha para o país.

É a favor da privatização.

Defende o “Estado mínimo”.

Odeia os políticos, porque são todos ladrões.

Acusa o governo (federal, do PT) de ineficiente, perdulário e, é claro, corrupto.

Além disso, inchado, com gente demais sem fazer nada – um cabide de emprego.

Acredita que o Serra é o “pai dos genéricos”, um renomado economista e excelente administrador.

E que o Kassab ainda não casou porque não achou a mulher certa.

Só não vota mais no Maluf porque agora tem o Serra e o Kassab.

Com a estrada congestionada, ultrapassa pelo acostamento.

Prefere dar “bola” ao policial rodoviário do que ser multado.

Faz discurso contra a “indústria da multa”.

Instala equipamento antirradar no carro.

Avança no sinal vermelho.

Desrespeita a faixa de pedestres.

Adora filme americano – indicado pela Folha ou pela Veja.

Assiste à premiação do Oscar.

Ouve e dança axé e não perde show da Ivete Sangalo.

Prefere praia ao interior (Campos do Jordão é outra história).

Tem certeza de que a Copa do Mundo de 2014 será um desperdício de dinheiro público.

Idem para a Olimpíada do Rio.

Prefere contrato de trabalho PJ para não pagar Previdência Social (e outros tributos).

Gasta 1/5 do salário em plano de saúde.

Teme ser contaminado pela gripe suína.

Acha o Hugo Chávez um ditador.

Conta piadas sobre o Evo Morales e o Fernando Lugo (já fez muitas sobre o Lula).

Não faz a mínima ideia de quem é Rafael Correa.

Tem simpatia pelos verdes, mas não dispensa uma churrascaria.

Só toma vinho fino.

Não sabe distinguir um petite sirah de um malbec.

É contra toda e qualquer greve.

Aponta o transporte público como solução para o caos viário paulistano (mas só pegou metrô quando o carro estava na oficina).

Não dá esmola “de jeito nenhum”.

Veste camiseta polo Lacoste com o rabo do jacaré virado ao contrário.

Acha brega ser brasileiro.

Etc etc.

POLÍTICA

A tarmma do contra

E, last but not least, sonha em ir embora do Brasil.

De preferência para os Estados Unidos – o problema é que seu inglês se resume ao the book is on the table.

* “A Banca do Distinto”, de Billy Blanco

(3/10/2009)

Vida exemplar

Em 1960, quando Jânio Quadros, Adhemar de Barros e o marechal Henrique Teixeira Lott disputavam a eleição presidencial, eu tinha seis anos de idade e, evidentemente, não compreendia o que significavam aqueles “santinhos” que meu pai, o capitão Accioly, levava para casa, nem aquele pequeno broche no formato de uma espada que ele, orgulhosamente, exibia na lapela do paletó.

Foi só alguns anos depois, quando o país se encontrava mergulhado nas trevas do golpe militar, que entendi que tudo poderia ter sido diferente se a espada do marechal Lott tivesse partido aquela ridícula vassoura janista, que, com a promessa de varrer a sujeira, acabou escondendo-a debaixo do tapete.

A história, porém, como tudo na vida, não é feita de “se”.

A tragédia que a vitória de Jânio precipitou felizmente já faz parte do passado. A nação, se viveu duas décadas de sofrimentos e desencantos, finalmente soube aprender a lição e hoje, mergulhada na reconfortante água da democracia, acha seu rumo entre as maiores do mundo.

E já é capaz de entender que para, continuar nessa trajetória exitosa, tem de, não apenas exorcizar seus mais feios demônios, mas exaltar aqueles que, por suas vidas, por seus exemplos, ajudaram a construir esse inexprimível sentimento de brasilidade que sobra em alguns poucos e falta em muitos outros.

Como o marechal Lott, uma das figuras mais importantes e injustamente esquecidas da história recente do país.

Leio, com imensa satisfação, que o produtor cinematográfico Jorge Moreno está terminando os preparativos para levar à tela a vida desse notável brasileiro, que, entre outros feitos, não permitiu que a UDN e seus raivosos seguidores impedissem a posse de Juscelino Kubitschek – em outras palavras, dessem um golpe contra o presidente legitimamente eleito pelo povo.

Lott foi um constitucionalista radical, um ferrenho seguidor da lei e dos valores éticos, sobre o qual até os piores inimigos não tinham uma mancha sequer para atacar.

Sua magnífica biografia está no livro “O Soldado Absoluto”, de Wagner William (Editora Record, 571 páginas), que serve de base para o roteiro do filme em preparação.

É uma pena que ainda tão poucos brasileiros, principalmente os das gerações mais novas, conheçam a vida do marechal Lott – algo que o filme de Jorge Moreno poderá, em parte, redimir.

O pior mesmo é saber que personalidades como ele, tão raras e preciosas, pouco sirvam de inspiração para a maioria dos nossos homens públicos – sujeitos pequenos de ideias e de atitudes.

(27/9/2009)

De olho no gato

Na crônica anterior tentei explicar que pesquisa, por si só, não vence eleição. Pode ajudar, mas o que decide mesmo são outros fatores. Muita gente concorda com isso apenas parcialmente. Têm razão, pesquisa é mesmo parte de uma eleição, pelo menos no Brasil, ou em determinadas regiões e estratos sociais. De certo modo, para algumas pessoas, elas integram a cultura eleitoral: vibram quando apontam vitória do seu candidato, se irritam quando o oponente aparece na frente.

Hoje, as pesquisas são regulamentadas, seguem um rígido protocolo para terem validade estatística, e há poucas empresas capacitadas a fazer um levantamento abrangente, como é exigido no caso de uma eleição presidencial num país de dimensões extraordinárias como o Brasil.

Não faz muito tempo, porém, as coisas eram bem diferentes. Cada um fazia a sua própria “pesquisa”. Eram famosos, por exemplo, os levantamentos das emissoras de rádio paulistanas, especialmente a extinta Jovem Pan e a Bandeirantes.

Na eleição municipal de 1985, a Pan desafiou as enquetes “sérias”, que apontavam a vitória de Fernando Henrique Cardoso para a prefeitura de São Paulo, e saiu-se bem: ganhou Jânio Quadros, que liderava a pesquisa da rádio.

Ficou famoso o episódio da foto de FHC sentado na cadeira de prefeito antes da eleição, com a presunção da vitória apenas com base no que diziam os Ibopes e Datafolhas de então. Teve de pagar um dos maiores micos de sua vida...

Em 1982 o país viveu uma festa democrática, com eleições para todos os gostos e já com as novos partidos na disputa. Na época, vivia e trabalhava em Jundiaí, no extinto jornal Jundiaí Hoje, que apostava numa cobertura forte da política. Resolvemos, para inovar na cidade, fazer a nossa pesquisa eleitoral. Não tínhamos nenhuma experiência, nada conhecíamos sobre o assunto.

Mas foi moleza: fizemos umas cédulas com os nomes dos candidatos a prefeito, distribuímos para os repórteres e outras pessoas de confiança, espalhamos urnas, e fomos recolhendo os “votos”, sem nenhum critério dito “científico”. Passados não sei quantos dias, contamos as cédulas: a “pesquisa” apontava a vitória do então deputado pelo PMDB André Benassi.

Não sei se demos sorte, se o nosso levantamento foi tão grande que acabou ultrapassando os limites de uma simples amostra, mas o fato é que Benassi venceu a eleição. Havíamos acertado na mosca, infelizmente: a partir dessa vitória o grupo do ex-vereador e deputado não largou mais o poder na cidade.

Essa historinha que contei foi apenas para dizer que as pesquisas eleitorais às vezes funcionam, às vezes não. Por mais que se queira dar um ar infalível a elas, sempre pode haver a ocorrência de algum fato que mude o voto de uma boa parte das pessoas pouco tempo antes da eleição.

Houve o caso de um sujeito que foi eleito prefeito de Jundiaí de maneira surpreendente: era um azarão, poucos acha-

vam que teria alguma chance, mas no dia da eleição a cidade amanheceu com um monte de outdoors com a sua propaganda e isso deve ter causado um impacto muito grande nos indecisos.

Existem inúmeros outros exemplos como esse, de tipos que estavam lá atrás nas pesquisas e acabaram eleitos. Por essas e por outras é preciso ficar, como diz a sabedoria popular, com um olho no peixe e o outro no gato, confiar desconfiando, não baixar a guarda nunca, nem quando o vento sopra a favor, nem quando ele está contra.

(26/7/2010)

A hora da Ave Maria

A campanha insossa, pobre de ideias, sem nenhum slogan forte, baseada apenas na “desconstrução” de sua adversária que José Serra desenvolve, nos lembra, inevitavelmente, dos grande embates eleitorais do passado, em que os os candidatos procuravam conquistar os eleitores apelando não só para a razão, mas muito mais para a emoção, usando grandes doses de criatividade.

O Brasil viu duelos como o de Jânio com a sua vassoura contra o marechal Lott com sua espada, parou para ver os debates na televisão entre Lula e Collor, se divertia com os shows que Brizola promovia no seu horário eleitoral.

Até mesmo os candidatos a governador sabiam como se comportar diante do eleitor. O debate entre Montoro e Jânio na TV Bandeirantes, em 1982, é peça clássica.

A certa altura, da discussão, Montoro ataca Jânio com uma citação. O ex-presidente retruca:

– Mas onde está essa tal citação?

Montoro surge com um livro na mão, olha para ele e lê seu título: “Depoimentos de Carlos Lacerda”.

Jânio imediatamente desfere o golpe final no adversário:

– Então está dispensado da citação. Refere-se a Asmodeu ou a Satanás...

A plateia cai no riso. Até Montoro gargalha.

Eram tempos em que a política não dispensava o cavalheirismo – para o bem ou para o mal –, nem o humor era deixado de lado.

Um dos mais notáveis personagens do “baixo clero” da-

quela época era o radialista paulistano Pedro Geraldo Costa, que chegou a deputado e concorreu várias vezes à Prefeitura paulistana. Certa ocasião, surgiu no programa de Hebe Camargo com um paralelepípedo na mão e a gravata ao avesso. A apresentadora quis saber a razão disso: “O paralelepípedo é porque eu sou o Pedro da pedra. E, se você virar a minha gravata do lado certo verá a minha foto como candidato a prefeito”, respondeu.

Nas suas últimas campanhas, Pedro Geraldo Costa aparecia no seu horário eleitoral da TV apenas para dizer “Boa noite e até amanhã”, um protesto contra o tempo exíguo que tinha para se apresentar – uns míseros segundos.

Também colocou uma luneta no Viaduto do Chá, virada para o Vale do Anhangabaú. As pessoas que passavam por ali não resistiam à curiosidade e paravam para olhar pelo instrumento. Claro que nada viam além da propaganda do esperto candidato.

Pedro Geraldo Costa foi além: fez chover rosas no Anhangabaú, para saudar a chegada da imagem de Nossa Senhora, e mais tarde a vinda da Cruz de Cedro do Egito; fez a Farmácia do Povo na rua da Consolação, onde ele distribuía remédios de graça para os pobres; fez sacolinhas de Jesus, uma espécie de cesta básica para o pessoal da Zona Leste, onde seu programa de rádio era muito escutado.

E fazia, na hora da Ave Maria, os ouvintes colocarem um copo de água em cima do rádio. Rezava, e depois o padre Donizete, numa gravação, dava a benção. O pessoal que es-

cutava bebia então a água, na crença de que ela estava benta, que seus pecados tinham sido perdoados, e que a vida ia melhorar dali em diante.

Pensando bem, quando Serra diz que vai dobrar o alcance do Bolsa Família ele faz exatamente como o Pedro Geraldo Costa no seu programa de rádio.

A única diferença é que as promessas de Serra, todos sabem, nunca são cumpridas, e além disso não têm um pingão de graça.

(13/7/2010)

País calmoso e hereditário

Meu interesse pela política veio, certamente, de meu pai, o capitão Accioly. Foi por meio dele que conheci, ainda garoto, personagens como o Marechal Lott, Jango, Brizola, Prestes e tantos outros. Claro que a sua influência foi determinante para que, na minha cabeça, as coisas ficassem claras e definitivas: no mundo sempre existiram os explorados e os exploradores, essa é uma verdade que aprendi cedo, guardo até hoje e vai morrer comigo.

Sabendo disso, tudo fica mais simples, a vida se torna menos estressante quando você sabe que um emprego é apenas um meio de subsistência, não um fim em si mesmo, e que as horas intermináveis que você passa no trabalho se chamam simplesmente “mais valia”.

Com tão poucas dúvidas sobre como funciona essa engrenagem em que estamos metidos, fico até meio constrangido quando acompanho o noticiário político brasileiro, às vésperas de mais uma eleição (quase) geral.

Realmente me impressiona a quantidade de bobagens que são ditas por esses canastrões que se dizem políticos experientes – e pela reprodução fiel, linear, sem contextualização, sem nenhum nuance, de tais despautérios, por uma imprensa rasa, despreparada, ruim mesmo.

É o caso, por exemplo, dessa escolha do vice de Serra, um deputado sem nenhuma expressão, que o candidato oposicionista mal conhecia. Será que nenhum dos tais analistas, cientistas políticos e assemelhados é incapaz de fazer uma análise séria do episódio? Será pedir demais que algum jor-

nalista forneça ao público a informação verdadeira de como o sujeito foi escolhido?

Ah, deixa para lá. Já estou velho demais para acreditar em contos de fadas...

Uma das histórias mais interessantes que o capitão Accioly me contava era exatamente sobre as besteiras faladas pelos políticos. É um “causo” antigo, que ele recolheu no tempo em que esteve no Espírito Santo, provavelmente em Cachoeiro de Itapemirim, onde ele serviu logo depois que se casou – e onde eu nasci.

É sobre um discurso de um político com pretensões intelectuais, literárias até, que se revela uma monumental bobagem. Como me lembrava dele, mesmo décadas depois de ouvi-lo de meu pai, achei que era a hora de procurar mais detalhes sobre tal peça de oratória. A parte que conhecia era essa: “Guarapari, país calmoso e hereditário, onde se respira o ar por consequência. De um lado, o oceano marítal, de outro, o oceano matagal!”

O Google se encarregou de contar o resto da história, que tirei de um site da cidade:

“Discurso proferido a Guarapari em 1916, por ocasião de uma visita oficial do presidente do Estado, cel. Marcondes de Alves de Souza, por um vereador, mulato escuro, pernóstico e rábula da comarca, o sr. Belarmino Sant’Ana, na cerimônia de inauguração do cemitério da cidade:

- Exm^o sr. presidente do Estado.*
- Exm^o sr. padre Frois, digno representante do senhor bispo.*

– *Exm^{as} autoridades civis e militares .*

– *Minhas senhoras e meus senhores .*

Guarapari é e sempre será o país da saúde e das maravilhas. Aqui nunca ninguém morre e nem se entristece, mesmo que queira. Tanto isso é uma verdade verdadeira que, para que fosse inaugurado este cemitério no dia de hoje, já feito e construído há mais de dez anos não se sabe para que e nem porquê, foi preciso que arrastasse as pressas um defunto emprestado em Benevente, aliás um defunto morto da pior espécie, pois não passa de um molambo, como todos podem ver.

O mundo todo sabe que Guarapari é um país calmoso e hereditário onde se respira o ar por consequência, pois de um lado (o orador esticou o braço em direção ao mar) tem o oceano marital e do outro lado (o orador esticou o outro braço e indicou a floresta ao longe) tem o oceano matagal.

(Ouviu-se uma voz na multidão: “Cala a boca negro burro.”)

– *Sou burro, sim, porém artista como uma locomotiva que gera no azul do firmamento.*

Sou negro, sim, mas porém a cor do meu epiderme não inflói, nem contribói, como diria o grande marechal Hermes. Negro sim eu sou e repito, mas, todavia, honesto como um corno. Esse aparte que acabamos de ouvir, senhor presidente do Estado, é a prova provada, das razões porque esta merda de cidade não vai adiante e eu me recuso a continuar falando para ignorantes e analfabetos. Tenho dito.

E desceu do palanque dando bananas para a multidão.”

Não posso atestar a veracidade da “causo”. De qualquer modo, como ele persiste no tempo, é bem capaz de ser verdadeiro.

É algo para se pensar: se um simples vereador de uma cidadezinha perdida no Brasil, lá no tempo do Onça, foi capaz de passar para a história por ter feito um discurso tão disparatado, o que dizer das notáveis figuras públicas de hoje, que têm à sua disposição os mais modernos meios de comunicação?

As bobagens que eles repetem, pelo menos nesta campanha eleitoral, seriam capazes de fazer inveja a um Odorico Paraguaçu.

Só para ficar no exemplo mais óbvio, temos este incrível José Serra, autor de pérolas raras:

“Para não pegar a gripe suína, é só não ficar perto dos porquinhos”; “Já nasci preparado”; “Pode ter amante, mas precisa ser discreto”, são as mais recentes de uma vasta coleção.

Serra, é lógico, não é o único, mas representa como ninguém esse tipo de pessoa pública que amealhou um conhecimento de almanaque e passa a exibi-lo em qualquer ocasião que pode, ofendendo a pobre audiência com frases feitas, citações inúteis e, pior de tudo, mentiras deslavadas.

PS: A peça “O Bem Amado”, de Dias Gomes, que se transformou na célebre novela da Globo, hoje filme, foi inspirada nesse cemitério de Guarapari, que nunca era inaugurado, por falta de mortos. E Odorico, com seu fraseológico absurdo, nasceu com o mesmo gene do rábula Belarmino Sant’Ana

POLÍTICA

País calmoso e hereditário

– raiz profícua que criou tantos e tão conhecidos personagens que desfilam sua monumental ignorância por aí.

(5/7/2010)

Cacareco, Tião, Tiririca

O fenômeno Tiririca, que pede o voto ao eleitor “porque pior que está não fica”, embora seja objeto de uma avalanche de críticas, não é algo novo na política brasileira.

Em todas as eleições aparecem candidatos como ele, sem nenhum preparo para exercer o cargo, que apenas se lançam na vida pública para ganhar um tanto de publicidade.

Se, num desses acasos, acabarem eleitos, tanto melhor: afinal, com toda a verba disponível para manter um gabinete cheio de assessores, a rotina de um deputado não deve ser de todo desagradável ou complicada.

O caso do Tiririca se destaca das outras candidaturas “trash” porque ele foca, explícita e desavergonhadamente, aquele eleitor desiludido com a política e os políticos. Nesse sentido, votar em Tiririca é um ato de protesto. Não deixa de ser uma incoerência, mas o que fazer?

Esse tipo de voto também não é novidade nas campanhas eleitorais brasileiras. Em 1958 o rinoceronte Cacareco, que habitava o Zoológico de São Paulo, teve cerca de 100 mil votos para vereador, na frente do candidato mais bem colocado.

Em 1988, o Macaco Tião, um chimpanzé ranzinza que vivia no zoo do Rio, teve 400 mil votos na eleição para prefeito, ficando em terceiro lugar entre 12 candidatos.

O efeito desse voto de protesto ajudou, sem dúvida, a eleger várias pessoas, como, por exemplo, do jogador de futebol Biro-Biro, bom meio-de-campo corintiano, que foi vereador em São Paulo de 1989 a 1992. O caso mais recente que

me lembro é do costureiro Clodovil, que em 2006 conseguiu a façanha de ser o terceiro candidato ao Congresso mais votado em todo o país, com inacreditáveis 493 mil votos.

Com esses exemplos quero apenas relativizar a presença dessa turma nas eleições deste ano. É do jogo democrático. Quem não concorda com eles que não vote neles.

O que realmente exige uma discussão mais profunda é o sistema político brasileiro, que permite a proliferação de partidos sem nenhum traço ideológico, que surgem apenas para atuar como balcão de negócios, transacionando legendas para quem quiser, vendendo seus horários gratuitos a quem pagar mais.

Se a legislação não fosse tão leniente, aposto que o horário eleitoral não teria essa infestação de Tiriricas que se vê agora.

(25/8/2010)

Com o Coelho era mais divertido

Meu velho e prezado amigo Dagoberto Azzoni, o Dago, enviou um comentário a respeito da crônica Blogs Sujos que me provocou, ao mesmo tempo, um tanto de nostalgia e de desesperança. Nele, relembra o sociólogo Antonio Geraldo de Campos Coelho, figura inesquecível da Jundiaí do tempo em que éramos jovens.

Entre tantas peculiaridades, a que mais chamava a atenção no Coelho era o seu ferrenho anticomunismo. Seu maior prazer era derrotar o adversário, ou quem se dispusesse a debater com ele, sob o embalo de vários copos de cerveja Antarctica, apenas pela argumentação, baseada em seus conhecimentos teóricos, que incluíam história, filosofia e sociologia.

O Dago não se esquece de um dos detalhes mais interessantes dessas noitadas, o fato de o Coelho ter sempre à sua disposição um seguro “bunker” contra os tipos indesejáveis que pretendiam participar da conversa, geralmente no bar Ponto Chic, que ficava ali na praça Governador Pedro de Toledo – o outro lado do balcão.

Ali, sob a proteção de copos, garrafas, salgadinhos e um enorme pernil assado, passava horas a expor os argumentos com os quais pretendia demolir o sólido alicerce marxista. Não chegávamos a nenhuma conclusão, o embate não resultava em ninguém ferido – pelo menos fisicamente – e todos íamos para a casa com a sensação de que o nosso mundo era, se não perfeito, pelo menos divertido.

O Dago termina o seu comentário com uma constatação

que endosso totalmente, não sem uma alta dose de desalento. Diz ele, sem dúvida sob o efeito desta campanha eleitoral rala e sem novidades: “Hoje, vendo o Serra se afundar sozinho na areia movediça em que se meteram os ‘intelectuais’ tucanos e seus serviçais na velha mídia, sinto falta de um bom combate de ideias, de fazer brotar argumentos que me façam sorrir ao ver a derrota estampada na cara do adversário ideológico, ou mesmo ter que concordar, a contragosto, diante de uma resposta bem construída, numa discussão de bom nível. E acabo concluindo, com um sentimento de pesar, reconheço: também nisso o mundo ficou mais chato!”

É isso. Para nós que tivemos o Coelho como “adversário” não existe coisa mais aborrecida que ler ou ouvir essa turma da direita de hoje, truculenta, apalermada com os avanços do país, inconformada em ter perdido parte de seus privilégios, estarecida por ter visto seus dogmas mais preciosos virarem pó.

Dá mesmo uma saudade imensa do Coelho. E daquele tempo em que as ideias eram as armas mais poderosas que nós tínhamos para, pelo menos, quebrar a monotonia do dia a dia.

(21/08/2010)

Trânsfugas

Meu saudoso pai, o capitão Accioly, fazia um julgamento seco sobre os políticos que mudavam de lado – vivíamos então a época da “Gloriosa”, onde o mundo era bem mais preto e branco que o de hoje. Para ele, esses indivíduos tinham um só nome:

– trânsfugas.

Assim, ele encerrava o assunto quando a conversa girava em torno de um dessas pessoas que militam anos e anos num partido, conquistam a confiança do eleitor, e depois, sem mais nem menos, abandonam o barco e vão de mala e cuia para uma nova casa, geralmente maior e mais bonita.

E não adiantava nada o sujeito gastar o tempo que fosse explicando porque fez o que fez. O capitão Accioly simplesmente não ouvia as justificativas: ancorado em sua rígida formação militar, ele punha uma pedra em cima da discussão com o seu “trânsfuga”.

Claro que hoje, muitos anos depois de ouvi-lo decretar várias vezes sua sentença sobre o caráter de determinados indivíduos, com o país mudado para melhor, já não posso concordar inteiramente com juízos desse tipo.

Aprendi que o mundo não é em preto e branco e assim comporta sutis graduações que, se não absolvem completamente os tipos que se esgueiram entre ideologias aparentemente díspares, pelo menos nos fazem entender essas ações evasivas.

Resolvi escrever essa singela crônica depois de ler que o deputado e ex-guerrilheiro Fernando Gabeira fez umaapai-

xonada defesa da candidatura Serra, ratificando uma posição já conhecida no primeiro turno – embora ele, na ocasião, como postulante ao cargo de governador fluminense, estivesse vestido de verde.

Nas palavras usadas para justificar a sua escolha, Gabeira afirmou que Serra tem um projeto para unir o país, embora todas as evidências de sua campanha movida pelo ódio e preconceito indiquem o contrário.

Talvez a gente nunca saiba os motivos reais que levaram o ex-jornalista a tomar tal decisão, que certamente chocou muitos de seus eleitores mais antigos, aqueles que viam na sua figura um quê da rebeldia e inconformismo que marcou uma geração.

Para elas, Gabeira era um símbolo. Para mim, que ouço de quando em quando a voz firme e confiável do capitão Accioly, ele é apenas mais um trânsfuga.

Como muitos outros que passeiam por aí exibindo seus trajes novos e suas almas vendidas.

(19/10/2010)

A Serra o que é de Serra

Não existe jornalista que trabalhe em São Paulo que não saiba de história envolvendo algum telefonema de José Serra aos diretores de um dos jornalões ou outro veículo de comunicação qualquer para reclamar de sabe-se lá o quê: uma matéria de que não gostou, uma foto em que não saiu do jeito simpático e bonitão que julga ser o seu usual... Não em todas, mas em várias ocasiões, pediu a cabeça do jornalista responsável pela matéria – ou pela foto.

Isso já virou folclore nas redações. Como a sua peculiar maneira de dar entrevistas nesta campanha presidencial, em que seus assessores querem saber, de antemão, as perguntas que serão feitas para o chefe. Certos temas, mais incômodos, são vetados com uma informação nada sutil do parajornalista que acompanha o ex-governador:

– Olha, isso ele não vai responder – costumam dizer seus ajudantes para os pobres coitados encarregados de cobrir a agenda do tucano.

Serra também é conhecido pelo jeito rude com que trata as pessoas. Não deve fazer isso por mal, ele é assim mesmo: tem gente que não consegue ser simpática, embora até se esforce, profissionalmente, para isso. É o caso dele, que muitas vezes cometeu gafes terríveis quando pensava apenas em agradar seu interlocutor.

Isso vem de longe. No auge da campanha pela Presidência, em 2002, Serra apareceu para almoçar no Estadão – aqueles almoços em que os pratos esfriam enquanto os ouvidos esquentam.

Depois do cafezinho, rumou para a imensa redação, ciceroneado por vários chefes, assistentes e aspirantes a tanto. Não chegou a cumprimentar todos os que lá se encontravam, mas pelo relato de algumas testemunhas, seu estilo peculiar causou profunda impressão em alguns – e um choque em outros.

Entre eles, o editor de economia de então.

– Gosto muito do seu caderno – disse Serra a ele, para em seguida completar:

– Depois da Gazeta Mercantil é o que mais leio.

Outra vítima de sua franqueza foi uma experiente repórter de política:

– Nossa, como você engordou! – constatou.

O auge daquela didática tarde foi quando viu uma velha conhecida, na ocasião editora de uma coluna de amenidades:

– Puxa, você está menos corcunda! – elogiou.

Foi um dia em que a autoestima da redação chegou a níveis baixíssimos.

...

Os políticos geralmente não são bonzinhos.

Nem o Suplicy, com aquele jeito atrapalhado que lembra o Mr. Hulot de Jacques Tati, é o ingênuo que aparenta.

Políticos são mesmo uma espécie à parte da gente normal, pois não podem dizer tudo o que sabem, nem saber tudo o que dizem, sob o risco de se desmoralizarem perante o eleitorado.

No caso de Serra, a cada dia ele convence mais a todos

nós que ele realmente se trata de um caso raro, único, de político, pois não consegue esconder de ninguém, por mais que se esforce, a sua completa mediocridade.

É um daqueles sujeitos dos quais se diz que o fracasso lhes subiu à cabeça.

(12/10/2010)

Esquerda, direita, uma e outra coisa

Um velho amigo meu, camarada dos mais íntegros que conheço, até outro dia atrás era dos mais entusiastas admiradores do PT, partido que, inclusive, ajudou a fundar. Hoje, se alguém falar na sua frente o nome do Lula, ou da Dilma, ou de qualquer um dos próceres da agremiação, é capaz de ele ter um troço: fica vermelho, quase espuma de ódio, atribui ao partido todos os males do mundo e o contempla com um variado – e vasto – repertório de palavrões.

Conheço um outro sujeito, não exatamente um amigo, mas com quem trabalhei mais de uma vez em circunstâncias diversas, que, embora sempre tivesse passado a todos a impressão de que era o mais polido de todos os sociais-democratas do mundo, anda escrevendo nos twitters da vida coisas que fazem corar até mesmo quem se educou vendo comunistas embaixo da cama. Embarcou na onda dessa turma que não sabe formar uma frase sem ofender quem quer que seja que tenha alguma simpatia pelo PT.

Antes de passar ao tópico seguinte, quero dizer que já fui filiado ao PT, cheguei a presidir o diretório municipal de Jundiaí, até saí candidato a vereador em 1982, conseguindo fantásticos 600 e tantos votos. Hoje nem filiado sou mais, estou distante dos embates ideológicos – alô, alô, Mané Melato e os bravos rapazes da Convergência Socialista, que tanto me espinafravam! –, mas nem por isso deixei de torcer para que o PT chegasse ao poder. E ainda acho que, apesar de tudo, ele é a única alternativa para transformar o Brasil num país melhor. Infelizmente.

Confesso ainda que não acho que o PT seja socialista: quando muito, não passa de um partido social-democrata, que está fazendo umas reforminhas nas monstruosidades mais explícitas do capitalismo selvagem de nossa sociedade, olhando um pouco para os miseráveis, promovendo um tantinho de Justiça social, ampliando o mercado consumidor, ou seja, o mínimo que se pode esperar de quem se diz de esquerda.

Quero agora retornar ao meu estimado amigo e ao ex-colega de trabalho, os dois que têm brotoejas à simples menção do PT: não julgo, nem condeno, nem discuto com quem muda de opinião, mesmo que tão radicalmente. Cada um é dono de seu nariz.

Certa feita, ouvi no Estadão um repórter justificar assim, curto e grosso, ao seu editor, o fato de que a matéria que escreveu era completamente diferente da pauta original: “A coisa é evolutiva”, disse na maior cara dura.

De meu pai, o saudoso capitão Accioly, guardei uma sentença que se mostrou verdadeira com o passar dos anos: segundo ele, quando envelhece, a pessoa ou fica mais radical em suas convicções revolucionárias da juventude ou se transforma num reacionário empedernido.

Meu amigo e meu ex-colega de trabalho viraram uma coisa. Eu virei outra.

E a vida segue, cada qual de nós lutando pelas suas ideias, brigando com os seus fantasmas, se fartando de tantas e tão vãs certezas.

(28/1/2012)

Maluf, Hélio Louco e a foto polêmica

O pessoal que trabalhou no Estadão lá pelos anos 80 e 90 certamente se lembra de um contínuo que fazia mais serviços externos que internos, o Hélio Louco, morto em um acidente de carro. Era um grandalhão que usava um blusão de couro, sempre pronto a tirar sarro dos “petistas”, que é como se referia a todo aquele que não gostava do seu maior ídolo político – e de vida –, um senhor chamado Paulo Maluf.

O Hélio Louco era mais malufista que qualquer um dos taxistas que, em determinada época, compunham a esquadra volante dos cabos eleitorais do referido senhor pela metrópole. A devoção do Hélio Louco por Maluf era algo de se ver. Claro que nós não perdíamos nenhuma oportunidade para provocá-lo, mesmo sabendo que haveria o troco.

Geralmente ele vinha quando grupos de estudantes visitavam a redação, levados por um simpático recepcionista de quem não lembro mais o nome. Os escolares iam, em fila indiana, passando pelos corredores formados por nossas mesas, curiosos a observar o nosso trabalho. Quando o Hélio Louco, para azar nosso, se achava presente, não aliviava para o nosso lado – chamava a atenção da estudantada e dizia alto, para todos ouvirem:

– Atenção, não deem comida para os animais.

E soltava uma sonora gargalhada.

Certo dia perguntei aos colegas mais velhos se havia uma razão especial para que o Hélio Louco gostasse tanto de Maluf. Havia, disseram. E me contaram uma história que foi, posteriormente, confirmada pelo próprio Hélio: segundo

ele, sua filha estava viva graças a Maluf.

Conforme relatou, ela estava muito doente quando o então governador e comitiva visitaram o bairro onde morava. Ele tomou coragem e foi implorar ajuda a Maluf. Chegou a ajoelhar diante dele. Maluf o ouviu e imediatamente mandou seus assessores levarem a menina para um hospital. E ela se curou.

Depois disso, para o Hélio Louco só havia Deus no Céu e Maluf na Terra.

Tantos anos depois da confissão do Hélio Louco, fico imaginando quantas pessoas humildes como ele, por um motivo ou outro, passaram parte de suas vidas pagando um favor feito por um político, arranjando votos de amigos e familiares, distribuindo santinhos, batendo de porta em porta na vizinhança fazendo propaganda do “doutor”, gastando a sola do sapato para agradar o chefe.

No caso do Hélio Louco calhou de ser Maluf o seu “salvador”, o Maluf que fez carreira política adulando os militares, cumprindo todas as suas ordens ao mesmo tempo em que ia desenvolvendo essa faceta populista e demagógica que tanto impressionava a população desassistida por um Estado cruel e ausente para os pobres, mas afável e muito presente para os ricos.

O Brasil mudou, muita coisa está hoje melhor do que no tempo em que o Hélio Louco suplicou ajuda ao Maluf. O próprio Maluf de hoje é outro. Prisioneiro de um passado que o condena, vive praticamente recluso, pouco se expõe ao público, pois sabe que já não pode contar mais nem com

a simpatia dos motoristas de táxi, sabe que seu nome virou sinônimo de corrupção, de assalto aos cofres públicos. Logo, logo, “malufar” estará em todos os dicionários, como já consta de um “Dicionário Informal” – é bom não subestimar a sabedoria do povo...

A tão polêmica foto que tirou ao lado de Lula, creio, foi o pagamento que exigiu para cancelar seu apoio à candidatura de Fernando Haddad à prefeitura paulistana. É uma imagem que vale muito mais que qualquer cargo que pudesse barganhar para seus cupinchas.

Apertar a mão do “cara” com aquele sorriso falso, dar um abraço no presidente mais popular da história do Brasil, do personagem que simboliza as causas populares, herói de grande parte da esquerda mundial, convenhamos, é um fim de jornada glorioso para quem começou a carreira puxando o saco de militares responsáveis pelo período mais negro que o país jamais viveu.

“Não existe mais esquerda ou direita”, disse aos jornalistas para justificar o apoio ao PT.

Bobagem, ele sabe que isso é mentira.

Mas Maluf não seria Maluf se, no ocaso de sua vida, se dispusesse a confessar que está cansado, que não tem mais ilusões, que aquele tempo em que podia, com uma simples ordem, determinar se a filha do Hélio Louco iria viver ou não é apenas uma lembrança perdida no nevoeiro da história.

Que ele descanse em paz.

(21/6/2012)

A ética da idealista Erundina

Os idealistas, os éticos, esse pessoal da esquerda que almeja a revolução asséptica, sem suor nem sangue, sem a imundície e o fedor próprios do mundo real, têm agora a sua heroína de ocasião, a deputada Luiza Erundina, essa valente mulher nordestina e pobre, que recusou sair como candidata a vice-prefeita na chapa do petista Fernando Haddad por não querer a companhia, na campanha, do notório Paulo Maluf.

Todos os idealistas, todos os éticos, veem nesse gesto da deputada o suprassumo da conduta política, o auge de uma carreira imaculada em defesa dos princípios do socialismo, ideologia que exige de quem a segue uma conduta comparada à de uma Madre Teresa de Calcutá.

Por outro lado, os nossos idealistas e éticos, ao exaltar o ato de coragem, destemor e desprendimento da deputada, tratam de sepultar o PT na mesma vala infecta onde se enterraram todos os outros partidos políticos do país – à exceção, claro de agremiações nanicas também idealistas e éticas, que nem por isso deixam de se aliar, não raras vezes, aos mais radicais representantes do conservadorismo pátrio. À direita, enfim.

Muitos desses ético-idealistas são jovens ainda. É a esses, principalmente, que gostaria de lembrar um fato ocorrido há 19 anos, quando o país era governado por um senhor chamado Itamar Franco, que chegou ao mais alto cargo da República por ter se arriscado numa aventura como vice na chapa encabeçada por um tal de Fernando Collor de Mello.

Pois bem, naquele tempo o PT era idealista e ético, como esses tantos indivíduos que hoje louvam a deputada Luiza Erundina.

O PT foi oposição radical a Collor e continuou sendo a Itamar. Não fazia concessões em seu oposicionismo. Era pau puro, porrada em cima de porrada, não admitia nada que estivesse um milímetro fora de sua cartilha idealista/ética/socialista.

Até que Itamar, raposa velha, resolveu um belo dia jogar a isca para ver se o tal do PT era mesmo tudo isso que dizia. E, como quem não quer nada, convidou Luiza Erundina, que havia acabado de deixar a prefeitura paulistana, para fazer parte de seu ministério.

Foi um deus nos acuda nas hostes do idealista e ético PT, que fechou questão: nenhum de nós vai aceitar ser ministro do governo Itamar, que nós tão fortemente combatemos.

Mas a idealista e ética Luiza Erundina topou o convite e deixou os seus companheiros idealistas e éticos do PT na mão. O partido até que foi bonzinho com ela e suspendeu a sua filiação por um ano por ter desrespeitado uma ordem da Executiva nacional – não a expulsou, como adoram dizer por aí.

Naquele tempo, me lembro muito bem, o PT foi acusado de tudo por ter proibido que um de seus mais importantes quadros integrasse o governo Itamar.

O resto da história é conhecido. Depois de usada pela direita para mostrar o quanto intransigente e radical era

o PT, a idealista e ética Luiza Erundina foi defenestrada do governo federal, acabou isolada no partido e se abrigou no PSB, onde, na verdade, é apenas uma figura decorativa que a direção apresenta para dizer que é, vamos lá, socialista.

Gozado, mas agora me veio à mente o velho e antiquado slogan de uma das mais veteranas empresas de mudanças do país: “O mundo gira e a Lusitana roda.”

É isso, o mundo gira, a Lusitana roda, e a deputada Luiza Erundina, quem diria, continua a deixar os companheiros na estrada.

Mas como ela é idealista e ética, está absolvida de qualquer pecadilho que possa ter cometido em sua longa vida política.

(21/6/2012)

Os idealistas trabalham de graça

Quando eu tinha meus 20 anos e era chefe de reportagem do Jornal de Jundiaí, certa vez fiquei pelo menos umas três horas trancado na sala do dono da empresa, tentando arrancar dele um aumento para alguns companheiros de redação, ainda mais novos que eu. Naquele tempo ainda acreditava que o jornalismo era mais que um simples trabalho, era um ofício com poder transformador – como muitos, sinceramente achava que as palavras tinham força.

Não me lembro bem do fim da nossa conversa, acho que não consegui nada para os meus colegas, mas me recordo exatamente de uma frase dita pelo tal patrão, com certeza o pior de todos que já conheci. A frase, porém, tal o seu grau de cinismo, era muito boa:

– Adoro os idealistas, pois eles trabalham por pouco, não preciso pagar quase nada para eles.

E assim passei grande parte de minha vida vendo os idealistas morrerem paupérrimos por seus ideais e os maus patrões ficarem cada vez mais ricos.

Ou então vendo os idealistas entrarem em batalhas de mãos limpas, desarmados, cheios de boas intenções, os corações puros e as mentes em êxtase – e serem trucidados com a facilidade com que a gente esmaga os insetos.

Lula foi um idealista. Como idealista perdeu a eleição em 1982 para o governo do Estado, concorreu à presidência e foi derrotado em 1989, perdeu novamente em 1994 e mais uma vez em 1998.

Lula perdeu todas as eleições majoritárias que dispu-

tou enquanto foi um idealista e subia nos palanques tendo como companhia apenas a sua fúria de idealista.

E enquanto vociferava slogans revolucionários de idealista o país afundava.

Um belo dia, Lula resolveu que se quisesse ser um vencedor não bastava ser um idealista.

Entendeu que sozinho o PT não iria nunca ser vitorioso, que precisava fazer alianças com gente de fora para ter alguma chance eleitoral.

Compreendeu que só os idiotas ou suicidas entram numa guerra desarmados.

A partir daí, a história do Brasil mudou, queiram ou não seus inimigos de variados matizes ideológicos.

A sua foto com Maluf, celebrando o apoio do PP à candidatura de Fernando Haddad, sei bem, chocou os idealistas. Não vou perder tempo tentando convencê-los de nada: cada um pensa o que quiser, julga os outros como bem entender, vota em quem achar que merece o seu voto, ou simplesmente o anula.

Como já estou numa idade que me impede de buscar o ouro no fim do arco-íris ou de me aprofundar em discussões sobre o sexo dos anjos, achei que a foto de Lula com Maluf é apenas parte de um jogo muito difícil de ser jogado e entendido por quem não é do ramo, mas que se resume no seguinte: é melhor ganhar um aliado que um inimigo, é melhor somar que dividir, é melhor ter mais tempo de propaganda que o adversário, é melhor se mostrar flexível que

intransigente, é melhor ser inteligente que estúpido.

Penso assim: cada idealista com o seu ideal.

O meu, nesta eleição municipal, é o mais singelo do mundo: derrotar José Serra. Se for sem Maluf, melhor; se tiver de ser com ele, tudo bem; se for com Erundina, ótimo, se ela quiser pular do barco e levar junto o seu idealismo, problema dela, que vá ser feliz em outra freguesia.

(19/6/2012)

Margem de erro

É incrível como a vida pode ser simples para alguns. Os institutos de pesquisa, por exemplo. Pensei nisso depois de ver os últimos dados do Datafolha sobre a eleição paulistana. Como não tinha pensado nisso antes? Está ali, nos nossos olhos, o segredo da felicidade, o bálsamo capaz de nos livrar de todas as nossas dores, uma coisinha simples e realmente poderosa: a margem de erro.

Todo mundo sabe como ela funciona: três para cima, três para baixo, e tudo está resolvido. Nosso candidato não está tendo o desempenho que queremos? Tranquilo, basta aplicar uma boa dose de margem de erro nele e o problema acabou, o preferidíssimo volta a ficar bonito na fita.

Se alguém desconfiar que está havendo alguma mutreta, é só replicar com o argumento da margem de erro: ele está na frente, mas pode estar empatado ou até mesmo atrás do outro candidato, a margem de erro explica qualquer fenômeno.

Mas é uma pena que a margem de erro seja usada tão pouco neste nosso mundão velho de guerra. Eu, com certeza, seria um cara bem mais alegre, bem mais sorridente, dormiria bem melhor, se também pudesse usar a margem de erro em algumas situações.

O futebol é um bom exemplo de como a margem de erro corrigiria várias injustiças.

Vejam só o caso de meu time de coração, o Palmeiras, na vice-lanterna do Brasileirão. Quantos jogos ele não perdeu porque a bola não entrou por centímetros, porque a maldita bateu na trave? Na margem de erro, o Palmeiras poderia

ter vencido várias partidas – e não estaria na iminência de cair para a Segundona.

Ou então, se a margem de erro tivesse funcionado naquele bolão da megassena que fizemos no fim do ano, eu poderia agora estar ajudando, com os milhões que teria ganho, o Palmeiras a contratar algum craque que fizesse os gols que faltam para o time.

Essa margem de erro realmente é poderosa.

Revigorou várias carreiras, impulsionou ao estrelato vários canastrões, fez renascer um bando de zumbis, enganou um monte de tolos e ganhou muito dinheiro para o seletor grupo que tem o poder de controlá-la.

Acho que, daqui para a frente, vou apelar para a margem de erro sempre que perceber que fiz alguma bobagem. Na margem, qualquer erro vai ser um acerto.

Nossa, como sou esperto!

(20/9/2012)

O imortal

FHC conquistou praticamente tudo em sua vida. É um vitorioso, de cabo a rabo. Já foi o “Príncipe dos Sociólogos”, hoje passa seu tempo como ex-presidente da República escrevendo artigos nos jornaldões, viajando pelo mundo todo para dar palestras, manobrando os bastidores de seu partido para emplacar seu candidato na corrida presidencial de 2014.

FHC é hoje, portanto, mesmo fora das atividades intensas de um presidente da República, um homem muito ocupado.

Falar mal dos governos Dilma e Lula não é para qualquer um.

Procurar, desesperadamente, motivos para se autoelogiar, também deve ser uma atividade muito cansativa, principalmente no seu caso, quando a gente lembra que ele quebrou o Brasil três vezes, além de entregar a maior parte do patrimônio público ao capital internacional.

Apesar disso, de toda essa energia, de todo o sucesso que alcançou em vida, FHC acha que ainda falta alguma coisa a ele.

E já que a modéstia nunca foi o seu forte, FHC não pensa em nada menos do que alcançar a imortalidade, se não a corpórea, porque isso é impossível agora, pelo menos a espiritual, que garantirá que seu nome seja lembrado para todo o sempre como um dos maiores entre os maiores.

Para tanto, já deve ter encomendado a indumentária que todo imortal que preza não dispensa, aquele fardão que

distingue os sábios dos imbecis, os doutos dos incultos, os mortais dos imortais. Como se sabe, FHC gosta de se antecipar aos fatos: certa feita sentou na cadeira do prefeito de São Paulo antes de a eleição se realizar. Ele perdeu, mas isso é outra história.

Como não é nenhum neófito nesses assuntos de eleição, FHC já pode se considerar o mais novo integrante da Academia Brasileira de Letras, essa veneranda instituição que cuida de manter viva a cultura brasileira – além de oferecer um chazinho à tarde para a turma toda, que ninguém é de ferro.

Na Academia, FHC poderá desfrutar, enfim, de momentos de prazer intelectual que têm sido negados a ele nesses últimos anos, obrigado que esteve a conviver com pessoas mais preocupadas com o sujo pragmatismo da vida política do que, por exemplo, com a leveza estrutural de um verso.

Entre iguais, FHC poderá brilhar no outono de sua vida.

Seria interessante vê-lo debatendo teorias e teses sobre questões fundamentais com outros tantos imortais de seu calibre.

Estarão lá, na Academia, à sua espera para agradáveis tertúlias, brasileiros tão ou mais ilustres que ele, como José Sarney, Marco Maciel, Merval Pereira, Ivo Pitanguy, Paulo Coelho e Celso Lafer, entre outros.

Gente de escol, de se tirar o chapéu.

Verdadeiros gênios da raça.

(27/3/2013)

Uma pesquisa científica

O telefone toca.

– Bom dia, sr. Carlos. Aqui é do Instituto Datavênia. Estamos fazendo uma pesquisa sobre tributação. É rápida. Gostaríamos que o sr. respondesse a ela. Garantimos sigilo absoluto.

– O que vocês querem saber?

– Primeiro: o sr. acha que o brasileiro paga muito imposto?

– Não, não acho.

– O sr. não acha? Que estranho? Posso mesmo pôr isso como resposta?

– Claro que sim. Acho que no Brasil o rico paga pouco imposto, a classe média paga um pouco mais e os pobres é que se ferram. Em resumo: o sistema tributário no Brasil é injusto, deveria taxar mais quem tem mais dinheiro e menos quem tem menos. Simples.

– Mas o sr. não acha que a carga tributária é muito alta?

– Não, não acho.

– O sr. tem certeza? Ela é uma das mais altas do mundo...

– E de onde você tirou isso? É mentira. A carga tributária no Brasil é menor que em muitos países considerados de Primeiro Mundo. E é bom que os governos – eu disse governos, não o governo federal – arrecadem bastante, porque só assim a população poderá ter acesso gratuito à saúde, à educação, poderá usufruir da Previdência Social, poderá, enfim, ter uma rede de proteção mínima.

– Essa é justamente a outra pergunta que eu ia fazer ao sr.

O sr. acha que o imposto que o sr. paga é bem aplicado pelo governo?

– Acho que poderia ser mais bem aplicado, sem dúvida. Mas acho que a população é responsável, em grande parte, pelos desvios na aplicação do dinheiro dos impostos.

– Como assim?

– A maioria das pessoas não se interessa em fiscalizar os órgãos públicos, não sabe sequer o imposto que é arrecadado pela prefeitura ou pelo governo estadual ou federal. É completamente ignorante de tudo o que se refere à questão fiscal, a não ser arranjar um jeito de sonegar o Imposto de Renda. Nem pede nota fiscal, deixa o empresário fraudar na boa a Receita. Não tem consciência de que se a maioria ficasse de olho no que os governantes fazem com o dinheiro dos impostos, a vida no país seria bem melhor do que é.

– Para terminar, então, o sr. é a favor de uma reforma tributária que proporcione à população pagar menos impostos?

– Sou a favor de uma reforma que simplifique o processo de arrecadação e que seja justa com todos, adotando o princípio da progressividade, ou seja, quem tem mais paga mais. Eu agora tenho uma pergunta a você: quem está patrocinando essa pesquisa?

– Ah, isso é confidencial.

– Sei... E ela será divulgada publicamente ou será de uso restrito?

– Bem... Não sei dizer ao sr. Acho que depende do resultado...

– Entendi. Se a maioria achar que pagamos muito imposto ela será manchete em todos o jornais. E é claro que a maioria vai dizer isso. É a mesma coisa que perguntar à dona de casa de ela gostou do aumento do preço do tomate. Ou fazer pesquisa perguntando se a pessoa aprova o governo da Dilma e vai votar nela depois de ter respondido a um questionário imenso sobre não sei quantos escândalos fabricados pela imprensa - que patrocina a pesquisa.

– Desculpe, sr. Não entendi onde o sr. quer chegar. Garanto que a nossa pesquisa é séria, embasada em critérios científicos, o nosso instituto preza pela honestidade...

– Claro. E Papai Noel existe.

– Como?

– Nada, é que o Natal está chegando e eu preciso desligar o telefone porque senão chego atrasado para o desfile das escolas de samba na Páscoa.

– Hein?

– Passe bem, bom dia, boa pesquisa, seja feliz, esqueça o que eu disse.

– Não, não posso, mas o sr. fique tranquilo...

E o telefone se emudece.

(7/4/2014)

Pra frente, Brasil!

Os últimos tempos têm sido pródigos em manifestações violentas contra os rumos que o Brasil tem tomado sob a orientação trabalhista.

Ao mesmo tempo, os indignados com a “ditadura lulodil-mopetista” levantam bandeiras para salvar o país do destino ingrato a que foi condenado desde 2003, quando o “apedeuta” e seu bando concluíram o assalto ao Palácio do Planalto.

Essas bandeiras são inúmeras, pois são desfraldadas por variadas tripulações em busca do tempo perdido.

Há de tudo nessas naus de insensatos: fascistas, neonazistas, fanáticos religiosos, homofóbicos, preconceituosos de todos os tipos, pré-capitalistas, psicopatas, sociopatas, agiotas, especuladores, malandros, vigaristas, políticos profissionais...

Em comum eles têm o objetivo de destruir, arrasar, exterminar todos os avanços que o Brasil teve nesses últimos anos, tanto social quanto econômica e culturalmente.

Para não dizer que exagero, vai aí abaixo uma pequeníssima amostra do que pregam esses notáveis renovadores, esses impolutos profetas dos novos tempos, muitos com títulos pomposos da Academia, incensados, louvados e glorificados pela imprensa-empresa que nos mostra o mundo sob a óptica dos alucinados:

- Redução da maioria penal para 12 anos
- Instituição da pena de morte
- Fim do Bolsa-Família
- Fim das cotas raciais na educação

- Criminalização das relações homossexuais
 - Introdução de aulas obrigatórias de religião nas escolas
 - Fim dos direitos trabalhistas
 - Redução das alíquotas do Imposto de Renda para quem ganha mais
 - Privatização da Petrobras
 - Privatização do Banco do Brasil
 - Privatização da Caixa Econômica Federal
 - Saída do Mercosul
 - Esfriamento das relações diplomáticas e comerciais com a Venezuela, Argentina e outros países sul-americanos, com a China, Rússia, Índia, Irã e países africanos
 - Rompimento de relações diplomáticas com Cuba, Irã e outros países do “Eixo do Mal”
 - Fechamento de partidos políticos “corruptos” (o PT, óbvio) e prisão de políticos “traidores” – seja lá o que for isso...
 - Internet sob controle das teles
 - Desregulamentação total do setor de telecomunicações
 - Fim de todo diálogo com os movimentos sociais e os sindicatos
 - Fortalecimento das Polícias Militares
 - Fim do aumento anual do salário mínimo
 - Extinção da Previdência Social – ou congelamento do valor dos benefícios
- É pouco?

Aguardo, ansioso, dos leitores, mais “medidas” propostas para modernizar o país e apagar todos os “malfeitos” dos “petralhas”.

Dá para imaginar o Brasil nas mãos dessa turma?

Vade retro, satanáás!

(24/3/2014)

Pobre pensador



A indústria da comunicação tem criado alguns personagens inacreditáveis. Um deles, que frequenta com incrível facilidade as páginas dos mais importantes jornais do país, é o economista Fábio Giambiagi, que pertence aos quadros do Ipea.

Pois bem, dia desses, Giambiagi escreveu um artigo intitulado O Brasil e a “cultura do coitado” para o Valor Econômico. É um exemplo acabado da indigência – ou mau caratismo – de certa parte da “inteligência” brasileira.

Giambiagi diz que é preciso substituir a “visão paternalista do governo, ainda fortemente impregnada nos corações e mentes, por uma atitude mais parecida com a que vigora nos países que mais crescem no mundo”. A que país aspiramos? – pergunta, para responder: “Com a Constituição de 1988, na prática optamos pelo modelo de ‘dar o peixe’. Aos poucos, porém deveríamos migrar para o modelo de ‘ensinar a pescar’. A ‘migração’ consistiria em deixar de privilegiar políticas baseadas na distribuição de renda através de um sistema puro e simples de transferências, por ou-

tras que enfatizem uma maior igualdade de oportunidades”. Ele exemplifica: “O governo deveria dar a cada indivíduo, essencialmente, saúde e educação básicas, além de uma Justiça que funcione (...) Tendo recebido isso, cada cidadão teria de abrir o seu próprio caminho.”

Simples, não? Talvez sim para o eminente economista. Mas não para os milhões de excluídos que não têm emprego, nem comida, nem casa, nem transporte, nem sequer roupa, mas que, segundo ele, com saúde, educação e Justiça que funcione estariam prontos para enfrentar, em igualdade de condições, seus patrícios bem nascidos – e muito mais bem nutridos.

É preciso ensinar a pescar, pontifica o eminente economista, sem explicar como esse chavão pode virar realidade sem que antes se distribua o peixe – que evita que o pescador morra de fome.

Já dizer que os “países que mais crescem no mundo” desamparam seus cidadãos não é apenas desonestidade intelectual. É ignorância plena.

Giambiagi pode ser um eminente economista. Mas é um péssimo exemplo de intelectual.

(4/5/2007)

Lei de Gerson

É a própria lógica do capitalismo que fomenta crises como a que vive o sistema financeiro mundial. Por visar o lucro antes de tudo, cada jogador (ou empresa, ou aplicador, ou investidor, não importa o nome) procura por todos os meios ganhar mais que seu adversário (concorrente).

Estabelece-se uma corrida desenfreada na qual tudo vale, pois o importante é conseguir o maior rendimento a partir de nada - ou quase nada.

Nessa disputa quebram-se todas as barreiras éticas, morais ou legais. Durante um certo tempo vive-se na ilusão de que é possível se estabelecer um altíssimo padrão de ganhos por meio de sofisticados e intrincados mecanismos.

Mas como a engrenagem tem um equilíbrio absolutamente precário, basta que um dos lados apenas se mova um pouco para que a engenhoca caia estrepitosamente. E leve nessa queda não só seus engenheiros, mas também os ingênuos operários.

(15/8/2007)

Vitória

A Fiesp e congêneres, que fizeram intenso lobby contra a prorrogação da CPMF, dizem que a extinção da contribuição foi uma vitória para o Brasil.

Foi, isso sim, uma vitória dos empresários. Se dependesse deles, todos os impostos acabariam.

E eles continuariam cobrando o mesmo pelos seus produtos e serviços – e pagando o mesmo para os seus funcionários.

Essa é a lógica do capitalista brasileiro.

Ele não quer um país com um grande mercado consumidor – ele quer um país com uma grande concentração de renda, para vender caro ao público abastado.

Ele não quer um país com menos desigualdade social – ele quer aprofundar o fosso social, para continuar no topo de seu castelo, como senhor feudal.

Ele não quer um país com saúde e educação universais de boa qualidade – ele quer que saúde e educação sejam apenas um bom negócio.

O empresário brasileiro não quer um país poderoso, moderno, independente, justo, pois para que isso ocorra ele terá de mudar.

E o empresário brasileiro odeia mudanças – especialmente quando elas não são feitas por ele.

(14/12/2007)

Do otimismo

Enquanto economistas discordam, em debates acalorados nas páginas dos jornalões sobre se a alta da inflação se deve a problemas de oferta ou de demanda, a vida segue seu rumo no Brasil de maneira voraz.

Nos últimos anos, pelo menos, nunca se viu tanta atividade, tantos negócios, tanto emprego – formal e informal – sendo criado, tantos carros e caminhões circulando por ruas e estradas, tantos turistas voando e lotando hotéis e pousadas em praias e cidadezinhas perdidas no interior.

Essa constatação impressionista deste momento ímpar do Brasil reforça a convicção que os preços estão mesmo se acelerando. E isso é bom, pois prova que o país está vivo, as pessoas estão indo em frente, a máquina gira em alta velocidade.

Mas não seria essa uma visão extremamente panglossiana das coisas? Não seria preferível, como fazem os doutos analistas de bancos, corretoras, universidades, consultorias diversas, se debruçar em estudos para constatar que tudo poderia ser diferente se ao paciente fosse administrado remédios diversos?

Quem pensa dessa maneira, sem se deixar entusiasmar pelo otimismo e procurando se levar pela análise fria dos fatos, certamente chegará a conclusões infalíveis. Que serão variadas ao gosto das idiossincracias e ideologias de quem as formula.

Pois há os ortodoxos, os heterodoxos, os neoliberais, os nacionalistas, os marxistas, ou os simplesmente oportunis-

tas, que usam seus títulos de doutor para engordar contas bancárias geralmente criadas ao abrigo de bons empregos na máquina estatal.

Por essas e por outras é preferível, neste momento, deixar as conclusões científicas de lado e ver a natureza seguir seu curso. Não, não é a fé absoluta na mão invisível do mercado, já que ela, cega de nascença, geralmente perpetra barbaridades. É simplesmente escolher o bom senso como guia das ações e rejeitar intervenções exdrúxulas, assim como conselhos extemporâneos e dissimulados.

Hoje temos uma condição excepcional de superarmos definitivamente nossas fraquezas ancestrais, nossos medos genéticos, nossas desigualdades desumanas, nossas injustiças perpétuas.

Às vezes é muito bom acreditarmos em nós mesmos.

(9/5/2008)

Contos da carochinha

A crise financeira global fulmina mercados e velhos chavões do capitalismo, deixando claro que, na hora do salve-se-quem-puder, vale tudo, inclusive fazer hoje o que era proibido ontem. Assim, vamos esquecer que:

- 1) Imóveis são uma aplicação segura;
- 2) Não se deve sair da Bolsa na baixa;
- 3) A mão invisível do mercado tudo regula;
- 4) Os Estados Unidos abominam a estatização;
- 5) Os Bancos Centrais são instituições sérias;
- 6) Não há mais lugar no mundo para economias fechadas;
- 7) Os analistas de mercado usam métodos científicos.

E ainda há gente que perde tempo à procura da verdade!

(18/9/2008)

O jabá da Fiesp

Não há jornalista que não tenha recebido, alguma vez, um jabá. É que, tradicionalmente, as empresas, no fim de ano, mandam brindes para as redações.

Alguns são singelos, outros exagerados. No Estadão, certo ano, uma repórter que cobria a área de consumo assustou-se quando um contínuo a avisou que haviam deixado para ela, na portaria, uma máquina de lavar roupa. De maneira polida, ela informou a empresa que aquilo não era um jabá, mas quase um suborno.

Em tempos de crise, as empresas se mostram mais comedidas. Nessa perspectiva, o brinde que a Fiesp, a mais poderosa entidade empresarial do Brasil, deu para os jornalistas que foram ao seu almoço de fim de ano seria normal: eles voltaram às redações com três míseros lápis (com borracha numa das pontas), algo totalmente inútil nestes dias de computador.

Quando a repórter que teve de ouvir as lamentações dos empresários sobre o momento econômico atual e suas previsões catastrofistas para o próximo ano me mostrou o jabá, contive a risada e pouco refleti sobre a questão. Achei apenas que eles poderiam expressar sua insatisfação de um modo menos explícito.

Foi só à noite, ao chegar em casa, que dei a real importância ao jabá da Fiesp. É que vi, na mesinha em que coloco as chaves, dois objetos: uma caixinha de madeira toda decorada e uma embalagem de papelão com uma folhinha dourada de 2009, ofertas do Empório da Léia, excelente estabele-

cimento comercial que fica a uns 200 metros de onde moro e no qual compro queijos ótimos pela metade do preço que os supermercados cobram.

Antes de dormir, pensei que alguma coisa está bem errada neste país em que ricos capitalistas desejam feliz ano novo dando três lápis de presente aos profissionais que moldam a sua imagem diariamente, e em que a Léia, do modesto empório do bairro, compra bonitas caixinhas de madeira decoradas para presentear seus fregueses.

Talvez fosse uma boa ideia a Léia explicar a esses probos, dignos, responsáveis, eficientes e patriotas capitães de indústrias, como funcionam as coisas no Brasil real – um lugar onde as pessoas não perdem nunca a esperança.

(10/12/2008)

A turma do impostômetro

Um simples exercício de imaginação é capaz de mostrar o absurdo que essa turma que criou o tal Impostômetro pretende para o país.

Vamos supor que os impostos sejam reduzidos ao mínimo possível, como querem pefelistas, tucanos e assemelhados, patrocinadores dessa campanha.

As consequências imediatas dessa insensatez seriam o atendimento ainda mais precário do que o atual nos setores de saúde, educação, segurança pública e previdência social, principalmente.

Sem a presença do Estado para bancar os custos mínimos de manutenção dos serviços nessas áreas, restaria a opção de entregá-los à exploração do setor privado. O Estado ficaria encarregado apenas de fiscalizar o gerenciamento do sistema.

Alguém tem saudades da São Paulo do tempo do finado PAS?

É isso o que esse pessoal deseja para o Brasil inteiro?

O que essa turma não entende, porque não é conveniente entender, é que certas coisas não podem ser feitas com a óptica exclusiva do lucro.

Investir em saúde não é gasto. Como não é gasto investir em educação, segurança pública, moradias, transporte, infraestrutura.

Esse dinheiro se reverte em benefício geral. A construção de uma escola serve para pobres e ricos – se o rico quiser outra para o seu filho tem os meios para optar pela particular.

O Estado é obrigado a garantir saúde e educação para todos. É sua obrigação também melhorar constantemente a qualidade desses serviços.

E isso só pode ser feito com o aperfeiçoamento da gestão, por meio de profissionais mais qualificados, mais bem pagos, com o dinheiro dos impostos – que, infelizmente, no Brasil atingem com mais força quem está na parte de baixo da pirâmide social.

O problema todo é esse – neste país, os ricos pagam menos impostos que os pobres. E mesmo assim, querem ficar isentos deles.

Essa cruzada permanente que fazem por uma reforma tributária não é algo para ser levado a sério. Eles querem, simplesmente, pagar menos impostos.

Como no caso da CPMF, que conseguiram derrubar.

Alguém sabe o que eles fizeram com o dinheiro que sobrou da taxa que deixaram de pagar? Deram aumentos para os empregados, investiram na produção, baixaram os preços?

Ou apenas engordaram os lucros?

(27/5/2009)

No tempo da caderneta

As taxas de juros ao consumidor caíram em setembro para 7,01% ao mês, em média, o menor nível já registrado pela Associação Nacional de Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), que iniciou sua pesquisa em 1995.

A entidade verificou que nos últimos oito meses os juros cobrados no mercado caíram de forma consecutiva, mesmo sem o Banco Central ter mexido na taxa básica, a Selic, que está em 8,75% ao ano.

“Essas reduções podem ser atribuídas à melhora no cenário econômico e maior competição no sistema financeiro”, avalia Miguel José Ribeiro de Oliveira, coordenador da pesquisa da Anefac.

O levantamento da associação aponta que a taxa para pessoa física caiu de uma média de 7,08% em agosto para 7,01% em setembro. Apesar disso, tomar empréstimos a essa taxa ainda significa ver a dívida mais que dobrar (125,47%) no fim de um ano.

Os juros do cartão de crédito, a 10,68% ao mês, continuam no topo da lista das taxas mais caras e não se alteraram desde fevereiro de 2009. Nas financeiras, que oferecem o segundo juro mais alto, a taxa média recuou de 10,62% ao mês para 10,48%. No cheque especial, o juro caiu de 7,38% para 7,34%, enquanto as taxas do empréstimo pessoal nos bancos passaram de 5,15% para 5,02%.

Essa seria uma boa notícia não fosse o fato de que os juros cobrados pelos bancos no Brasil ainda são, para dizer o

mínimo, indecorosos.

A ganância dos banqueiros é algo para se pensar. E como uma coisa puxa a outra, acabei me lembrando justamente do oposto, de comerciantes que conheci que sabiam tratar seus fregueses de modo especial – e nem por isso deixaram de lucrar com eles.

Na Jundiaí do início dos anos 70 existiam várias pessoas assim. Me recordo particularmente de duas delas, o Cassiano, dono do Urso Branco, um bar ao qual íamos todas as noites depois do fechamento do Jornal de Jundiaí – eu, o saudoso Afrânio Bardari, secretário de redação, Celso de Paula, batalhador incansável das artes e da cultura da cidade, repórter dos bons, e vários amigos que deixo de nominar justamente porque foram muitos.

O Cassiano, além de fazer sanduíches de primeira e não se importar de ficar aberto até a madrugada, ainda marcava na caderneta a nossa conta quando, por motivos alheios à nossa vontade, estávamos duros. Sei que nunca demos calote. Podíamos atrasar um pouco, mas ele, educadamente, nos cobrava quando sentia que havia perigo à vista.

Caso ainda mais grave de negociante que me levava às alturas com o tratamento dispensado era o Paulinho Copelli, da Casa Carlos Gomes, notável estabelecimento situado à Rua Barão de Jundiaí, que se encarregou, durante décadas, de levar o melhor da música aos jundiaienses.

O Paulinho era incrível. Além de oferecer o fino da

MPB, do rock e do jazz, ainda tinha um sistema de crédito inacreditável.

Eu levava a pilha de LPs até a sua mesa, tirava a ficha da loja do bolso e ele me perguntava, invariavelmente, depois de somar a compra:

– Quanto é que você quer pagar este mês?

Isso mesmo! Era eu que decidia de quanto seria a prestação. Comprei discos assim durante vários anos. Quando parei – e acertei o débito com o Paulinho – tinha uma coleção de mais de 1.500 LPs, boa parte deles da Casa Carlos Gomes.

Claro que ressuscitar o sistema da caderneta é algo impensável nos dias de hoje. Mas convenhamos: achar 7% de juros ao mês uma taxa aceitável, só mesmo sendo idiota.

Cassiano, Paulinho Copelli... Existiu mesmo esse país onde nós fizemos tantos negócios?

(16/10/2009)

O mito da eficiência empresarial

Depois de passar cerca de 40 minutos, divididos em dois telefonemas, ouvindo música da pior qualidade entremeadada por mensagens sem nenhum sentido, tive a percepção de que um dos axiomas mais divulgados nesta nossa sociedade – a ineficiência do setor público – deveria ser mudado.

Sim, pois se o setor público é ineficiente, o que falar então do privado?

Os telefonemas foram feitos para a Eletropaulo e tinham como objetivo saber a que horas a energia elétrica voltaria ao prédio em que moro, já que ela havia sido interrompida depois da ventania que assolou meu bairro no começo da tarde do feriado de segunda-feira.

As informações dadas pelos atendentes da empresa não ajudaram muito. O serviço foi normalizado apenas no começo da noite – os dois funcionários erraram feio.

Dessa vez, porém, pelo menos consegui ouvir uma voz do outro lado da linha. Sinal que, se a Eletropaulo ainda está muito longe de cumprir o que manda a legislação que disciplina o atendimento ao consumidor, pelo menos já parece não ignorar que existe um cliente insatisfeito. Meses antes, numa situação similar à deste feriado, não consegui falar com ninguém.

A concessionária de energia elétrica paulistana é um bom exemplo de uma empresa privada ineficiente, pois presta um serviço de péssima qualidade. Ficou evidente que seus atendentes não dispunham de informações sobre o andamento do conserto da rede. E que o reparo demorou mais

que o necessário – cerca de seis horas, num dia de trânsito absolutamente tranquilo.

Mas não é somente ela que contraria o mito da eficácia do setor privado. Basta ver que, à testa do ranking das reclamações do Procon estão as gigantes de telecomunicações e do setor bancário.

Embora eu não seja nenhum especialista no assunto, é relativamente fácil perceber que as empresas brasileiras sofrem de males variados, que, em síntese, revelam a fragilidade de suas administrações.

Rapidamente, listei alguns dos problemas que são facilmente observados em grande parte das companhias:

- 1) Desperdício;
- 2) Má qualidade do serviço/atendimento ao consumidor/pós-venda;
- 3) Práticas desleais de concorrência (formação artificial de preço, concentração, venda casada);
- 4) Práticas aéticas de negócio (pagamento de suborno, corrupção);
- 5) Sonegação fiscal;
- 6) Desrespeito às leis trabalhistas;
- 7) Desrespeito à legislação do consumidor;
- 8) Desprezo ao papel social da empresa.

Pode haver quem diga que eu não tenho nada com isso, pois se a empresa é privada, não tem ações negociadas em Bolsa, o dono faz o que quer com ela. Mas é claro que uma alegação dessas só teria sentido se vivêssemos num socie-

dade pré-capitalista, mais de 200 anos atrás.

Um país que está entre as dez maiores economias do mundo e almeja chegar ainda mais longe precisa discutir seriamente a atuação de seu setor empresarial, sem preconceitos de nenhuma espécie.

Alimentar essa falácia de que tudo que vem do setor público é ruim e tudo que é privado é bom vai além da irresponsabilidade: chega a ser criminoso.

(14/10/2009)

O bom é levar vantagem

Viver em São Paulo se torna a cada dia que passa um exercício de masoquismo. Não bastasse os índices alarmantes de violência, que só aumentam, as carências nas áreas de saúde, educação e transporte público, para ficar só nas mais essenciais, não fosse a sujeira em todo o lugar, a poluição de todo o tipo que só permite ver um céu de um azul esmaecido, quase cinza, eis que o encarecimento dos serviços avança de braços dados com a sua deterioração.

Indo trabalhar, ouço no rádio que o estacionamento do Shopping Butantã cobrou R\$ 100 para quem deixasse lá o carro para ir ver o show de Roger Waters, no estádio do Morumbi. O preço normal é de R\$ 4. E o gerente do estacionamento teve a cara dura de dizer que não houve nenhum aumento abusivo, pois os clientes foram avisados previamente do preço. Além disso, explicou que o aumento foi para “selecionar” a freguesia: segundo disse, eles queriam um público classe A, que, nas suas palavras, é mais educado. Também justificou a exorbitância pela necessidade de contratar mais seguranças – que acabaram brigando com clientes que quiseram ir embora sem pagar. Coisas do público classe A...

Dias antes leio que o famosíssimo Bar do Leo, dito e havido como o lugar onde se tira o melhor chope de São Paulo, vendia gato por lebre, ou Ashby por Brahma. A inacreditáveis R\$ 9 a tulipa! Além disso, preparava seus quitutes com comida estragada ou sem procedência definida.

Esse tal de Bar do Leo nunca me enganou. Ou melhor, quase me enganou, certa vez que fomos lá, eu e minha mu-

lher, e pedi ao garçom, com toda a educação do mundo, que colocasse duas fatias de tomate num sanduíche de queijo prato. A resposta do sujeito foi uma frase que não deixava dúvida do tipo de lugar em que estávamos:

– Nós não fazemos isso aqui.

O cara, talvez em nome da alta gastronomia praticada no lugar – um boteco sujo, escuro, desconfortável, como milhares de outros espalhados pela cidade –, contrariou tudo o que o bom negociante deve fazer, ou seja, dar sempre razão ao freguês. E por isso, e também porque já não tenho idade para aturar imbecis ou picaretas ou ladrõezinhos de meia tigela, me levantei, acompanhado de minha mulher, e fomos embora, sem remorsos nem arrependimentos.

Mas em São Paulo as coisas funcionam assim mesmo. Um lugar como esse botequim de quinta categoria pega fama, sabe-se lá o motivo, e depois deita na cama, vive anos e anos explorando os tontos que vão lá comer comida estragada e beber chope falsificado, pagando os olhos da cara e sendo pessimamente atendidos por garçons que parecem ter saído das escolinhas do PCC.

Quis dar esses dois exemplos – o estacionamento do Shopping Butantã e o Bar do Leo – porque acho que eles sintetizam o espírito do prestador de serviços paulistano, que tem aproveitado da maneira mais predatória possível este bom momento econômico que vive o país, aumentando preços sem nenhuma justificativa, abusando da imaginação para bolar formas de ganhar o que puder o mais rapidamente

possível, sem se importar o mínimo que seja com o pobre do consumidor.

Dei os dois exemplos, mas agora, bem no fim desta “crônica” me lembrei que amanhã, quarta-feira, os supermercados voltam a cobrar pelas sacolinhas de plástico – em nome da salvação do planeta, é claro.

E eis que me vem à cabeça as imagens daquele comercial de cigarro, lá pelos anos 70 ou 80, protagonizado pelo Gerson, que expressava a alma dos brasileiros – não de todos, felizmente – e no qual ele concluía que “o importante é levar vantagem em tudo, certo?”

Como se vê, tantos anos depois as coisas não mudaram muito, certo?

(3/4/2012)

O PIB e a felicidade

Nem bem os números do PIB do primeiro trimestre foram divulgados e uma legião de analistas, aqueles de sempre, apareceu para festejar o fraco resultado – eles nem escondem mais a satisfação de ver o Brasil se contaminar com a crise internacional, nem disfarçam mais o contentamento de constatar que as medidas do governo federal para alavancar a atividade econômica estão demorando para surtir efeito.

O PIB, vulgarmente definido como a soma das riquezas do país, pode até ser um indicador para medir a quantas anda esse organismo supercomplexo que é a estrutura socioeconômica de uma nação, mas certamente, e isso é o mais importante, não é o único.

Os nossos perspicazes analistas, pelo menos a grande maioria deles, se contentam apenas em olhar os números referentes à produção da indústria, da agropecuária, do setor de serviços, o chamado consumo das famílias e do governo, os investimentos, a exportação, a importação, essas coisas todas. Mas se esquecem que nem sempre os números, por mais exatos que sejam, por mais correta que tenha sido a pesquisa que os levantou, são capazes de mostrar a realidade de um país.

Há várias razões para isso.

Uma delas é o fato singelo de que por trás dos números estão os homens – e eles não perdem a mania de ter opiniões, ideias, desejos, de carregar dentro de si paixões e idiossincracias. Assim, nem sempre 2 mais 2 são 4, ou um copo

está meio cheio, quando deveria estar meio vazio.

Outro motivo para se desconfiar da fiabilidade desses indicadores é que eles apenas registram fatos econômicos, não mostram nada do maior tesouro de uma nação, que é o sentimento de bem-estar do povo e a sua confiança no futuro.

Não existe meio de se medir isso, apenas tentativas toscas, como o IDH, o Índice de Desenvolvimento Humano, que acrescenta às estatísticas econômicas outras sobre educação, saúde, saneamento básico etc. Ou ainda ideias utópicas como a do rei do Butão, de se lançar um “Índice de Felicidade Interna Bruta”, que tem se espalhado pelo mundo por meio de intelectuais mais ou menos sérios.

Quando penso que países que nunca foram potências econômicas produziram artistas, cientistas, pensadores e esportistas que influenciaram milhões de pessoas em todo o mundo mais me convenço de que essa história de querer reduzir uma nação a números é uma estupidez sem tamanho.

O homem precisa do trabalho tanto quanto precisa do lazer, da educação, da arte, dessas coisas, que, em suma, o distingue das bestas.

O resultado do PIB do primeiro trimestre foi decepcionante?

Ainda bem que isso ocorreu num país que vê a sua democracia se fortalecer dia a dia, que resgata milhões de pobres coitados da miséria absoluta e os transforma em cidadãos, que convive com todas as contradições inerentes à liberdade individual e cujos governantes apontam um cami-

no diferente do que foi traçado até pouco tempo atrás, que excluía a grande maioria da possibilidade de crescer econômica e culturalmente.

Só numa sociedade como a que temos hoje é possível discutir meios de melhorar os indicadores – todos eles, não apenas os econômicos.

(3/6/2012)

A vida no paraíso neoliberal

A reação mezzo histórica, mezzo hipócrita, de setores empresariais e das classes média/média alta/alta paulistanas ao reajuste – perfeitamente legal e nada abusivo – da planta genérica de valores, que serve de base para o cálculo do IPTU, reacende uma velha discussão, sobre a carga tributária brasileira, que alguns, por ignorância ou má-fé, insistem em dizer que é a maior do mundo.

Vamos, então, imaginar por uns instantes como seria viver nesse paraíso apregoado pelos neoliberais, essa turma que exalta o tal livre mercado e, especialmente, o “Estado mínimo”, no qual as pessoas e as empresas pagariam bem menos impostos e a máquina administrativa seria reduzida a proporções ínfimas.

Suponhamos que você seja um típico classe média com um par de filhos.

Num primeiro momento os preços das mercadorias, pagando muito menos tributos, cairiam pelo menos à metade.

O mesmo ocorreria com muitos serviços.

Você, sua mulher e seu filho exultariam de alegria e passariam a consumir mais, a gastar mais em coisas que antigamente estavam fora de seu alcance.

Você e milhões iguais a você fariam isso.

Quanto tempo demoraria para os preços subirem ao nível anterior, ou mesmo, seguindo as tais “leis do mercado” e, principalmente, a da “oferta e da procura”, passarem a ser maiores que antes?

Alguns meses apenas.

Aí, você já não estaria tão feliz da vida como estava quando a turma do Estado mínimo assumiu o controle da nação, impondo a ela as suas brilhantes ideias econômicas e sociais.

E não demoraria quase nada para ficar “p” da vida quando anunciassem que, daí em diante, teria de pagar um plano privado de previdência, porque a oficial teria ido para a cucuia, quando visse a conta do hospital para onde correu quando o seu filho ardia em febre ou quando recebesse um aviso da escola em que o menino e a menina estudam de que a matrícula e as mensalidades iriam dobrar de preço.

Nesse ponto, aturdido com a rapidez em que a sua vida corria em direção ao buraco, restaria a você pedir um aumento.

Mas você não faria isso, porque já saberia que de nada adiantaria chorar suas mágoas ao seu chefe, que, é quase certo, lhe diria o seguinte:

– Não está contente com o seu salário? Ora, se demita. Há uma fila de gente querendo o seu lugar.

Aí você voltaria para casa com o rabo entre as pernas, murchinho, envergonhado.

E de ônibus, porque o litro do combustível valeria o mesmo de um uísque 12 anos antes do paraíso ser instituído.

E a passagem não custaria aquela miséria de antes, quando era subsidiada pela Prefeitura – sem contar que o subsídio ao diesel também já seria coisa do passado.

Chegando em casa, arrasado, perdido, deprimido, você

comeria um arroz com feijão sem gosto – afinal, a empregada que cozinhava, e bem, foi despedida -, uma carne de segunda, dura como uma sola de sapato, e ligaria a televisão para esquecer um pouco de sua vida desgraçada nesse paraíso neoliberal.

Para seu azar, a formidável coalização de tucanos, demistas, socialistas e sonháticos que havia defenestrado do Palácio do Planalto a súcia lulodilmistapetista estaria, em rede nacional, anunciando novas e formidáveis medidas para enfraquecer ainda mais o Estado, privatizar aquele mínimo que ainda restava, entregando o Banco do Brasil para o Itaú e a Petrobras para a Chevron, e acabando com o Bolsa Família, porque, afinal, o importante não é comer o peixe, mas ensinar o desgraçado do miserável famélico a pescar – além disso, os bilhões gastos nesses programas sociais inúteis poderiam servir para aumentar o superávit primário.

E depois apareceria o William Bonner.

E você não veria nem escutaria nada o que ele disse até ele se despedir com o indefectível “boa noite”, porque estaria fazendo contas para ter certeza de que haveria, pelo menos, o dia de amanhã.

(10/11/2013)

A dor ciática e o enfermeiro preocupado com a economia

Um domingo daqueles...

A dor ciática, provocada por um bico de papagaio, que me acompanha há alguns anos e estava quase adormecida ultimamente, acordou com tudo.

No sábado, era forte, mas ainda dava para andar, sentar, ler, dormir.

No domingo, não podia fazer nada disso.

Ela gritava qualquer que fosse a posição do corpo.

O jeito foi ir ao PS do hospital de Serra Negra, que atende a Unimed, o único plano de saúde da região.

A médica, simpática, foi me ver depois de quase uma hora de espera, me contorcendo numa cama em um quartinho modestíssimo.

Ela até pensou em injetar um corticoide, mas escolheu um anti-inflamatório, porque era a única coisa que eles tinham lá para aliviar a minha dor.

Uns 40 minutos depois, conseguia, a passos ainda trôpegos, o pé esquerdo sem sensibilidade, sair do hospital.

À noite, tomei a medicação prescrita. Duas horas depois, a dor piorava.

Não teve jeito.

Voltei ao hospital – a médica havia recomendado que a procurasse novamente se o medicamento não fizesse efeito.

Mas ela já tinha ido embora.

Teria de entrar numa enorme fila para passar por uma

consulta com um outro plantonista.

Rumei, então ao posto de Pronto Atendimento da Unimed, em Amparo.

Lá, foi tudo rápido.

O médico me prescreveu outros remédios, mais fortes, e me mandou para a enfermaria.

– Qual o problema, perguntou o enfermeiro

– Ciática, respondi.

– Ah, pode deixar, vou aplicar uma injeção para tirar a dor. E saiu.

Logo que acabou de me espetar, perguntou:

– O sr. faz o quê?

– Sou jornalista, mas estou aposentado, respondi

– Que tipo de jornalista?

– Trabalhei no Estadão 18 anos e depois no Valor Econômico, em São Paulo.

– Ah, então deixa eu perguntar uma coisa: como vai ser a economia no ano que vem?

– Depende muito da situação internacional, mas acho que não vai ser nenhuma tragédia.

– Escutei que o Brasil teve déficit este ano...

– Deve ser essa história do superávit primário que você ouviu. Isso não tem a menor importância. Aliás, quanto menos fizermos de superávit, que é dinheiro para pagar juros de dívidas, melhor, pois sobrarão mais para investir em outras coisas.

– A Miriam Leitão falou que isso é como o Brasil entrar

num cheque especial. Outra coisa: por que a gasolina e o álcool são tão caros no Brasil?

– A gasolina eu sei que não é cara, você pode ver quantos aumentos houve nos últimos anos e de quanto foi esse último.

– E por que os carros custam tanto aqui?

– Bem, é o lucro Brasil. As montadoras têm uma margem de lucro imensa.

– Mas e os impostos?

– Podem até ser altos, mas eles vivem tendo desonerações fiscais.

– É, o IPI... Mais uma coisa: o pessoal está falando que o governo vai mexer na poupança?

– Cascata, mentira. Isso é tudo boato que o pessoal que perdeu a eleição anda espalhando. Fique tranquilo, a economia em 2015 vai ser no mínimo igual a deste ano.

E com isso encerramos o nosso bate-papo.

Nos despedimos.

A dor na minha perna esquerda me acompanhou até a cama.

Mas acordei só com o pé ainda dormente.

Como boa parte do cérebro das pessoas.

(10/11/2014)

O pior de todos



A partir de hoje, as principais redes de TV aberta e 153 emissoras de rádios do Brasil funcionam a título precário, pois estão com as concessões vencidas. A renovação terá de passar pelo Congresso. Dezenas de entidades pretendem fazer manifestações em 11 capitais como parte de uma ampla campanha por “democracia e transparência “ nas concessões.

A cada dia se torna mais importante no país o debate sobre a importância dos meios de comunicação no exercício da cidadania. Isso porque nunca antes eles exerceram tanto poder como agora, influenciando diretamente no funcionamento das instituições.

Esse novo protagonismo tem sido estudado e debatido exaustivamente. Mas de concreto nada se fez para que a ação dessa indústria deixe de lado seus próprios interesses e atue em favor dos interesses da sociedade.

Se quisessem, por exemplo, os donos da mídia brasileira fariam pela educação mais que todos os governos juntos jamais fizeram.

Poderiam transformar um país de semialfabetizados numa nação letrada em tempo recorde.

Poderiam inculcar nas pessoas noções de civilidade, urbanismo, ética ou moral com extrema facilidade.

Ou prestar serviços relevantes e importantes no dia a dia.

Ou, simplesmente, levariam informação e entretenimento sadios para pessoas de todas as idades.

Mas, infelizmente, a radiodifusão no país está a serviço do mercado, se move e vive em função dessa entidade incorpórea e absoluta que extrai o pior de todos.

(4/10/2007)

A morte do João Lemos

Como se sabe, a crise financeira que ameaça o mundo todo foi criada no hemisfério norte. E, embora tenham sido feitas várias tentativas de tropicalização, Papai Noel ainda usa pesadas roupas contra o frio, típicas da parte de cima do planeta, onde se concentra quase toda a riqueza material acumulada pelo homem.

É fato também notório que o Brasil deve ser um dos países nos quais os efeitos da crise deverão ser menos danosos. Talvez não chegue em nossas praias nem a marolinha dos otimistas, nem o tsunami dos catastrofistas, mas alguma onda forte, que, igual a todas, acabará se desfazendo em espumas.

Mesmo assim, apesar de o Brasil ter sido um menino bem comportado este ano (e nos anteriores, é bom lembrar), Papai Noel, o barbudo que tomou a si o papel de ser tanto júri quanto juiz, resolveu presentear o país com algo de valor no mínimo duvidoso: se por um lado essa sua oferta tem um nome que evoca lembranças cristãs, por outro suas aparições despertam outros sentimentos, digamos, mais primitivos.

Pois não é que o Natal de 2008, rondado pelo tal “fantasma da recessão”, ficará marcado como o da Madonna – não a suave figura dos quadros renascentistas, mas a agitada deusa pop idolatrada por grandes plateias em todo o mundo? Seja nos jornais, seja no rádio, seja na televisão, só dá Madonna, um dos ícones máximos, na área artística, do garrote globalizador que asfixiou o planeta nas décadas de 80 e 90.

O tipo de “arte” feito por ela se espalhou pelo mundo

como uma febre maligna e ainda sobrevive com muita força nos países periféricos, especialmente entre uma classe média que adora macaquear valores culturais importados principalmente dos Estados Unidos, esse império que, pelos seus desatinos, levou todos à beira do precipício.

A tal da madonnamania (Madonna mia!) me fez perguntar a mim mesmo se sou só eu que me incomodo com essas coisas. Mas bastaram apenas alguns minutos e a internet, a maravilha das maravilhas contemporâneas, se encarregou de aliviar meus pesadelos.

É que fiquei sabendo, por meio de alguns cliques no fantástico Google, que um dos maiores defensores da cultura brasileira, Ariano Suassuna, autor dos essenciais Romance d'A Pedra do Reino e O Auto da Compadecida, fez a seguinte pergunta numa de suas famosas aulas-espetáculos: “Por que um país rico em cultura tem de idolatrar esses débeis mentais?”, referindo-se aos artistas pops americanos e a quase todo o conteúdo cultural daquele país.

Mestre Ariano, na mesma ocasião, explicou que “se, antes, os Estados Unidos mandavam porta-aviões para dominar um país, hoje basta mandar Michael Jackson ou Madonna”. Citou como exemplo de fusão bizarra a música do pernambucano Chico Science, inventor do “mangue-beat”, mistura de maracatu com rock.

Contou que o músico, o procurou, interessado em fazer parte do Movimento Armorial, criado por Ariano na década de 70:

– Primeiro então perguntei porque ele não se chamava Chico Ciência. Ele me explicou que sua música tinha o intuito de valorizar o maracatu rural, mas que ele misturava com rock senão seria liquidado. Mas como uma coisa ruim pode valorizar uma coisa boa? Eu estava de acordo com a parte Chico dele, mas não com a Science.

Ariano, nessa mesma aula-espetáculo, resumiu assim sua relação com a cultura americana:

–Tem gente que vem perguntar a mim: ‘Você é contra a cultura americana?’ Deus me livre. Não tenho nada contra a cultura americana, não tenho nada contra a cultura americana verdadeira. Não tenho nada contra Melville, grande escritor, autor de Moby Dick, autor de uma obra-prima da literatura universal. Agora, contra Michael Jackson e Madonna eu tenho, porque querem nivelar por ali. Deus me livre. Os próprios americanos que têm juízo são contra também. Não podem ser a favor de uma porcaria daquela.

Há gente que acha um absurdo o radicalismo com que Ariano Suassuna defende a cultura popular brasileira, desprezando e ironizando tudo o que vem de fora – principalmente em língua inglesa.

Ficou famoso o “causo” que contou a respeito de John Lennon:

– Quando ele morreu, meu filho me avisou, e eu perguntei: quem é John Lennon? Eu não sabia! E meu primo, que é pior do que eu, achou que era um amigo nosso, o João Lemos, que tinha morrido.

Nestes tempos em que Madonna é o grande presente de Papai Noel ao povo brasileiro que luta e sofre no dia a dia para consolidar a sua jovem democracia, acho que é bom a gente refletir sobre o que seria de nós se não tivéssemos pelo menos um Ariano Suassuna para nos defender.

Porque em certas situações só um bom bofetão é capaz de devolver as pessoas à razão.

(14/12/2008)

Marmelada no ringue Brasil

Release da Editora Matrix informa que no dia 28 de março morreu Guerino Cicon. Durante muitos anos ele encarou o lutador de telecatch Fantomas na TV e nos ginásios de esporte pelo país afora.

Quem tem menos de 40 anos quase nada deve saber a respeito da luta livre – não o esporte, mas o entretenimento – no Brasil. Talvez alguns ainda se lembrem de Ted Boy Marino, que depois de encerrado o programa que fazia com outros mestres da marmelada sobre o ringue, foi aproveitado na Globo principalmente na trupe dos Trapalhões, liderada por Renato Aragão.

Ted Boy foi, na época, década de 70, um dos “artistas” mais conhecidos do país – assim como o telecatch, que rivalizava com o futebol na preferência popular.

O release da Matrix divulga o livro “Telecatch – Almanaque da Luta Livre”, de Drago, também autor do “Livro da Traição Feminina”, publicado pela mesma editora. Nele, além de Fantomas e Ted Boy, estão personagens que se perderam no tempo e na memória: Aquiles, Hércules, Tigre Paraguaio, Homem Montanha, Gran Caruso, Cangaceiro, Tony Videla, Marinheiro, Ursus... Os nomes, assim como as fantasias, variavam imensamente, mas havia entre todos esses personagens algo imutável: o bem e o mal.

O lutador ou pertencia à turma dos “mocinhos” ou à turma dos “bandidos”, pertencia aos “limpos” ou aos “sujos”. O mundo da luta livre de mentirinha era assim bem simples: preto no branco, sem meios tons, direto, objetivo, fácil de

entender – e talvez isso, mais do que qualquer outra coisa, explique o sucesso dos programas.

Esse maniqueísmo tinha a ajuda de “árbitros” que igualmente se dividiam entre os dois grupos, aqueles que seguiam estritamente as regras do espetáculo e os que torciam e ajudavam os vilões, em flagrantes atos de injustiça que revoltavam todos que viam as exhibições. Não poucas vezes, senhores e senhoras mais exaltados brindavam tais meliantes – Índio Saltense e Isidoro de Cária foram os mais notórios – com uma chuva de boas e bem dadas guarda-chuvadas.

Esse universo tinha, porém, uma exceção: o gigante mascarado que entrava no ringue com os braços estendidos, arastando uma perna, como se fosse um monstro ou um carasco – e que fazia pudim de todos que ousassem cruzar o seu caminho, não importa se da turma do bem ou da turma do mal.

Fantomas era diferente. Não pertencia a nenhum dos dois grupos. Batia indiscriminadamente no adversário, qual uma máquina implacável, um profissional frio, sem sentimentos, que estava ali apenas para fazer o seu trabalho da melhor maneira possível.

O público, que idolatrava os bons e odiava os maus na mesma proporção, quando chegava a vez de Fantomas, se dividia: aplaudia quando massacrava um Aquiles – o mais execrado de todos – e o cobria de vaias quando, depois de arremessar algum desavisado integrante da turma do bem nas cordas, concluía o serviço com um inevitável golpe de

caratê na testa do coitado. Nocaute na certa.

É uma pena que Fantomas e seus adversários tenham desaparecido da TV. Além da diversão garantida, davam, semanalmente, aulas inteiramente grátis de moral e ética para o telespectador, que reconhecia facilmente quem, entre eles, prestava ou não, quem usava truques sujos para vencer, e quem vencia apenas por seus méritos.

Naqueles tempos era moleza torcer para o mocinho, pois todos sabiam quem eram os mocinhos e os bandidos. Só Fantomas complicava as coisas e deixava o povo indeciso sobre essa história de dividir tudo entre bem e mal.

Mas ele podia fazer isso: afinal, era o Justiceiro Mascara-do. Com ele, nem os árbitros desonestos tinham vez. Suas pancadas, desferidas estritamente dentro das regras, não admitiam contestação.

Hoje é diferente. A marmelada saiu dos ringues e virou coisa comum entre quem, supostamente, deveria zelar por todas as conquistas adquiridas com tanto esforço por gerações de brasileiros. Quem a pratica trocou os “macaquinhos” coloridos, as fantasias ingênuas, as máscaras toscas dos lutadores de telecatch por sisudos ternos, gravatas – e negras togas.

Ao contrário do que ocorre atualmente, o mundo de faz-de-conta de Fantomas e companheiros provocava somente boas e saudáveis risadas.

(4/4/2009)

O certo é o errado

Não existe argumento mais definitivo para calar a boca dos que pretendem a existência de uma única língua portuguesa do que a própria realidade. O povo fala como quer, constrói a sua própria gramática, junta sílabas, encurta os caminhos, acrescenta ao seu bel-prazer palavras e expressões, faz da língua um ser vivo, que a cada dia renasce com mais energia.

Na sua imensa sabedoria, para afirmar seu valor, chegou a cunhar uma frase que é repetida desde tempos imemoriais, até mesmo por eruditos insuspeitos: a voz do povo é a voz de deus.

Os do contra podem, todavia, argumentar que a língua falada é uma, a escrita é outra, distinta, que não perdoa a colocação incorreta dos pronomes nem a conjugação manca dos verbos ou a falta de uma simples concordância nominal.

Bobagem. Para refutar essa turma, abro uma página qualquer de “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, a obra que fez muito crítico perder o cabelo, tal a sua carga imaginativa, sob todos os aspectos. Abro e encontro:

“Aquilo lufou! De rempe, tudo foi um ão e um cão, mas, o que havia de haver, eu já sabia...Oap!: o assoprado de um refugão, e Diadorim entrava de encontro no Fanchu-Bode, arremou mão nele, meteu um sopapo: – um safano nas queixadas e uma sobarbada – e calçou com o pé, se fez em fúria.”

Mais adiante:

“Os quantos homens, de estranhoso aspecto, que agotavam manejos para voltarmos de donde estávamos. Por cer-

to não sabiam quem a gente era; e pensavam que três cavaleiros menos valessem.”

Acho que já é o suficiente para deixar claro que a língua, qualquer uma, nada mais é que o exercício incessante de comunicação entre os homens, seja de modo oral ou escrito ou visual ou qualquer outro que se invente. Não existe certo ou errado. Existe, isso sim, o efeito demolidor que a palavra, a frase, o discurso oral, a poesia ou a prosa podem exercer na mente do homem.

“Escrever errado é a coisa mais difícil que existe. Se não for feito do jeito certo, vira piada, vira deboche.”...“As minhas letras tenho impressão que pegaram porque nelas está o sentimento do povo. Escrevo errado como o povo fala. Prefiro dizer ‘nóis deve’ do que ‘nós devíamos’. É mais autêntico. Eu ouço, presto atenção. Depois faço as letras.”

As frases, lapidares em sua sabedoria, são de Adoniran Barbosa, o poeta maior da São Paulo autêntica – outros, muitos outros, podem disputar o título de porta-vozes da outra São Paulo, a oficial, mas da real ninguém sabia mais que Adoniran.

Certa vez, ele viu o casarão abandonado em que dormiam uns amigos seus. Viu o prédio cair e nunca mais encontrou os amigos. Da experiência chocante nasceu “Saudosa Maloca”, exemplo perfeito de como o mais trivial acontecimento pode virar uma obra de arte:

Se o sinhô não tá lembrado

Dá licença de contar

*Que aqui onde agora está
Este ardificio arto
Era uma casa velha
Um palacete assobradado
Foi aí, seu moço, que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímo nossa maloca
Mas um dia, nós nem pode se alembrá
Veio os home co'as ferramenta
O dono mandou derrubá
Peguemo todas nossa coisa
E fumo pro meio da rua
Apreciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada taubua que caia
Doía o coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os home tá com a razão
Nóis arranja outro lugar
Só se conformemo
Quando o Joca falou
"Deus dá o frio conforme o cobertô"
E hoje nós pega as palha
Na grama do jardim
E pra isquece nós cantemo assim
Saudosa maloca, maloca querida
Dim dim dom de nós passemos dias feliz de nossa vida*

Saudosa maloca, maloca querida

Dim dim dom de nós passemos dias feliz de nossa vida

“Saudosa Maloca”, com seus “erros” de português é um clássico da música popular brasileira. Do mesmo modo, “Grande Sertão: Veredas”, é um clássico da literatura mundial.

E, coisa mais que estranha, as duas obras que aparentemente têm tantas diferenças entre si, nos comovem justamente porque revelam que a língua portuguesa, sob qualquer forma, é um organismo que tem vida própria, que se fortalece a cada dia sem precisar da ajuda ou dos conselhos de ninguém, seja o “imortal” da Academia Brasileira de Letras ou o articulista do jornalão – ambos cheios de regras e vazios de espírito.

(31/5/2011)

Falso arco-íris



Eventos como a Parada Gay de São Paulo são uma festa para seus participantes, para os fotógrafos e cinegrafistas, para a imprensa e, dizem, para as finanças da cidade. Mas não acrescentam nada na luta pela erradicação do preconceito contra os homossexuais.

Servem, isso sim, para fortalecer a homofobia. Aquilo que era para se tornar natural, incorporado à uma sociedade moderna e democrática, acaba virando motivo de piadas e brincadeiras de mau gosto.

Melhor fariam os organizadores do evento, mais preocupados em ostentar recordes de público, se usassem toda sua vitalidade para iniciar um processo educativo, que realmente explicasse às pessoas todo o mal que o preconceito e a discriminação podem produzir.

É uma pena que um tema tão sério e importante seja tratado com tamanha inconsequência e superficialidade – sinal de que, infelizmente, grande parte dos engajados na causa se deixa levar pelo protagonismo midiático, de vida tão efêmera quanto o de uma borboleta.

(23/5/2008)

O feliz Natal do Eduzinho

A imagem mais forte que tenho do Natal é a do Eduzinho, contínuo que trabalhou um século no Estadão, que, numa das muitas conversas que tivemos anos atrás, me falava do maior desejo de seu filho, um gigante com alma de criança:

– A sua alegria é ir ao shopping ver o Papai Noel.

O Eduzinho ficou me devendo a foto daquele doce homenzarrão com o Papai Noel. Tudo bem, eu acredito na sua palavra. Afinal, não é preciso estudar as escrituras para saber que os puros de coração são o único motivo para este mundo ser, pelo menos, tolerável.

O fato é que nunca vi o Eduzinho, com todos os seus problemas de saúde e com a constante falta de dinheiro, reclamar da vida.

E parecia que ele gostava realmente do que fazia e das pessoas que conhecia naquela redação.

Talvez por enxergar nele essa sinceridade que falta em tanta gente é que ninguém reclamava quando ele pedia dez reais para comprar “uma mistura” para o almoço.

– Devolvo assim que sair o pagamento – dizia, com ar sério.

Eu fazia cara de quem acreditava na promessa raramente cumprida, porque sabia que era isso o que o Eduzinho esperava de todos nós: ser tratado com respeito, sem pena.

Nesta época, quando tantas hipocrisias se purgam com votos de felicidades da boca para fora e presentes comprados no último instante, fico imaginando como será o Natal na casa do Eduzinho, lá num bairro esquecido da periferia da Zona Leste paulistana.

Sei que a sua casa é muito modesta, sei que ele precisava dar umas facadas no pessoal da redação para completar o orçamento, sei que ele levantava bem cedo e saía tarde do trabalho.

Mas sei principalmente que ele levava todos os anos aquele seu filho já adulto para se maravilhar com a roupa vermelha e as longas barbas brancas do Papai Noel do shopping center.

Só isso já me dá a certeza de que o Natal na casa do Eduzinho é especial, talvez sem enfeites, talvez sem champanhe, mas pleno daquilo que é essencial ao homem: o amor aos desprotegidos, aos pequenos e aos necessitados.

(24/12/2008)

Meu encontro com o Eduzinho

Esses últimos dias foram repletos de acontecimentos que nos fazem refletir sobre a passagem do homem pela Terra.

Os desastres naturais que se sucedem no país mostram, por exemplo, o quanto somos frágeis e insignificantes, apesar de toda a nossa soberba e arrogância.

A fúria da natureza se impôs sobre a vaidade inerente à condição humana e se não fosse um Boris Casoy a achar vergonhoso que trabalhadores braçais desejem feliz ano a todos nós, estaríamos ainda mais temerosos sobre o destino do planeta neste início de 2010.

Mas se o veterano jornalista pagou pelo que disse, há outros que dizem o que dizem porque são bem pagos para isso – se não, como explicar todo o ódio exarado por alguns ilustres personagens da República a respeito de um programa nacional que pretende defender os direitos humanos? Quem, em sã consciência, pode ser contra algo que foi formulado a favor da dignidade do homem?

Aqui, neste ponto em que ferve a minha indignação, por perceber que a espécie humana, além de frágil é estúpida e venal, lembro do encontro inesperado que tive, na sexta-feira, com o Eduzinho, contínuo dos meus tempos de Estadão, de quem já falei nestas “Crônicas” (“O feliz Natal do Eduzinho”).

O local não podia ser mais improvável: uma agência bancária no bairro de Santana, onde tive de ir e à qual cheguei depois de uma viagem de mais de uma hora de táxi e metrô.

Pois bem, estava lá na fila, absorto em meus pensamen-

tos sobre como é linda e prazerosa esta metrópole, quando tive a impressão de que me chamavam. Olhei para trás e, para grande surpresa, vejo, numa outra fila que serpenteava a agência, o Eduzinho, mais envelhecido, e a quem não encontrava havia bem uns quatro anos:

– Achei que era você mesmo e arrisquei chamar – disse ele.

Resolvidos nossos problemas bancários, nos pusemos a conversar e a pôr as novidades em dia. Fiquei sabendo que o Eduzinho tinha se aposentado por invalidez – me mostrou o braço direito, com uma espécie de curativo: “Faço hemodiálise três vezes por semana” -, que havia enviuvado e estava cuidando sozinho de seu filho deficiente mental.

Nem por isso se mostrava amargurado ou com qualquer traço de tristeza. Rimos um bocado ao lembrar de algumas figuras carimbadas que conhecemos no jornal e de algumas situações lá vividas.

E foi perto da estação de metrô, antes das despedidas, que ele me contou que o maior orgulho de sua vida não foram os 35 anos que trabalhou no Estadão, nem a casa que comprou na Cantareira, nem os passarinhos que, ao lado de seu filho, preenchem seu dia a dia de aposentado.

– Nossa – me disse, com olhos exibindo o brilho antigo do bom sarrista que era – você nem sabe quantos amigos eu fiz naquele jornal. E olha que alguns ficaram importantes.

– Eu sei, Edu – respondi. Vários deles...

– O Turcão foi mais longe que todos. O barbudo puxou ele

rapidinho para o governo. E ele mereceu, porque é um sujeito humilde, que sempre tratou bem a gente. Agora, tem uns que nem na sua cara olham...

O Turcão, esclareço, é o ex-diretor de redação e atual ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge. O barbudo prescinde de apresentação.

Na volta para casa, naquele vagão abafado do metrô, senti inveja do Eduzinho por ele ser capaz de experimentar uma felicidade que parece estar reservada apenas a alguns poucos escolhidos. Com isso, pensei, ele está acima dos homens comuns.

Mas confesso que também estava me sentindo alegre. Afinal, não é todo dia que a gente recebe uma carga tão poderosa de vida como aquela que tomou conta de mim no meu encontro com o Eduzinho.

São coisas assim que nos fazem achar que nem tudo está perdido e vale a pena acreditar no amanhã.

(10/1/2010)

O ridículo

Ridículo

adjetivo:

1. *Que é digno de zombaria ou desprezo: Sua maquiagem estava exagerada, ridícula.*

2. *Que desperta o riso; cômico; risível.*

3. *De pouco ou nenhum valor: Ofereceu-lhe um salário ridículo.*

substantivo masculino:

4. *Conceito ou condição de ridículo; ato pelo qual alguém coloca a si ou a outrem em situação cômica ou constrangedora: Não tinha noção do ridículo a que se expunha.*

5. *Pessoa ou coisa ridícula.*

[F.: Do lat. ridiculu (m)]

Alguns exemplos do ridículo:

- Furar fila;
- Dizer: “Sabe com quem está falando?”;
- Estacionar em vaga de idoso;
- Não dar gorjeta ao garçom;
- Comentar o BBB;
- Assistir ao BBB;
- Acreditar em notícia de jornal;
- Fazer compra no supermercado num SUV 4x4;
- Usar roupa de grife falsificada;
- Usar roupa de grife;
- Não dar esmola no semáforo sob a alegação de que isso estimula a mendicância;

COMPORTAMENTO

O ridículo

- Criticar a “alta carga tributária” e sonegar Imposto de Renda;
- Não cumprimentar o porteiro do prédio;
- Pedir livro emprestado;
- Ir à Justiça contra pesquisa eleitoral desfavorável ao seu candidato.

(15/4/2010)

Corruptos e corruptores

Quando aparecem essas denúncias sobre corrupção, o bandido é só um: o sujeito do governo, o burocrata, que recebeu a propina. O outro lado, o corruptor, o agente do malfeito, esse é sempre o “bonzinho” da história.

Ora, quem corrompe também tem culpa no cartório: a corrupção não existiria se não existissem tipos como esses que surgem aí às vésperas de eleição, indignados porque os negócios mirabolantes que imaginavam não saíram como o planejado.

Um belo dia, numa conversa com um amigo que assessorava uma grande empresa nacional, fiquei conhecendo alguns detalhes sobre como funcionam essas coisas. Nosso diálogo foi mais ou menos esse:

– Fui com o Agenor (nome fictício) para Brasília, pois tinham nos dito que o Sebastião (nome fictício de um deputado federal) poderia ajudar na instalação da unidade que estavam querendo construir no Paraná.

Esclareço: determinada cidade do Paraná oferecia um pacote de isenções fiscais para investimentos daquele tipo.

Ele continuou:

– Você não imagina o quanto esses políticos são podres... Não ficamos nem cinco minutos na sala do sujeito. Ele simplesmente disse assim, depois que explicamos o que queríamos: “Olha, vocês acertam tudo na outra sala com o meu secretário.” Estava pedindo propina na maior cara dura...

– E vocês pagaram? – perguntei.

Ele desconversou:

– O negócio acabou não saindo...

Fico pensando em quantos “negócios” desse tipo não são feitos todos os dias no Brasil, quantos empresários, pequenos, médios e grandes, procuram políticos, administradores ou servidores públicos para comprar “facilidades”. O número deve ser enorme, a corrupção está infiltrada em todos os setores da sociedade, em todas as classes sociais, faz parte da nossa cultura.

É como diz o provérbio: atire a primeira pedra quem nunca...

(19/9/2010)

Poluição mental

Dia desses, numa reunião na casa de um amigo, ouvi um diálogo interessante.

– Você acha que essas pesquisas estão certas?, perguntou uma ex-assessora de imprensa, já aposentada, a um jornalista ainda na ativa, com cargo em importante veículo de comunicação.

– Acho que sim. No Nordeste, ela tem mais de 60% dos votos, respondeu.

– Nossa, isso é um horror, comentou ela, antes de encerrar o assunto e conversar sobre outros temas mais amenos.

Quando saí da janela e fui pegar um salgadinho, reparei numa revista Veja jogada numa mesa de canto. Foi aí que concluí como esse detalhe de conversa foi esclarecedor e mostrava o grau de preconceito que, infelizmente, ainda existe na sociedade brasileira, e, principalmente, nessas pessoas mais educadas, de mais posses, com mais informação, que, se supõe, deveriam sofrer menos desse mal.

O substantivo que a tal ex-assessora usou resume, de certa forma, como essa elite enxerga o fato de o país ser governado por um ex-metalúrgico com pouca instrução formal, migrante de uma das regiões mais pobres, que está prestes a fazer o sucessor que ele escolheu.

Para essa gente, isso é uma afronta tão grande que encobre toda e qualquer possibilidade de ver os notáveis avanços sociais e econômicos que o Brasil teve na gestão Lula. É como se, recusando a realidade, vivessem em outro mundo.

O Nordeste, onde mais de dois terços dos eleitores se

dizem dispostos a votar na “mulher do Lula”, não faz parte desse país que essas pessoas habitam e onde só há lugar para gente bonita, que bebe vinho importado, discute amenidades e acredita que a Folha e o Estadão, entre os jornais, e a Veja, entre as revistas, são o paradigma do jornalismo.

O horizonte delas é a grossa cortina de poluição que enxergam das janelas de seus apartamentos nos bairros “nobres” de São Paulo.

(12/9/2010)

O Brasil sem o Nordeste

Adonias Filho, Afrânio Peixoto, Alberto Nepomuceno, Alceu Valença, Alcione, Antonio Bandeira, Anísio Teixeira, Ademilde Fonseca, Aderbal Freire Filho, Ariano Suassuna, Ascenso Ferreira, Assis Valente, Augusto dos Anjos, Aurélio Buarque de Hollanda, Austregésilo de Athayde, Barbosa Lima Sobrinho, Batatinha, Belchior, Bezerra da Silva, Câmara Cascudo, Capiba, Capinan, Capistrano de Abreu, Carlos Castello Branco, Carlos Marighela, Castro Alves, Catulo da Paixão Cearense, Celso Furtado, Chacrinha, Chico Anysio, Chico César, Chico Science, Cícero Dias, Claudionor Germano, Coelho Neto, Cussy de Almeida, Daniela Mercury, Daúde, Delmiro Gouveia, Dias Gomes, Djavan, Dom Helder Câmara, Dominginhos, Dorival Caymmi, Elba Ramalho, Eleazar de Carvalho, Ellen de Lima, Elomar, Emanuel Araújo, Epitácio Pessoa, Evaldo Cabral de Mello, Evandro Lins e Silva, Evanildo Bechara, Ferreira Gullar, Fortuna, Francisco Brennand, Francisco Julião, Frei Caneca, Gal Costa, Genival Lacerda, Geraldo Azevedo, Geraldo Vandré, Gilberto Freyre, Gilberto Gil, Gilvan Samico, Giocondo Dias, Glauber Rocha, Gordurinha, Gonçalves Dias, Graça Aranha, Graciliano Ramos, Gregório de Matos, Guel Arraes, Helonieda Studart, Henrique Dias, Heraldo do Monte, Herbert Viana, Hermeto Paschoal, Hermilo Borba Filho, Humberto Teixeira, Ivete Sangalo, K-Ximbinho, Jacques Klein, J. Borges, Jackson do Pandeiro, Jarraraca, João Cabral de Melo Netto, João Câmara, João do Vale, João Gilberto, João Ubaldo Ribeiro, Joaquim Cardozo, Joãozinho Trinta, Joel Silveira, Jorge Amado, Jorge de Lima, José

Américo de Almeida, José Condé, José de Alencar, José Dumont, José Ermírio de Moraes, José Lins do Rego, José Wilker, Josué de Castro, Josué Montello, Lázaro Ramos, Lêdo Ivo, Lula, Luís Americano, Luís Viana Filho, Luiza Erundina, Luiz Bandeira, Luiz Carlos Barreto, Luiz Gonzaga, Luperce Miranda, Manezinho Araújo, Mano Décio da Viola, Manuel Bandeira, Marco Nanini, Maria Bethânia, Mário Cravo Neto, Marlos Nobre, Mestre Vitalino, Miguel Arraes, Moacir Santos, Naná Vasconcelos, Nelson Ferreira, Nelson Rodrigues, Nise da Silveira, Odylo Costa, Patativa do Assaré, Paulo Freire, Pedro Américo, Rachel de Queiroz, Raul Seixas, Riachão, Rildo Hora, Rui Barbosa, Santa Rosa, Severino Araújo, Sílvio Romero, Sivuca, Solano Trindade, Sousândrade, Tobias Barreto, Torquato Neto, Turíbio Santos, Waldick Soriano, Wally Salomão, Walter Santos, Walter Wanderley, Zagalo, Zé Dantas, Zé da Velha, Zé do Norte, Zé Ramalho, Zé Trindade.

Todos nordestinos.

Dá para imaginar o Brasil sem eles?

(3/11/2010)

Amigos

Nestes dias em que estamos mais reflexivos do que nunca, me surgiu uma dúvida que em outros tempos duraria alguns poucos segundos. Fiquei me perguntando o que é a amizade, o que significa ter um amigo, e o que é um amigo – se aquela pessoa que você vê todos os dias, conversa com ela sobre assuntos tão desimportantes como quem o Palmeiras vai contratar para a próxima temporada, ou alguém que ficou lá atrás, naquele tempo em que vivíamos imersos em sonhos e só a mais longíqua recordação é capaz de ressuscitar.

E tudo seria mais simples se existissem apenas esses dois tipos de amigos. Mas não é isso que acontece hoje em dia, quando vivemos neste mundo fantástico da internet, com seus Twitters e Facebooks, que proporcionam diálogos com gente de todos os lugares, de todos os sotaques, de todas as línguas. Se fosse religioso, diria que isso é um milagre; como não sou, dou vivas ao conhecimento científico que proporcionou essa maravilhosa oportunidade de sentir o mundo muito, mas muito, menor do que é na realidade.

Pois é, são muitos amigos, de todos os tipos. São tantos que a gente se perde em reconhecer os seus nomes, os seus gostos, as suas peculiaridades, as suas feições, os nossos interesses em comum...

Mas isso não tem muita importância. Na verdade, essa dúvida que tive é uma tremenda bobagem.

A amizade, como tantas outras coisas que fazem parte do ser humano, explica-se melhor pelo que não é do que pelo que é.

COMPORTAMENTO

Amigos

Sei, por exemplo, que a amizade não é um sentimento que nos deixe triste, nem depressivo ou solitário.

E assim, se tiver um amigo que seja, do tipo que for, estarei mais conectado com o mundo, menos propenso a achar que o gênero humano é apenas um enorme desperdício de energia, de lágrimas, de sangue e de sofrimento.

Ah! O que nos provoca este ócio de fim de ano!

(26/12/2010)

A velha pergunta

O Natal, para mim, é apenas um acontecimento cultural. Não sou religioso, mas acredito que todos os símbolos cristãos do Natal nos induzem a sermos mais solidários, menos egoístas, pessoas melhores, enfim.

Não tenho recordações de ter passado festas de fim de ano extraordinárias, inesquecíveis, cinematográficas. Quase todas, porém, foram ocasiões em que revii pessoas de quem gosto, me aproximei de outras com as quais não sou tão íntimo, conversei, ri, tive bons momentos. E também bebi boa bebida e comi boa comida – e isso já bastaria para dizer que esta é uma época especial.

É uma ocasião também em que muitos de nós, tocados pela força contagiante das mensagens de boas-festas e feliz ano ano – e alguns copos a mais de vinho – ousamos fazer aquelas velhas perguntas que volta e meia ressurgem em nosso cérebro: “Afinal, o que estou fazendo aqui, qual o sentido disso tudo, para que serve a vida, se vou morrer um dia?”

Claro que não tenho uma solução para essa charada, nem ousaria dizer que alguém, algum dia, fora do campo religioso, já teve ou terá uma resposta definitiva para essas questões.

E foi justamente um ateu, talvez o mais famoso ateu do mundo, o cientista Richard Dawkins, quem deu, a meu ver, a mais pura e verdadeira explicação sobre esse mistério. Segundo ele, o homem está no mundo para estabelecer e alcançar objetivos, propósitos.

O desenvolvimento do cérebro e da linguagem proporcionaram a ele essa capacidade, que nenhum outro ser possui. Assim, em pouquíssimo tempo ele fez maravilhas, descobriu terras, saiu do planeta, investigou o átomo e as células, desenvolveu tecnologias capazes de matar a fome e prolongar a existência. Deu um sentido à vida além da própria Teoria da Evolução de Charles Darwin.

Nessa perspectiva, Dawkins, por não acreditar numa outra vida além desta, deseja que todos nós vivamos intensa e plenamente. Apenas isso, nada mais.

Parece pouco, mas é muito, se considerarmos todos os equívocos, os desastres, as misérias e o sofrimento que essa fantástica criação da natureza que é o homem já proporcionou à sua espécie e ao seu mundo.

(25/12/2010)

Saudades da Guerra Fria

Lá pelos anos 70, quando comecei no jornalismo, em Jun-
diáí, era comum os jornais da cidade noticiarem a formação
e graduação das turmas da “Adesg”, a Associação dos Diplo-
mados da Escola Superior de Guerra, com direito a festa e
tudo.

Na prática, era como os militares, que na época manda-
vam e desmandavam no país, espalhavam para a sociedade
civil a doutrina de segurança nacional que orientava as suas
ações e dividia o mundo entre bons e maus, amigos e inimi-
gos. Nem é preciso dizer quem era quem...

Toda cidade tinha os cursos da Adesg, dados por algum
oficial do Exército para profissionais liberais, comerciantes,
empresários e quem mais se interessasse em puxar o saco
dos milicos – e, naqueles tempos, puxa-saco era o que não
faltava. Os formados no curso exibiam com orgulho o diplo-
ma em seus currículos. Ser diplomado pela Adesg dava um
ar de importância ao sujeito, o transformava, pelo menos na
sua cabeça, em “amigo” dos militares, os manda-chuvas do
Brasil de então.

A Adesg ainda existe, tem até site na internet, mas per-
deu toda a importância dos tempos da “Gloriosa”. Ao con-
trário da entidade, o que parece que nunca vai acabar é essa
maldita ideologia que inspirou os militares a darem o gol-
pe em 64.

Volta e meia sai alguma notícia sobre algum oficial que
resolve externar suas opiniões, seu inconformismo, sua re-
volta a respeito de algo que lhe parece “liberal” demais, “so-

cialista” demais, “moderno” demais.

Claro que isso não ocorreria se as Forças Armadas já estivessem livres dessa doutrina que incorporou como eixo de suas ações desde os anos 50, quando a Guerra Fria corria solta no mundo e os americanos combatiam os inimigos comunistas implacavelmente.

Outro dia, o próprio ministro da Defesa foi protagonista de um incidente desse tipo, ao participar de uma solenidade na Academia Militar de Agulhas Negras: a turma que se formava levava o nome de Emílio Garrastazu Médici, e Nelson Jobim, parece, não gostou muito da homenagem ao ditador.

Não tenho a mínima ideia do que se faz atualmente para extirpar esse câncer que é a doutrina de segurança nacional da formação dos nossos militares.

Sei apenas que se eles continuarem a sair das escolas militares vendo um mundo habitado por mocinhos e bandidos, a jovem democracia brasileira estará sempre ameaçada.

(15/12/2010)

É o Fasano...

E não é que o Fasano foi escolhido pela pesquisa do Datafolha como o melhor restaurante de São Paulo? Fiquei imaginando a cena: o entrevistador do instituto no ponto de ônibus fazendo as perguntas ao pessoal, ali de pé, todo mundo morrendo de cansaço, e na expectativa de encarar o suplício de uma viagem de horas num veículo superlotado e desconfortável.

Fui além. Tentei reconstruir o diálogo entre o pesquisador e o entrevistado:

– O sr. mora onde?

– Ermelindo Matarazzo.

– Longe, né?

– Longe.

– E, na sua opinião, qual o melhor restaurante de São Paulo.

– Nem sei. Eu almoço nos quilos perto de onde trabalho. Ou, quando não tenho tempo, no bar do Zé Boquinha.

– Quilos? Bar do Zé? Não conheço nenhum deles...

– Pois devia. São bons e baratos.

– E no fim de semana, o sr. leva a sua família onde?

– Para o parque.

– Não...Eu quis dizer onde o sr. almoça com a sua família.

– Em casa.

– Não tem nenhum restaurante em que o sr. vai com a sua família?

– Tem. Mas vamos pouco. E lá também é quilo, quer dizer, é por pessoa. Livre, a gente come o quanto quer. Mas

COMPORTAMENTO

É o Fasano...

vou pouco, só de vez em quando. É meio caro, 20 mangos por pessoa...

– E como ele se chama?

– Nunca reparei. Acho que nem tem nome. A gente só conhece por “restaurante” mesmo.

– E a comida é boa?

– Dá pro gasto. Ninguém nunca passou mal, pelo menos.

– Acho que o sr. não serve para essa pesquisa que estou fazendo...

– De que é mesmo, nem lembro mais?

– É para escolher o melhor restaurante de São Paulo.

– Ah! Mas isso é fácil. É o Fasano.

– Como assim? O sr. já comeu lá?

– Eu não, mas sei que o meu patrão sempre almoça lá com os amigos dele. E se ele vai, deve ser o melhor de todos. Meu patrão tem bom gosto, trocou agora mesmo seu BMW por uma Mercedes...

E nisso o ônibus chega e a entrevista termina.

O pesquisador, para não perder tempo, pois tempo é dinheiro, já sabe o que vai botar no seu questionário.

(19/6/2011)

Profecias

O que não falta é gente prevendo que o mundo vai acabar daqui a pouco. Pode ser em alguns meses, alguns anos, a data não importa, o que vale é a profecia sobre o iminente fim dos tempos.

Geralmente quem faz o papel de oráculo é algum fanático religioso que, na confusão mental em que vive, deve mesmo estar acreditando na história que conta. Mas há também aquele picareta que anuncia o apocalipse para faturar alguma grana do tolos que acreditam na sua lorota.

Ser profeta, seja lá de que tipo, foi sempre um bom negócio. Alguns deles, menos radicais, vivem à custa de previsões mais modestas, como economistas que apontam quanto vai ser a taxa Selic ou a inflação do ano, quanto vai ser o crescimento do PIB, ou os famosos “cientistas sociais” que cravam com certeza absoluta quem vai ganhar a eleição. Como essas são previsões que não afetam em nada o dia a dia das pessoas, já que, se não se cumprirem ninguém dará a menor importância ao erro, a Terra continua a girar absolutamente indiferente aos seus habitantes.

Nunca fui bom em nada do gênero. Não consigo prever nem o que estarei fazendo daqui a algumas horas. Nem quero que isso aconteça: a vida já é aborrecida o suficiente com o imprevisível nos rondando.

E, por ser assim é que estou cada vez mais preocupado com o destino deste minúsculo planeta que gira em torno de uma pequena estrela. Nos últimos dias, pelo menos, a indústria de profecias deve estar faturando alto – ou não, já

que certas coisas que pairam no ar indicam que nunca até hoje a Lei de Murphy, aquela que diz que “se algo pode dar errado, com certeza dará”, esteve tão atuante.

Lá na distante década de 30 do século passado o argentino Enrique Santos Discépolo fez um tango que foi sucesso, entre outros, na voz de Carlos Gardel. Discépolo era um grande letrista e, pelo menos no seu “Cambalache”, fugiu totalmente do padrão das músicas da época. Procurou expressar toda a sua insatisfação por viver num mundo em que “tudo é igual, nada é melhor, tanto faz um burro ou um professor”.

A loucura do mundo que “sempre foi e sempre será uma porcaria” de Discépolo, aquele mundo de uns 80 anos atrás, infelizmente se repete hoje, com fanáticos religiosos assassinando a sangue frio centenas de pessoas, radicais de direita chantageando o presidente americano e ameaçando pôr fogo na ordem financeira internacional, intervenções militares absurdas de países ricos em países miseráveis (“é o petróleo, estúpido”), nações em ruínas por terem acreditado na receita ortodoxa neoliberal, uma persistente guerra comercial que afeta principalmente os mais pobres, uma ONU dominada por interesses coloniais, metrópoles sufocadas pela poluição dos escapamentos de milhões de veículos, florestas e animais sob ameaça.... A lista de iniquidades que o homem comete contra si mesmo parece não ter fim.

O que me alivia é que, como disse antes, sou um péssimo profeta. E, assim, espero que a óbvia previsão que eu pode-

ria fazer de um doloroso fim do mundo não passe apenas de um desejo sublimado.

Sou tão ruim nesse ofício que, quem sabe, de toda essa confusão que está aí, possa sair algo que preste.

PS.: Para os curiosos, aí vai a letra de “Cambalache”:

*Que el mundo fue y será una porquería, ya lo sé,
en el quinientos seis y en el dos mil también;*

*que siempre ha habido chorros,
maquiávelos y estafáos,*

contentos y amargaos, valores y dublé.

*Pero que el siglo veinte es un despliegue
de maldá insolente ya no hay quien lo niegue,
vivimos revolcaos en un merengue
y en el mismo lodo todos manoseaos.*

*Hoy resulta que es lo mismo ser derecho que traidor,
ignorante, sabio, chorro, generoso, estafador.*

¡Todo es igual, nada es mejor,

lo mismo un burro que un gran profesor!

*No hay aplazaos ni escalafón,
los inmorales nos han igualao...*

*Si uno vive en la impostura
y otro roba en su ambición,*

*da lo mismo que sea cura,
colchonero, rey de bastos,*

caradura o polizón.

¡Qué falta de respeto, qué atropello a la razón!

¡Cualquiera es un señor, cualquiera es un ladrón!

*Mezclaos con Stavisky van don Bosco y la Mignon,
don Chicho y Napoleón, Carnera y San Martín.
Igual que en la vidriera irrespetuosa
de los cambalaches se ha mezclao la vida,
y herida por un sable sin remache
ves llorar la Biblia contra un bandoneon.
Siglo veinte, cambalache, problemático y febril,
el que no llora no mama y el que no roba es un gil.
¡Dale nomás, dale que va,
que allá en el horno te vamo a encontrar!
¡No pienses más, tirate a un lao,
que a nadie importa si naciste honrao!
Si es lo mismo el que labura
noche y día como un buey
que el que vive de las minas,
que el que mata o el que cura
o está fuera de la ley.*

(26/7/2011)

Os orgulhosos velhinhos do Texas

A última viagem internacional que fiz, há mais de uma década, foi para o Texas. Lá, o grupo de jornalistas que eu integrava foi levado para várias cidadezinhas, nas quais, invariavelmente, conhecíamos um museu qualquer, guiados por um voluntário qualquer. Não falhava. Íamos almoçar em algum lugar, mas antes éramos levados para visitar alguma casa que havia virado um museu. E lá estava o guia, um aposentado (a) local que trabalhava como voluntário, que nos enchia, radiante de alegria, de informações sobre o local.

Fiquei impressionado com isso. Nunca vi tanta gente orgulhosa de suas coisas, de sua história como aqueles texanos.

Hoje, 7 de setembro, me lembrei disso e de uma matéria que a revista “Piauí” fez, acho que em 2007, com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, na qual, entre outros temas, ele falava sobre o que pensava do Brasil. Resgatei algumas de suas frases, verdadeiras pérolas que exemplificam um tipo de pensamento corriqueiro no país. Aí vão:

“Como eu ia dizendo, é bom ser brasileiro: ninguém dá bola.”

“Que ninguém se engane: o Brasil é isso mesmo que está aí. A saúde melhorou, a educação melhorou e aos poucos a infraestrutura se acertará. Mas não vai haver nenhum espetáculo de crescimento, nada que se compare à China ou à Índia. Continuaremos nessa falta de entusiasmo, nesse desânimo.”

“Quais são as instituições que dão coesão à sociedade?”

Família, religião, partido, escola. No Brasil, tudo isso fracassou.”

“No meu governo universalizamos o acesso à escola, mas para quê ? O que se ensina ali é um desastre.”

“A parada de 7 de setembro é uma palhaçada.”

“Parada militar no Brasil é pobre pra burro. Brasileiro não sabe marchar. Eles sambam... A cada bandeira de regimento a gente tinha que levantar, era um senta levanta infundável. Em setembro venta muito em Brasília e o cabelo fica ao contrário.”

Claro que não se deve levar FHC a sério. Há tempos ele virou uma caricatura de si mesmo e, assim, a personificação desse tipo de indivíduo com a mentalidade colonizada, que só enxerga defeitos em sua terra, um bobalhão que sabe apenas viver macaqueando os estereótipos cuspidos pelo hemisfério norte, os modismos de todo o tipo que os espetalhões de lá nos impingem.

Fico imaginando se nós, brasileiros, um dia conseguiremos nos livrar desse complexo de vira-latas que nos impede de ter orgulho de nós próprios e nos faz balançar o rabo para qualquer sujeito que fale inglês – não importa o sotaque.

Pelo menos nesse aspecto aqueles velhinhos do Texas levam vantagem sobre nós, pois são capazes de fazer os visitantes acreditarem que um museu de pesca espremido numa sala e composto de alguns ossos de peixes e umas partes de um barco é a coisa mais importante do mundo.

COMPORTAMENTO

Os orgulhosos velhinhos do Texas

Isso sem falar do Alamo, missão onde ocorreu a mais famosa batalha da independência do Texas, em 1836, cujas ruínas, em San Antonio, são reverenciadas como se fossem da mesma estatura, sei lá, das pirâmides do Egito ou do Taj Mahal.

Ou do Cristo Redentor abençoando a Cidade Maravilhosa.
(7/9/2011)

A lição de vida do Ademir

A doença do ex-presidente Lula fez muita gente refletir sobre como é frágil a condição humana, sobre como o inesperado é capaz de guiar o nosso destino – e outras tantas questões afins.

Está certo que Lula é um lutador, que já venceu muitas dificuldades em sua vida etc e tal, mas como diz o ditado, cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a ninguém.

Por isso, o nosso sincero desejo é que ele se cuide, siga direitinho o que a equipe médica mandar, tome os seus remédios na hora certa para que depois, restabelecido, volte a ser aquele simpático falastrão que vive a espalhar doses gigantescas de esperança para o povo brasileiro.

Também, que enfrente a vicissitude com o astral leve, otimismo e bom humor – afinal, rir é o melhor remédio, não é que diz o povo – sempre ele – e a “Seleções do Reader’s Digest”?

Há alguns anos, o jornalista Ademir Fernandes, um dos melhores profissionais com quem trabalhei e figura humana extraordinária – um dia alguém com mais competência que eu explicará o que isso, no caso do Ademir, quer dizer – ficou doente, muito doente mesmo, mas nem por isso deixou de ser o mesmo Ademir de sempre, bem-humorado, sempre com um trocadilho engatilhado, sempre com uma tirada de gênio a nos deixar atônitos – como é que alguém podia ter um raciocínio tão rápido, tão afiado, tão atento a detalhes?

Pois bem, tão logo saiu do hospital, o Ademir escreveu uma crônica para informar às centenas de amigos que an-

siavam por notícias suas como é que se encontrava.

Como faz muito tempo que ela foi publicada e como uma onda de baixo astral cobre o Brasil hoje, achei que seria oportuno oferecer aos amigos leitores essa pérola do Ademir, uma lição de vida, um tesouro que compartilho com todos na esperança de que sirva para levantar de vez o moral da tropa. Aí vai:

A RETIRADA DO TUMOR LESTE

(Relato de uma aventura hospitalar)

Por Ademir Fernandes

Entrei na sala de cirurgia como Ademir Fernandes e saí de lá nove horas depois como Rimeda Sednanref (me viraram pelo avesso). Mas a operação em si foi perfeita – Armando Nogueira diria que o bisturi do esculápio deslizou como uma pluma pelas judiadas entranhas do adelgado paciente. E bota adelgado nisso. Perdi tanto peso que meu e-mail ficou sem a arroba – acabou virando ademirquilonetwave.com.br...

Aos que se surpreendem com o meu novo visual, limito-me a explicar que segui as dicas daquele livro do Jorge Amado, “Dieta do Agreste”.

Na fase pós-operatória, tudo foi bem enquanto estive internado, durante 14 dias. Depois disso, já de volta para casa sem o esôfago e com tudo redesenhado – estômago mais pra cima, cólon mais pro lado senão não sai na foto, etc., etc., começou o drama. O metabolismo foi alterado quase que total-

mente, passei a sentir fortes crises de náusea só de olhar para alimentos que eu sempre gostei de comer. A overdose de remédio era tão grande que, ao ser apresentado a alguém, eu ia dizendo “muito Plasil”. Ligava o rádio na Jovem Buscopan e logo ouvia aquela musiquinha: “Vê, estão voltando as dores...” E, quando a enfermeira aparecia com a bandeja de curativos, a lembrança de um velho grupo musical carioca era inevitável: Quatro Gases e uma Seringa...

Na fase mais delicada, cheguei a dar uma espiadinha no outro lado da vida e notei que lá também funciona 24 horas por dia e aceitam cartão de crédito e pré-datado. A novela de maior Ibope é “Andando nas Nuvens”, e a turma das profundas curte muito o “Capeta & Planeta Urgente”. O pessoal mais nostálgico curte a Rede Vida. Na literatura, o bambambã é o Jorge “Alado”. No futebol, muitas almas torcem pelo Santos, outras pelo São Paulo e algumas pelo Santo André. Na área econômica, os anjos carentes têm direito a uma linha especial de crédito para aquisição de “asa” própria. O dinheiro grosso, no entanto – soube-se via “Infernet”-, rola bem mais embaixo. A diabada está enchendo os cofres com a proliferação dos famigerados “peque-e-pague”. Por via das dúvidas, achei melhor voltar rapidinho pro lado de cá. Já pensou se algum comando celestial me pega sem porte de “alma”?

É isso aí. É muito bom estar de volta pro lado de cá. E agora eu decidi trabalhar num ritmo mais moderado. Afinal, como diz o Robocop, ninguém é de ferro!

(31/10/2011)

Mercenários de branco

Meu amigo me liga para dizer que terá de fazer uma cirurgia complicada. Conversa vai, conversa vem, pergunto se o seu plano de saúde vai bancar os custos. E ele responde:

– Eles só pagam se você entrar no hospital via pronto-socorro, se você estiver já morrendo.

E contou que em outra cirurgia que fez meses atrás cometeu a besteira de não seguir o conselho do médico que o atendeu na emergência do hospital:

– Ele me disse que eu precisava operar, mas eu perguntei se poderia ser dali a um tempo. Como falou que sim, adiei. Quando fui marcar, me disse que custaria R\$ 10 mil. Perguntei se não dava para fazer pelo plano de saúde. Me disse que poderia, só que nesse caso teria de fazer um corte enorme na barriga e que a recuperação iria demorar uns 15 dias. Se fosse particular, usaria um robozinho, faria uns buraquinhos de nada e em dois dias eu já estaria fora do hospital.

Por sorte, a empresa em que meu amigo trabalha há 16 anos pagou metade da despesa. Agora, ele sabe que o custo vai ser umas três vezes maior. E espera que seu empregador seja tão benevolente como da vez passada.

Antes de acabarmos de conversar perguntei a ele se os médicos costumam cobrar antes ou depois da cirurgia.

– Acho que cobram depois. Mas mandam a conta por meio de um empregado deles, têm esse tal de assessor financeiro que dá a facada na gente.

Desliguei o telefone.

Pensei em como a vida pode ser perversa com pessoas

COMPORTAMENTO

Mercenários de branco

tão dignas e boas como esse meu amigo. E como o mundo pode ter produzido seres tão insensíveis como esses médicos que se aproveitam do sofrimento dos outros para tirar o quanto podem deles.

A conversa com o meu amigo me deu a certeza de que de nada adianta discutir planos e mais planos para a saúde pública se alguns profissionais da área têm esse tipo de concepção do que é o seu trabalho.

Com gente desse tipo a medicina no Brasil será eternamente inacessível para os pobres.

(22/11/2011)

Historinha de vida

Quando tinha uns quatro anos de idade, caí de cama com uma febre danada de alta e uma baita dor nas costas. Meus pais correram para chamar um dos únicos pediatras da pequena Jundiaí de então, fim dos anos 50. Ele foi até nossa casa e disse que eu estava apenas com uma gripe forte. Passados alguns dias, como a tal gripe não ia embora e eu piorava, meu pai correu novamente para chamar o tal pediatra. Ele estava numa festa, o capitão Accioly praticamente o obrigou a sair de lá para ir me ver. Meio chumbado, cheirando a uísque, o tal pediatra manteve o diagnóstico e ainda falou para a minha mãe o seguinte:

– Se a senhora tivesse mais filhos, não iria se preocupar com essa gripezinha desse aí.

Foi depois disso que meus pais foram em busca de outro médico, clínico geral, o dr. Nicolino de Lucca, conhecido por Jundiaí inteira.

Ele chegou, entrou no quarto, fez um exame superficial e decretou:

–Esse menino está com pneumonia.

E pleurisia, constatou um exame mais detalhado.

E lá foram uma semana no balão de oxigênio, 20 dias de cama e não sei quantas injeções de penicilina – isso mesmo, penicilina, que era o único antibiótico naquela época.

E assim consegui sobreviver – graças ao desvelo de meus pais e à competência do bom dr. Nicolino.

Conto aqui essa historinha porque percebi que algumas pessoas de quem gosto muito, médicas por profissão, fica-

ram incomodadas pelo que escrevi anteontem sobre alguns mercenários de branco. Em minha defesa quero dizer que não pretendi generalizar: claro que, como em todas as profissões, há os bons e os maus, os competentes e os incompetentes, os que se dedicam com extremo zelo ao seu ofício e aqueles que simplesmente veem nele um modo de engordar a conta bancária.

No jornalismo, por exemplo, há quem viva de jabás e quem perca a saúde, como o meu amigo da crônica de anteontem, depois de anos e mais anos de trabalho pesado, muito além das horas regulamentares.

Minha única preocupação é que a medicina não perca de vista que antes de qualquer progresso técnico, de qualquer medicamento milagroso, de qualquer aparelho de última geração, o mais importante para o bem-estar do paciente é ser atendido por alguém que carregue a compaixão no bolso de seu jaleco e a exiba sempre que for preciso.

Isso pode soar um tanto piegas, mas é que, no fundo, sou mesmo um sonhador.

(24/11/2011)

A síndrome da Fórmula 1

Muita gente ficou indignada com a resolução do Contran que desobriga os órgãos de trânsito a usar placas indicando a presença de radares nas vias públicas. Para essas pessoas, a medida faz parte do que se convencionou chamar de “indústria de multas”. Mas quem teve a oportunidade de viajar neste fim de ano, ou quem passa algum tempo dirigindo em São Paulo, sabe que isso ainda é pouco para coibir a ação de motoristas absolutamente despreparados, que são a principal causa dos acidentes e das mortes no trânsito.

O sujeito que é contra a nova resolução deve correr a 140 km/h ou mais nas estradas e quando vê uma placa indicando a presença de um radar, reduz a velocidade no trecho, para depois voltar a acelerar e fazer a pista se transformar no seu parque de diversão particular, pondo em risco a sua e a vida de muitos.

Ora, a sinalização de trânsito não existe por acaso. Ninguém coloca uma placa indicando estrada sinuosa se ela é reta, nem a de proibido ultrapassar se naquele trecho a visibilidade é ótima. Um semáforo existe para impedir que os carros se destruam num cruzamento.

Mas do jeito que as pessoas dirigem, parece que as placas são apenas objetos decorativos ou que não servem para nada além de poluir a paisagem – que não veem, já que passam por ela numa velocidade absurda.

O Brasil é um dos países que estão no topo do ranking daqueles em que o trânsito mais faz vítimas. A cada fim de ano aparecem as estatísticas macabras sobre o tema. Campa-

nhas educativas ou medidas como a “lei seca” parecem ter efeito mínimo para reduzir o número de mortos e feridos.

O motorista brasileiro parece sofrer da “síndrome da Fórmula 1”: todos se acham um Senna, um Fittipaldi, um Massa; o mais prosaico carro popular parece que foi feito para ser uma estrela dos circuitos internacionais; um inocente passeio num fim de semana se transforma numa feroz competição entre psicopatas.

O carro é uma das armas mais poderosas que existem – uma massa de aço e plástico de 1 tonelada, no mínimo. Infelizmente, ainda são poucos os que enxergam essa realidade, esse potencial destrutivo dessa máquina que estimula sonhos e desejos de bilhões de pessoas.

(28/12/2011)

Velocidade mínima

Se há uma coisa que não entendo é essa fixação do motorista brasileiro pela velocidade. Parece que cada um deles tem um Senna adormecido, que desperta tão logo dá a primeira acelerada no carro. E aí, então, é cada um por si e deus para todos, é um salve-se quem puder, é toda essa barbaridade que se vê no trânsito das cidades e nas estradas, com as suas consequências inevitáveis: acidentes, atropelamentos, mortes.

Leio que o governo paulista vai, a partir de 2013, mudar a forma de fiscalizar essa legião de pilotos de F-1 com a qual nós, as tartarugas do trânsito, temos de conviver. Junto com a mudança da forma de cobrança do pedágio para quilômetros rodados, que obrigará a instalação de sensores nas rodovias, haverá a fiscalização dos apressadinhos, aqueles que correm a 200 km/hora e desaceleram metros antes do radar. Com o novo sistema isso não será mais possível de ser feito, dizem as autoridades do trânsito.

Se a notícia for verdadeira, dou os parabéns a quem teve essa ideia. Estrada não é pista de corrida, rua não é lugar para brincadeiras. O carro é uma das armas mais mortais que existem e as estatísticas estão aí para mostrar que ele está fazendo cada vez mais vítimas.

Outro dia ouvi alguém no trabalho dizer que acha muito baixo o limite de velocidade das ruas paulistanas. “Tem hora, de madrugada, por exemplo, que as avenidas estão livres, e não há razão de andar a 60 km/hora”, disse o rapaz, que recebeu o apoio de outros colegas.

Infelizmente, muitos pensam como ele, acham que a sinalização de trânsito é apenas decorativa, que as placas estão ali só para enfeitar as ruas. E que, se não há nenhum carro à frente, o negócio é acelerar.

Eu já acho exatamente o contrário. Procuvo respeitar a sinalização porque entendo que, se ela está ali, não é de graça, alguém, mais entendido que eu dos perigos do trânsito achou por bem colocá-la, indicando, por exemplo, que o limite de velocidade é 60 km/h.

A rua pode estar com poucos carros no momento, mas quem garante que não vai aparecer algum pedestre atravessando, ou que algum carro vai cruzá-la, ou então que vou passar por algum buraco?

Acidentes acontecem, não é o que dizem?

Por essas e por outras acho que quanto menor a velocidade permitida, quanto mais sinalizadas e fiscalizadas as ruas e as rodovias estiverem, quanto mais multas forem aplicadas nesse pessoal que pensa que é piloto de F-1, melhor para todos nós que queremos ter uma vida longa.

Cautela a canja de galinha não fazem mal a ninguém, não é o que dizem?

(22/3/2012)

A coceira, a tireoide e a consulta de 2 minutos

Há alguns anos, assim sem mais nem menos, uma terrível coceira começou a me atormentar.

Fui então a um clínico geral do plano de saúde que havia contratado.

Claro que ele pediu alguns exames.

Viu depois o resultado – tudo normal.

Me mandou então para um alergista.

Claro que ele pediu mais exames.

Todos, menos um, estavam normais.

“Você deve ir a um endocrinologista, tem alguma coisa errada com os hormônios da tireoide”, disse.

Contei a história para o endocrinologista, que, claro, pediu um monte de exames – e me mandou fazer outros – peso, massa corpórea, essas coisas – numa sala de sua clínica.

Quando viu os exames, disse que eu estava com hipertireoidismo, me receitou alguns medicamentos – que deveria comprar numa farmácia de manipulação indicada por ele – e mandou que fizesse um ultrassom da tireoide.

Fiz, deu que havia um nódulo na glândula.

Tive de fazer uma punção para saber se o nódulo era maligno ou benigno.

Era benigno.

A coceira, algum tempo depois que comecei a tomar os remédios, sumiu.

Novos exames mostraram que os hormônios da tireoide

voltaram aos níveis normais.

Passei uns dois anos indo a esse médico, que pedia, a cada consulta, novos exames para ver se tudo ia bem com a danada da glândula.

Deixei de ir porque ele não atendia pelo plano de saúde do novo emprego que arranjei.

E também porque havia me cansado de, a cada vez que ia me consultar, ter de esperar pelo menos uma hora para ser atendido, apesar do horário marcado – certa vez a espera durou uma hora e meia.

Ele só atendia na sua clínica pela manhã – calculo que entre 30 a 40 pessoas.

Como conseguia essa façanha?

Simple: as consultas duravam, em média, uns 5 minutos.

No meu caso, mais ou menos uns 2 minutos, à exceção da primeira, que deve ter demorado uns 10 minutos.

Bem, para terminar essa historinha: o sujeito, graças aos exames, diagnosticou certo o que eu tinha, e os remédios – que comprei uma farmácia de manipulação indicada por ele, embora custassem a metade do preço em qualquer drogaria – fizeram efeito.

Mas...

Acho que seria legal se ele gastasse uns poucos minutos a mais para saber efetivamente como eu estava de saúde – medisse a pressão, auscultasse o coração e o pulmão, fizesse essas coisas todas que um médico de verdade deveria fazer toda a vez que consulta um paciente.

COMPORTAMENTO

A coceira, a tireoide e a consulta de 2 minutos

Paciente...

Taí uma boa palavra para me definir toda a vez que ia a essa clínica.

Precisei de muita paciência para aguentar o tipo.

Até que ela se esgotou e fui levar minhas indisposições a outro profissional.

Que também pediu exames e mais exames.

(17/7/2013)

Madame não gosta do funk

Em outros tempos o samba, um dos maiores patrimônios culturais do país, foi vetado pelas elites e combatido pela polícia.

Em 1945, já na metade do século XX, quando o ritmo estava consolidado na música popular, era cantado pelos mais conhecidos artistas, mas mesmo assim não era digerido pela burguesia, Janet de Almeida, irmão de Joel de Almeida, da dupla Gaúcho e Joel, gravou e lançou a música “Pra Que Discutir com Madame”, em parceria com Haroldo Barbosa, que foi anos depois magistralmente regravada por João Gilberto.

Sua letra expressa com exatidão tudo o que as classes “superiores” acham das coisas populares:

*Madame diz que a raça não melhora,
Que a vida piora por causa do samba,
Madame diz o que samba tem pecado,
Que o samba é coitado e devia acabar.
Madame diz que o samba tem cachaça,
mistura de raça, mistura de cor,
Madame diz que o samba, democrata,
é música barata, sem nenhum valor.
Vamos acabar com o samba,
madame não gosta que ninguém sambe,
Vive dizendo que samba é vexame,
Pra que discutir com madame.
No carnaval que vem também concorro,
Meu bloco de morro vai cantar ópera,
E na avenida entre mil apertos*

Vocês vão ver gente cantando concerto.

*Madame tem um parafuso a menos
Só fala veneno, meu Deus que horror,
O samba brasileiro, democrata,
Brasileiro na batata é que tem valor...*

O samba resistiu a todos os preconceitos e se impôs.

Há mesmo quem jure que até doutores gostam hoje dessa música, embora a maioria deles prefira ritmos e culturas importadas de climas mais frios.

Não foi uma batalha fácil essa do samba.

Durou décadas, deixou inúmeras vítimas pelo caminho, mas o combate valeu a pena, o samba se tornou o ritmo musical que mais expressa a alma brasileira, é tocado e cantado em todo o país – e isso não é nada fácil, considerando o gigantismo do Brasil e a multiplicidade e riqueza de sua cultura.

É verdade que, para ser vitorioso, o samba, nesses anos todos, teve de se adaptar, incorporar elementos sociais e artísticos que não o desfiguraram, mas sim, ao contrário, o fizeram mais rico.

Ele está aí, com os nomes de bossa nova, samba-canção, partido alto, pagode, samba-rock, sambalanço...

Mas se o samba mudou, o ódio das elites por tudo que vem do povo continua o mesmo.

Basta ver as notícias dos jornalões.

As madames de hoje podem até tolerar o samba em algumas de suas formas. Não suportam, porém que apareçam por aí jovens pobres, pardos, mulatos e negros, moradores

das periferias, com pouca ou nenhuma instrução, desempregados ou com subempregos, sem grandes perspectivas de vida, se distraíndo nos “templos de consumo” erguidos nas cidades com os nomes genéricos de shopping centers.

Como seus avós ou bisavós, esses jovens de hoje embalam suas festas com música.

Não, não é o samba. Eles preferem um negócio chamado funk.

Sinal dos tempos.

Afinal, esses jovens pobres, pardos, mulatos e negros cresceram ouvindo a música importada de gente do hemisfério norte parecida com eles, foram submetidos ao bombardeio incessante de uma propaganda que diz que a vida não tem sentido se não for vivida sob o signo das grifes, se alimentam de algo que traduzido ao português quer dizer “comida lixo” e têm como única ambição, graças a esse sistema que lhes nega qualquer valor moral e ético, ganhar dinheiro, consumir, abusar dos prazeres e levar vantagem em tudo.

As madames de hoje dizem que a vida piora por causa do funk, dizem que o funk tem pecado, que o funk tem maconha, é música barata e sem nenhum valor.

Mas as madames de hoje não dizem que quem criou os meninos pobres, pardos, mulatos e negros do funk foram elas próprias, com o apartheid social que impuseram a vida toda à maioria da população brasileira.

Como diz o ditado, quem pariu Mateus que o embale.

(18/12/2013)

A falta de argumentos

Quando era criança, bem novinho, lá longe, há mais de meio século, era costume a molecada tratar seus desafetos como nomes depreciativos como “Quatro Olhos”, “Gordo”, “Careca”, “Gaguinho” – qualquer coisa que lembrasse um defeito físico ou mental.

Acho que esse costume vigora até hoje entre a meninada, mas com o nome de uma palavra inglesa, “bullying”.

Quando a gente cresce, hábitos como esse são esquecidos.

Ninguém, por exemplo, vai chamar um colega de serviço, por mais que ele mereça o nosso ódio ou desprezo, por algo como “Analfa” – de analfabeto.

“Ei, Analfa, você viu como está o trânsito hoje?” – já imaginaram a confusão que seria alguém fazer uma pergunta dessas em voz alta, na frente de todos, lá no serviço?

Mas quem tem o costume de navegar pela internet e gosta de acompanhar os blogs e os sites sobre política, além de frequentar as redes sociais, está cansado de saber que há muitas pessoas que ainda não superaram a fase da infância e costumam travar debates como se tivessem ainda cinco anos de idade.

O ex-presidente Lula?

Ora, é apenas um “Apedeuta”, um “Nove Dedos”, um “Bêbado”...

A presidente Dilma?

Na falta de coisa melhor, pode chamá-la de “Dois Neurônios”.

E assim segue o debate político no Brasil por parte da-

COMPORTAMENTO

A falta de argumentos

quele 1% que não se conforma em ver o PT no governo federal.

Faltam argumentos para contestar os avanços econômicos e sociais do país?

Simple.

Apenas diga que os números incontestáveis são fruto da imaginação dos “petralhas” – seja lá o que isso quer dizer – e a discussão está encerrada.

(29/11/2013)

O país dos absurdos

Não sei se Tim Maia realmente falou isso, mas a frase é atribuída a ele:

“Este país não pode dar certo. Aqui prostituta se apaixona, cafetão tem ciúme, traficante se vicia e pobre é de direita.”

Seja como for, é uma sentença perfeita.

Tim morreu em 1998, antes portanto de Lula ter assumido a presidência.

O país, depois dele, tem menos pobres, mas eles continuam de direita.

As prostitutas continuam a se apaixonar, os cafetões a ter ciúmes e os traficantes a se viciar.

“A coisa que eu mais odeio é a hipocrisia. É a mentira da mentira” – é outra frase atribuída ao extraordinário cantor, assim como essa:

“Eu não aguento mais a imprensa. Ela está mais preta do que marrom. Todo jornalista gostaria de ser artista, todo redator é aquele que não conseguiu ser escritor e todo mundo quer ser cantor.”

Ou mais essa:

“O Brasil é uma terra de mestiço pirado querendo ser puro-sangue.”

Como é fácil perceber, não é à toa que os amigos chamavam Tim de “o Síndico” – a sua capacidade de perceber a “alma” do brasileiro era notável.

É verdade que, nos anos em que viveu, ele teve um farto material à sua disposição para dar, como se diz, asas à sua imaginação.

Nem tanto, porém, quanto teria hoje.

Afinal, devem ser poucos os lugares do mundo em que o acusado de um crime tem de provar que é inocente; em que o presidente da mais alta corte judiciária compra imóvel em Miami em nome de empresa fantasma; em que a imprensa não acha importante noticiar a corrupção no governo no maior Estado e na maior cidade da federação; em que notórios contraventores ditam a pauta de reportagem da maior revista do país; em que delegados que desbaratam esquemas de crimes do colarinho branco viram réus da ação; em que procuradores públicos põem em gavetas erradas pedidos de investigação; em que senadores pedem esclarecimentos ao ministro da Justiça por ele ter mandado investigar criminosos.

Fatos como esses, acho, seriam demais até para um Tim Maia.

Para dar conta de tamanha tarefa ele teria de contar com a ajuda, em tempo integral, de outro brasileiro com faro único para descobrir e revelar a canalhice do brasileiro, o infatigável Stanislaw Ponte Preta, criador do imorredouro Festival de Besteiras que Assola o País, o Febeapá.

Que dupla!

E que país!

(27/11/2013)

O mundo é dos espertos

Nestes dias de feriado, voltando calmamente para São Paulo, dois motoristas que avançaram como Sennas sobre meu Prisma para ultrapassá-lo em manobras perigosíssimas, em locais proibidos e muito acima da velocidade permitida, me brindaram com efusivos xingamentos.

Parecia que o errado era eu, que procuro respeitar as leis do trânsito, por achar que se fizer isso as chances de sofrer algum tipo de acidente são bem menores e também porque imagino que deve haver alguma razão para que elas existam.

Assim, se as placas indicam que a velocidade máxima de uma estrada é 60 km por hora, tento ao máximo não excedê-la, apesar de essa ser uma tarefa hercúlea, tal o número de motoristas apressados que encostam na traseira do meu bólido – outra desnecessária infração ao Código de Trânsito Brasileiro.

E por aí vai.

Respeitar as leis, sejam as de trânsito ou quaisquer outras, antes de mais nada é um dever do cidadão.

Uma das máximas de nossa Constituição é justamente essa, de que ninguém está acima das leis.

Nem dá para imaginar uma nação na qual as pessoas fazem tudo o que querem, onde não existam regras claras de convivência e onde tudo é permitido.

Seria o caos, a barbárie.

No Brasil se fala muito sobre corrupção, sobre malfeitorias variadas, sobre a criminalidade fora do controle, a violência imperando numa terra em que a grande maioria é fiel

cumpridora de suas obrigações e das leis.

No Brasil o mal é sempre obra de políticos corruptos ou de indivíduos pertencentes aos estratos mais pobres da população, os habitantes das periferias das cidades, negros e pardos, geralmente.

A classe média branca nunca faz nada de errado.

Depois de ver o motorista do segundo carrão que tentou me ultrapassar numa entrada de uma rodovia movimentadíssima, forçando a passagem por cima de uma área de trânsito proibido, lascar uma buzina estridente contra a minha ousadia de manter meu Prisminha na mesma velocidade e trajetória, ou seja, de obrigá-lo a desistir de me jogar fora da estrada, foi que pensei numa coisa simples, mas que explica muito do que ocorre no Brasil hoje: se pelo menos, digamos, a metade da população cumprisse as leis, não quisesse levar vantagem em tudo, a situação do país seria outra, bem melhor.

As pessoas fazem o que fazem por uma série de razões.

Mas principalmente por falta de educação e de punição.

Um sujeito que corre como maluco numa estrada a 160 km por hora quando a placa de sinalização indica que o máximo é 100 km, colocando em risco a sua vida e a de outras pessoas, faz isso porque nunca foi punido e porque é um ignorante, um analfabeto cívico.

Há um monte de maus políticos, é verdade.

Mas eles foram eleitos por cidadãos que se dizem de bem e que, na vida cotidiana, fazem um monte de coisas erradas,

COMPORTAMENTO

O mundo é dos espertos

infringem uma porção de leis.

E o pior de tudo é que, a cada dia, quem procura fazer tudo certo é tido por essas pessoas como um bobalhão, um verdadeiro idiota.

E além de tudo ainda é xingado.

(1/1/2014)

O brasileiro, esse hipócrita

Que povo interessante é o brasileiro...

Ele vive mergulhado em contradições, imerso em hipocrisia.

Nem percebe que leva a vida fingindo ser alguém que não é.

Paga um “cafezinho” ao policial para não ser multado, mas se insurge contra a corrupção dos políticos – só dos políticos.

Reclama que a saúde pública não presta, mas faz o impossível para fraudar o Imposto de Renda.

Diz que a inflação é uma praga, mas aumenta descaradamente os preços do serviço que presta.

Se acha esperto, culto, instruído, antenado, mas não perde uma novela da Globo – nem o BBB.

Esbraveja contra a falta de informação do povo, mas é assinante da Veja e da Folha.

Lamenta a falta de cultura da população, mas só lê Paulo Coelho.

Põe no carro o adesivo “Jesus me guia”, mas não respeita semáforo vermelho nem limite de velocidade ou a faixa de pedestres.

Paga uma fortuna para cursar uma faculdade, mas nunca tem tempo para estudar.

Entra no cheque especial todo mês, mas fica horas de papo furado no celular.

Xinga o funcionário público de vagabundo e preguiçoso, mas não sai do Facebook quando está trabalhando.

COMPORTAMENTO

O brasileiro, esse hipócrita

Jura que não tem preconceito nenhum, mas chama o porteiro do prédio de “baiano” – ou “Paraíba”.

Acha o máximo andar de metrô em Paris, mas aqui vai até na padaria da esquina de carro.

Indigna-se com o tapetão no futebol, mas não vê problema quando o juiz marca um pênalti roubado para o seu time.

Pede Justiça igual para todos, mas diz que bandido bom é bandido morto.

Adora seu filho, mas nunca brinca com ele.

Ama a liberdade, mas fica preso horas num congestionamento na cidade ou na estrada.

É democrata convicto, mas não suporta sindicalistas, manifestantes barulhentos, comunistas e petistas – afinal, democracia não é bagunça.

(6/4/2014)

O Brasil oficial, uma loucura

Mestre Ariano Suassuna costuma dizer, parafraseando outro mestre, Machado de Assis, que existem dois Brasis, o oficial e o real.

Esses dois Brasis não se entendem.

Um é o Brasil dos salões, dos rapapés, dos cerimoniais, do ar-condicionado, das cotações da Bolsa, das análises econômicas, do déficit primário, do PIB potencial, da academia, dos fardões envelhecidos – e das mentiras.

Outro, o Brasil real, é o da feira-livre, do cheiro apodrecido dos bueiros, dos rostos gretados pelo sol, do corre-corre em busca da grana de todo dia, do sufoco no ônibus e no metrô, da fila para comprar ingresso para o Fla-Flu, da cervejinha gelada com os amigos no boteco, da vida suada, difícil – e da verdade.

Esses dois Brasis são como água e óleo, não se misturam.

Estão afastados um do outro por milhões de anos-luz.

Mesmo assim, desde que o Brasil é Brasil, tenta-se mostrar, por parte dessa elite degenerada que domina o Brasil oficial, que há uma absoluta concordância entre esses dois entes, tenta-se apresentá-los, eles que são tão diferentes, como um só.

Dessa forma, o Brasil oficial seria como a pele do Brasil real, o disfarce perfeito para esconder as suas entranhas.

Mas se essa dicotomia vem de longe, nunca ela foi tão explicitada como nestes tempos.

Quem se guia pelo que lê, vê ou ouve da imprensa-empresa percorre os caminhos de um Brasil que não existe se-

não no imaginário de uma minúscula e ridícula casta.

Acaba habitando essa arquitetura cinza de um concreto que rejeita cores e imperfeições e afronta a natureza com a empáfia dos que se julgam superiores e predestinados a comandar os desígnios de milhões.

Na linguagem do Brasil real, estão no mundo da Lua.

Na tentativa desesperada de manter de pé um ideário sustentado pela exploração do semelhante, pela competição desmedida em busca do ouro, pelo desrespeito às mais mezinhas regras civilizatórias e pelo violento estupro dos direitos mais básicos dos seres humanos, não são raros os representantes desse Brasil oficial que entram, a cada dia que passa, em surtos psicóticos amedrontadores.

Deixam de ser loucos mansos e se tornam furiosos .

Estariam mais bem colocados, seriam bem mais assimilados, em qualquer um dos inúmeros manicômios do Brasil real, junto com santos barbudos, profetas desdentados, milionários piolhentos, catatônicos e esquizofrênicos.

Como não suportam o Brasil real, sentem-se no seu ambiente nesse incrível Brasil oficial que construíram com a sua imaginação delirante.

E vão em frente, cantando hinos sectários e gritando palavras de ordem estapafúrdias.

(21/3/2014)

O prefeito esquizofrênico

Reunião de condomínio é sempre interessante.

Muito menos pelo que se discute sobre a ordem do dia, mas principalmente pelas conversas paralelas.

Um dos condôminos, morador na capital, capitalizou a assembleia.

Era só dar uma brecha que ele mostrava o quanto estava por dentro da conjuntura do país.

– A situação não está só ruim aqui no interior, mas no Brasil todo – pontificou.

Na discussão sobre uma obra num terreno ao lado do prédio, parada devido à falta de autorização ambiental, ele voltou a iluminar o salão social com suas observações:

– Pois é – disse, virando-se para o síndico –, bem-vindo ao mundo real. Eu, no meu trabalho passo por isso todos os dias. A burocracia no Brasil é insuportável, principalmente nessa área de meio ambiente. Não podemos cortar uma árvore que é um escândalo...

E seguiu nessa trilha.

A certa altura, ao fazer uma comparação entre a capital e a cidade onde mantém seu apartamento de lazer, não se conteve:

– Vocês daqui reclamam sem razão. Lá na capital temos um prefeito esquizofrênico, que passou a pintar de vermelho tudo quanto é rua para fazer ciclovias e não para de aumentar as faixas exclusivas de ônibus. Sobrou só uma faixa para os carros... Esse governo estimula há 12 anos a venda de carros, as pessoas saem comprando carros com não sei quantas

prestações, os carnês até apodrecem, e agora ele não quer que a gente use o carro! Eu ando de bicicleta no fim de semana, mas imagine um executivo indo trabalhar de bike todos os dias, naquelas subidas... São Paulo não é Amsterdã.

Depois dessa intervenção, ele passou a falar de sua família, do filho que está numa faculdade americana.

– Fui visitá-lo neste ano, contou.

E arrematou:

– Ele ganhou uma bolsa daquele programa, “Ciência sem Fronteiras”. A faculdade é maravilhosa, não tem bagunça como as daqui...

Pelo jeito, ele é um bom pai, amoroso, gosta muito de sua família.

Poderia, porém, ser mais justo: um dos criadores do programa “Ciência Sem Fronteiras” é justamente o prefeito “esquizofrênico” de São Paulo, Fernando Haddad, na época ministro da Educação.

Aliás, o melhor ministro de Educação que o Brasil já teve.

E um prefeito que vem revolucionando a vida na capital paulista, investindo contra dogmas ultrapassados e criando uma nova cultura urbanística e social.

Sem esses loucos o homem ainda estaria morando nas cavernas.

(6/12/2014)

A alcaeteia faminta e a paz de espírito

Por mais que tente, a minha oceânica ignorância não me permite entender esse pessoal que vai à missa ou outros cultos religiosos, é visto em algumas ocasiões movendo os lábios, como se estivesse rezando, dá, quando em vez, esmolmas enquanto espera o semáforo abrir em seus carrões, e não admite que o pobre melhora de vida, que o miserável não passe fome, que os médicos, cubanos ou marcianos, deem assistência a quem precisa.

Ora, se não fazem a menor questão de que este mundo em que são obrigados a viver melhora, um pouco que seja, que as pessoas tenham uma existência digna, ao menos deixem em paz quem luta por isso.

Ou seja, numa linguagem que todos entendem, parem de encher o saco de quem está fazendo algo para diminuir a desigualdade social a fim de que todos, eles inclusive, vivam num Brasil melhor que o de hoje.

Se têm divergências ideológicas, políticas ou partidárias, que as explicitem, mostrem que o caminho que recentemente passaram a defender é melhor que o escolhido pelo atual governo.

Espalhar boatos, calúnias e mentiras, xingar a presidenta, o ex-presidente, ameaçar ir embora do país, demonizar o PT, implorar por um golpe de Estado, não são atitudes de gente civilizada.

Diria até que demonstram um alto grau de patologia.

O caminho para mudar os rumos do Brasil ao seu gosto é elaborar um projeto alternativo ao dos trabalhistas, que

COMPORTAMENTO

A alcateia faminta e a paz de espírito

vise não só enriquecer os mais ricos, mas ampliar as oportunidades dos mais pobres, e apresentá-lo à nação o mais rapidamente possível, quem sabe já nas próximas eleições.

Mas parece que essa via, para tais pessoas, é inviável, por exigir trabalho, talento e um aparelhamento intelectual de que infelizmente não são dotados. Por isso, para a desgraça de todos nós, agem como uma alcateia faminta, com os dentes prontos para dilacerar qualquer pobre vítima que encontrarem pela frente.

E depois vão à missa para rezar pela paz no mundo e tentar salvar suas almas.

(31/10/2014)

Escrever, para quê?

Nestes tempos em que as relações humanas se transformam, ditadas pela conveniência das redes sociais, e a informação se propaga instantaneamente via internet, a escrita, como instrumento civilizatório, perde a sua importância, tal a quantidade de mensagens que cruzam o nosso cérebro, a todo instante.

Então, por que continuar nesta tarefa cansativa de escrever, se do que se escreve quase nada permanece na consciência do leitor?

Sei quase nada das razões dos outros.

Deve haver quem escreva na tentativa de convencer seus interlocutores sobre a primazia de seus pontos de vista ou sobre a excelência de seu pensamento.

Deve ainda haver quem escreva porque se julga capaz de, ao escolher as suas palavras, dar uma contribuição fundamental à arte literária.

Ou então, escavando mais profundamente as razões que levam o mundo a ter tantos escribas, deve haver quem cometa tal ato porque se sente como o naufrago que se acha prestes a ser engolfado pelas ondas mortais da desrazão.

Enfim, cada qual tem seus motivos.

Por mim, cada vez que me disponho a travar esse diálogo com o desconhecido, lembro de uma frase de José Saramago, escritor genial, ser humano amargo e profundamente ético:

“Aprendi a não tentar convencer ninguém. O trabalho de convencer é uma falta de respeito, é uma tentativa de colo-

nização do outro.”

Escrevo sempre com essa frase em mente: não tenho nenhuma pretensão de ser dono da verdade, embora muitas vezes, em minha imodéstia, acredite estar coberto de certas imutáveis.

Mais: sei que, sejam quais forem meus argumentos, eles não convencerão ninguém das minhas razões – se é que as tenho –, porque o outro, a quem respeito como um igual, também estará cheio de verdades incontestáveis.

Dito isso, novamente recorro a esse notável português para que, com sua lógica impecável, ele traduza o sentimento que me ocorre toda vez que enfrento o teclado para que ele transforme sentimentos, emoções, ideias e expectativas em frases minimamente compreensíveis:

“No fundo, todos temos necessidade de dizer quem somos e o que é que estamos a fazer e a necessidade de deixar algo feito, porque esta vida não é eterna e deixar coisas feitas pode ser uma forma de eternidade.”

(13/3/2015)



POSFÁCIO

Estas crônicas foram editadas pelo autor.
Os leitores, portanto, devem culpar só a ele
por eventuais falhas, enganos ou mesmo erros grosseiros.
O trabalho de revisão dos textos contou com a ajuda
inestimável de Lilitiana Akstein, que também
foi a responsável por transformá-los num e-book.